

LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

A ARTE E A NATUREZA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A
EXPERIÊNCIA CRIATIVA

Maria Eduarda Simão Ribeiro

Mestrado em Ensino das Artes Visuais

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
Orientada pela Professora Doutora Ana Isabel Tudela L.G.de Sousa

2019

*(...) o sonho é ver as formas invisíveis da distância imprecisa, e,
com sensíveis movimentos da esperança e da vontade,
buscar na linha fria do horizonte a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte - os beijos
merecidos da verdade.*

in A MENSAGEM, Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Doutora Ana Sousa, por toda a disponibilidade, apoio constante, motivação e rigor.

Às Professoras Doutoras Margarida Calado e Odete Palaré, sempre dispostas a ajudar os seus alunos.

À professora Cristina Fernandes, pela sua cooperação, recetividade e por abrir as portas da sua sala de aula, da sua turma do 8º C. Agradeço também ao 8ºC pela sua participação e boa vontade nesta experiência, demonstrando trabalho, esforço e empenho. Aos colegas da turma, pelo seu companheirismo e espírito de equipa que tornaram todo este processo mais simples.

Aos meus amigos por todos os bons momentos passados que permitiram redobrar os níveis de motivação, por todo o apoio, carinho e dedicação.

À minha família pela ajuda constante, por me permitirem seguir os meus sonhos e me apoiarem sempre nas minhas decisões. O meu agradecimento a todos aqueles que de uma maneira ou outra, ajudaram-me a concretizar este projeto e, tornaram esta experiência mais enriquecedora.

RESUMO

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada “A ARTE E A NATUREZA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A EXPERIÊNCIA CRIATIVA” consiste na sistematização do projeto pedagógico desenvolvido com alunos do 8º ano, do 3º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da disciplina de Educação Visual, no Externato da Luz em Lisboa. Este estudo surgiu e desenvolveu-se a partir da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais da Universidade de Lisboa, e resulta da implementação de uma unidade didática que promoveu o desenvolvimento de um projeto artístico, com propostas pedagógicas diversificadas. A questão que permeou esta investigação-ação foi:

Como um ensino de arte significativo, com a aprendizagem do desenho e o estudo dos movimentos artísticos, pode contribuir para a psicomotricidade e para o conhecimento estético do educando?

A ação pedagógica teve como ponto de partida melhorar a expressão plástica, desenvolver a criatividade, o sentido crítico e a autonomia do aluno, assim como, o incremento da cultura visual, e criar nos alunos o interesse pelas Artes Visuais, pelo património nacional e internacional. Para uma prática consciente e informada, recorreu-se também a técnicas de agilização do pensamento criativo como o mapa mental e, um conjunto variado de experiências temáticas e técnicas, na promoção de uma atividade pedagógica rica, centrada no desenvolvimento do aluno. Pretendeu-se deste modo, motivar os alunos para uma prática regular do desenho e a descoberta de uma expressão gráfica e artística própria (individual). Nas diferentes fases do projeto, cada aluno desenvolveu o seu trabalho, com aplicação das técnicas e dos conteúdos lecionados que proporcionaram e contribuíram para encontrar novas ideias, resolver os problemas e impulsionar a criatividade. Observando-se um incremento na consciência estética e plástica dos educandos, bem como na sensibilidade às Artes Visuais e Património.

Palavras-Chave: Diário Gráfico, Desenho, Arte, Cultura Visual, Criatividade

ABSTRACT

The present Supervised Teaching Practice report “ART AND NATURE AS A STARTING POINT FOR THE CREATIVE EXPERIENCE” consists in systematizing the pedagogical project developed with 8th grade students, in the 3rd Cycle of Basic Education, within the scope of Visual Education, at the Externato da Luz in Lisbon. This study arose and developed from the Supervised Teaching Practice of the master’s in visual arts teaching at Universidade de Lisboa, and results from the implementation of a didactic unit that promoted the development of an artistic project, with diversified pedagogical proposals. The question that permeated this action research was:

How can meaningful art teaching, with learning of drawing and the study of artistic movements, contribute to the psychomotricity and aesthetic knowledge of the student?

The starting point of the pedagogical action was to improve the plastic expression, to develop the creativity, the critical sense and the autonomy of the student, as well as the increase of the visual culture, and to create in the students the interest for the Visual Arts, for the national and international heritage. For a conscious and informed practice, it was also used several techniques to expedite creative thinking such as the mind map, and a varied set of thematic and technical experiences, in the promotion of a rich pedagogical activity, focused on student development. The aim was to motivate the students to a regular practice of drawing and the discovery of their own graphic and artistic expression (individual). In the different phases of the project, each student developed their work, applying the techniques and contents taught that provided and contributed to find new ideas, solve problems and boost creativity. Increasing the students' aesthetic and plastic awareness, as well as their sensitivity to the Visual Arts and Heritage.

Keywords: Graphic Diary, Drawing, Art, Visual Culture, Creativity

Índice

RESUMO	vii
INTRODUÇÃO	1
1 Investigação/ Enquadramento Teórico	3
1.1 Ensino das Artes Visuais - Teorias Pedagógicas	3
1.1.1 Desenvolvimento - Contexto Histórico - Educação Artística.....	3
1.1.2 Primeiro paradigma - Pedagogia Naturalista - Expressão	4
1.1.3 Segundo paradigma - Pedagogia Formalista - Cognição.....	7
1.1.4 Terceiro paradigma - Pedagogia Formalista - Compreensão	9
1.1.5 Quarto paradigma - Pedagogia Estética - Apreciação	11
1.2 Aprendizagens e Competências desenvolvidas em Educação Visual	14
1.3 A Importância do Ensino Artístico no desenvolvimento dos alunos	19
1.3.1 Desenvolvimento da criança.....	19
1.3.2 Expressão Livre	20
1.3.3 Experiência Estética	21
1.3.4 Criatividade	22
1.3.5 Motivação	24
1.4 Escola - Instituição - História.....	27
1.4.1 Espaço e Localização.....	29
1.4.2 Projeto Educativo	29
1.4.3 Oferta Educativa Formativa - População Escolar.....	32
1.5 Caracterização da turma.....	35
1.6 Educação Visual - Recursos/ Sala.....	39
1.7 Planificação anual e mensal de Educação Visual / Plano anual de Atividades do 8ºano	40
1.8 Conteúdos Pedagógicos.....	40

2	Planificação da Unidade Didática.....	48
2.1	Unidade Didática.....	50
2.2	Objetivos e Metas. Curriculares	51
2.3	Atividades/estratégias - Conteúdos e Recursos Educativos.....	52
2.4	Avaliação da Unidade Didática.....	74
3	Intervenção Letiva	77
3.1	Descrição das aulas	77
3.2	Avaliação das Aprendizagens	83
3.3	Resultados	87
4	Conclusão (Reflexão)	90
5	Referências	95
6	Sites Consultados.....	98
7	Índice de Figuras.....	101
8	Índice de Quadros	102
9	Anexos	103
10	Apêndices	104

INTRODUÇÃO

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada consiste na sistematização da prática pedagógica e implementação de Unidades de trabalho, de diferentes naturezas, inseridas de acordo com os conteúdos abordados nas aulas de Educação Visual, projeto pedagógico desenvolvido com os alunos do 8ºC, do 3º Ciclo do ensino básico, no Externato da Luz em Lisboa.

A Unidade Didática implementada contou com um total de doze aulas, seis blocos semanais de noventa minutos cada, incluindo sessões diversificadas com aulas temáticas, como por exemplo uma aula ao ar livre (jardim) e uma exposição final dos trabalhos aberta a toda a comunidade educativa.

A Arte e a Natureza são temas, são referentes muito frequentes para a realização e conceção de objetos artísticos ou ligados a atividades artísticas. É frequente observarmos que para a realização de determinados trabalhos de atividades artísticas, partindo da influência de obras artísticas específicas. Algumas destas realizações partem de uma única obra, como podemos observar na unidade didática que decorreu no 2º período, sobre o tema: Cor, luz e forma na composição plástica, que solicitava os alunos da turma a recriarem a obra “Os girassóis” do artista Van Gogh. As atividades artísticas oferecem aos educandos essa oportunidade de aprender face a determinados propósitos e situações do seu dia a dia. A Natureza, há muito que é um referente utilizado pelo ser humano, para comunicar e para construir conhecimento sobre o espaço onde ele habita, criando novas soluções e novas ideias na resolução de problemas.

O tema da investigação implementada na escola, vai ao encontro das ideias de proteção, respeito e conservação da natureza. A instituição escolar Externato da Luz é uma Eco Escola, instituição com valores e preocupações ambientais, que ao longo do ano letivo participou e dinamizou atividades no sentido de proteger o ambiente e a natureza, proteger a nossa casa comum.

O objetivo da intervenção pedagógica teve como ponto de partida melhorar as competências dos educandos relativamente à observação, ao registo gráfico, através de diversos exercícios de experimentação de técnicas distintas e expressivas, em diferentes suportes, como por exemplo o Diário Gráfico. Pretendeu-se deste modo, motivar os alunos para uma prática regular do desenho e a descoberta de uma expressão gráfica própria.

No campo do desenvolvimento cognitivo e psicossocial do aluno, foi realizada uma investigação, recorrendo a técnicas de agilização do pensamento criativo, como a aplicação do Mapa Mental e, num conjunto variado de experiências técnicas e temáticas, na promoção de uma atividade pedagógica rica, para o desenvolvimento do aluno. A promoção da criatividade durante todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos, das ideias, das soluções possíveis, para que o aluno seja capaz de resolver e desenvolver os seus trabalhos. Confirmar se as propostas pedagógicas aplicadas, cumprem um dos pré-requisitos do processo ensino-aprendizagem de sucesso. Compete-nos a nós professores, gerir com dinamismo e criatividade o processo de ensino-aprendizagem, que pode ser traduzido em diversas abordagens, numa determinada metodologia.

Devemos entender e refletir sobre toda a conceção e desenvolvimento do Currículo, bem como tomar consciência das competências a desenvolver e a sua correta implementação. A proposta de trabalho aqui apresentada promove o Currículo como um plano, como projeto, onde os objetivos foram pré-definidos face a todas as atividades a realizar. O Currículo também é flexível, desenvolve-se como projeto e o planeamento das várias fases de desenvolvimento deste vai-se ajustando ao contexto onde está a ser aplicado e ao perfil dos alunos.

1 Investigação/ Enquadramento Teórico

1.1 Ensino das Artes Visuais - Teorias Pedagógicas

1.1.1 Desenvolvimento - Contexto Histórico - Educação Artística

A Arte até ao séc. XVIII era encomendada para o bem-estar do indivíduo e face às suas necessidades. Em 1850, com a industrialização e a aplicação de novos materiais, os empresários perceberam que a arte podia ser aplicada aos objetos, destacando-se no design, apostando-se na formação dos empregados para que a concorrência pela diferença dos objetos produzidos ampliasse os ganhos. Walter Smith foi um exemplo dessa diferença, recrutado pela Universidade de Boston, pela visibilidade que adquiriu em Inglaterra sendo pioneiro no ensino em relação à nova funcionalidade da arte. Fundou a primeira escola no país *The Massachusetts Normal Art School*. Implementou no currículo os princípios do treino artístico que são os seguintes: treinar o olhar para uma apreensão cuidada, treinar a gestualidade para representar com qualidade, treinar a memória relativamente às imagens e formas observadas e refinar o gosto através da leitura e observação de formas de arte. O método então utilizado por Smith era obtido pela cópia de desenhos e de observação de objetos. A realização de cópias de desenhos (repetição) do quadro, realizados pelos educandos. Era considerada a única forma dos educandos aprenderem, visto que as salas de aula contem muitos alunos e o tempo disponível para a prática do ensino artístico ser muito diminuto.

Nos finais do século XIX e início do século XX, a ideia comum, era a de que qualidades como o desenho ou produção artística tinham muito pouco a ver com a inteligência humana. A arte não estava relacionada com a inteligência, no geral, mas era considerada como um talento especial. Os currículos do ensino dedicavam-se sobretudo ao desenho de objetos, os quais eram agrupados em arranjos tipo natureza morta e desenhados sugerindo a terceira dimensão em superfícies bidimensionais. A cópia de estampas era a forma de desenho da altura ou então, mas mais raramente, o desenho realizado a partir da observação da natureza. O maior grupo de atividades no domínio das artes consistia sobretudo nos trabalhos manuais ou nas artes aplicadas, dado estarem relacionadas com a criação de objetos utilitários e serem aplicadas no mundo industrial.

A Educação no início do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, alterou-se, surgindo um movimento de educação de índole progressiva. Acreditava-se que o ensino devia ser baseado no desenvolvimento natural das crianças e que a educação devia ser baseada em experiências reais relacionadas com a vida social da comunidade. As escolas daí resultantes davam grande importância ao interesse das crianças em vez de veicularem conceitos abstratos. A Educação pela Arte, para a Arte ou com Arte foi-se transformando enquanto nomenclatura sem deixar, no entanto, que o conceito que a define se sustente pela sua evolução histórica em quatro paradigmas: expressão; cognição; compreensão e o estético. Tomei conhecimento e contacto da existência dos Paradigmas e das Teorias Pedagógicas quando frequentei o Mestrado em Educação Artística, com o docente Professor Doutor João Pedro Fróis. O Professor João Pedro Fróis é professor, investigador da Universidade de Lisboa (Faculdade de Belas Artes) e autor de algumas obras como *Primeiro Olhar* (2011), no campo da educação artística e da educação nos museus (serviço educativo e programas de formação).

Os autores Herbert Read, Victor Lowenfeld, Howard Gardner, Piaget, Michael Parsons e Ralph Smith, entre outros, desde finais do séc. XIX influenciaram este conceito e ajudaram a reformular o sistema educacional integrando como disciplina transversal a Educação pela Arte.

1.1.2 Primeiro paradigma - Pedagogia Naturalista - Expressão

Franz Cizek em 1904, como professor de arte em Viena, introduz novas estratégias pedagógicas nas aulas de arte. As suas estratégias pedagógicas promovem e estimulam os estudantes a representarem visualmente as suas reações e as percepções pessoais sobre acontecimentos da sua vida. Cizek, acreditava que as crianças eram capazes de exprimir individualmente os acontecimentos e, por conseguinte, seria possível adaptar os programas pedagógicos. A criança, deverá ser acompanhada no seu processo criativo, de forma a estruturar-se sensivelmente por professores capazes desse processo. Cizek, opunha-se ao ensino convencional da arte e Victor Lowenfeld foi seu aluno. Em vez disso, propôs um tipo de ensino no qual método, material, assunto e objetivo eram deixados à escolha da criança, e estavam lançadas as bases para um novo paradigma na educação artística.

Victor Lowenfeld, grande crítico do Sistema da época, considera que este Sistema de ensino atribuía maior importância à aprendizagem realizada através da memorização de factos reproduzidos pelo professor. A função do sistema escolar estabelecido neste período consistia em criar pessoas capazes de armazenar informação, para depois a reproduzir, sem se questionar ou procurar respostas por elas próprias, descobrir novas soluções, repensar, o que torna o processo limitado a respostas previamente determinadas, sem qualquer sentido crítico. Lowenfeld afirma que: «O [Homem] aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação do homem com o seu meio» (Lowenfeld, 1970, p.17).

Alguns autores, artistas, investigadores, psicólogos, começaram a interessar-se e a escrever sobre a arte realizada pela criança, reconhecendo o potencial estético nas suas composições.

The National Art Education Association foi uma obra fundamental, que marcou e causou rutura no período entre 1940/1950, deste método Antipedagógico, sendo um dos autores Victor Lowenfeld, que a convite de D`Ámico integrou esta obra, tendo sido uma das maiores influências para o desenvolvimento da Teoria Pedagógica “Educação pela Arte”. O conceito inerente a esta teoria defende que os alunos devem compreender e aplicar as expressões artísticas compreendendo a arte em relação à história e às culturas; refletir e avaliar os méritos do seu próprio trabalho e o dos outros, fazendo conexões e/ou ligações entre arte e outras disciplinas curriculares.

Os primeiros pedagogos a iniciar o pensamento sobre a Educação Estética foram Montessori, Petalozzi, Froebel, Rousseau, entre outros, que propunham como objetivo geral da educação, promover e desenvolver a expressão individual em cada ser humano, a sua individualidade com o grupo social.

A então designada Educação Estética, hoje entendida como Educação Artística, teve a sua origem na aplicação de uma filosofia estética, descrita por Herbert Read em *Educação pela Arte* (1943), que reúne teorias de diversos autores defensores de pensamentos e experiências nas mais diversas áreas científicas. Esta corrente *expressionista* tinha como princípio de que o objetivo de cada homem e cada mulher na vida era o de se exprimir, de realizar a sua individualidade através do trabalho criativo. Read afirma na sua obra *Educação pela Arte* que: «(...) o objetivo geral da

educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence» (Read, 2010, p.21). É a estimulação dos sentidos na apreensão do conhecimento que fomenta um desenvolvimento cognitivo em harmonia com o desenvolvimento físico. Não é um ensino que assenta simplesmente na memorização de matérias e de conteúdos, a educação deve ser em prol da união, da partilha de conhecimentos e de saberes entre os indivíduos e não basta transmitir informações, conceitos do mundo exterior, é necessário associá-las com imaginação, qualidades que se acreditava estarem presentes em crianças e em artistas. Um bom docente, tem de deixar o aluno ter liberdade para poder imaginar o que quiser, e essa imaginação deverá ser passada para o papel. A relação aluno e docente deve basear-se na compreensão, no respeito do indivíduo, tendo em conta a individualidade e a personalidade do aluno.

A grande preocupação de Read estava em tornar a Arte como disciplina transversal a todas as outras, apresentando os professores educadores como conhecedores da pedagogia prática e artífices que unem o indivíduo e o meio. Fundamentando que: «o objetivo da educação pode ser apenas o de desenvolver ao mesmo tempo que a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo» (Read, 2010, p.18). Pretende deste modo, estabelecer a relação entre o indivíduo e o meio, introduzindo mais ou menos valores, mas fazendo-o essencialmente através da Arte, usando a Arte como veículo para alcançar novos conhecimentos. Na sua obra *Educação pela Arte* (1943), Read cita inúmeros autores e situações que o levaram a defender a educação como ferramenta de união, libertadora no processo de desenvolvimento do indivíduo. Defende um processo educativo, de crescimento do indivíduo, fosse ele criança ou adulto, onde este assentava num processo artístico e de autocriação.

Quanto à obra de Lowenfeld *O crescimento Criativo e Mental* (1970), esta tornou-se uma grande influência na educação pela arte durante a segunda metade do século XX, que defende sempre que uma forte orientação psicológica fornece a base científica para a expressão criativa e as práticas a cultivá-la. O autor defende a educação pela arte, percebendo a criança no seu todo, reforçando a utilização dos sentidos e a corporalidade na consciencialização das próprias expressões. Criou uma metodologia, baseada em seis estádios de desenvolvimento (crianças e jovens) e,

acompanhou Read na implementação da Educação pela Arte no currículo e nas mentalidades nos E.U.A. no século XX.

1.1.3 Segundo paradigma - Pedagogia Formalista - Cognição

Numa sociedade democrática, a Educação deve ter como objetivo prioritário o ser comum a todos os indivíduos e acessível a todos.

Howard Gardner (1983), considera que todos os indivíduos têm tendências individuais para uma determinada área, ou seja, áreas que gostam mais do que de outras e onde são mais competentes. É publicada e apresentada pela primeira vez em 1983 a obra *Frames of Mind*, a Teoria das Inteligências Múltiplas foi construída e desenvolvida por Howard Gardner. Lecionou Psicologia Cognitiva e Educação em Harvard e foi também professor adjunto de Neurologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Boston. As inteligências múltiplas são designadas por: Naturalista, Linguística, Musical, Lógica, Cinestésica, Espacial, Existencial, Interpessoal e Intrapessoal. A Teoria das Inteligências Múltiplas foi a sua teoria mais conhecida, apesar do seu trabalho se desenvolver tanto a nível da psicologia cognitiva como da sua aplicação à educação.

Gardner (2000) por seu lado, considera que durante o crescimento do indivíduo, este desenvolver-se rodeado por um certo meio ambiente, seja ele cultural, social, familiar ou outra comunidade envolvente, passando por vários estágios de entendimento e de aprendizagem. A Educação para Gardner está centralizada no aluno e a aprendizagem desenvolve-se com base num projeto contínuo (numa construção). Gardner considera que o aluno deve fazer as suas reflexões pessoais, deve buscar formas de aprender e ter a possibilidade de interagir e comunicar com pessoas (artistas e/ou educadores) das diferentes áreas artísticas. Durante as suas realizações, o aluno deve ter também a possibilidade ao realizar algo, realizá-lo com a sua própria expressão. Para Gardner, o professor tem o papel de promover nos seus alunos uma aprendizagem através da ação. Ao envolver os alunos em todo processo, no modo de fazer e no modo de pensar, não descorando toda a informação já existente e construída por pessoas envolvidas nas artes. O aluno deve estar envolvido na produção dos seus trabalhos; na perceção e na reflexão das obras observadas e sobretudo, o aluno deve desenvolver o pensamento crítico e criativo. Gardner considera a Arte uma atividade da mente, que usa e transforma os símbolos. Segundo o autor, discutir e/ou falar sobre

Arte é uma forma de conhecimento preciosa, que não substitui o pensamento nem a resolução de problemas.

O pedagogo Jean Piaget (1954) influenciou Gardner com as suas teorias. Jean Piaget estudou Biologia na Suíça, mas dedicou-se sobretudo à Psicologia, mais especificamente à Epistemologia Genética e à Educação. De uma forma resumida, a Epistemologia Genética consiste na teoria do desenvolvimento do indivíduo por etapas, etapas estas, que passam por processos de assimilação e de acomodação. A teoria proposta por Piaget considerava que o entendimento do desenvolvimento da cognição humana estava relacionado com a carga genética individual (do indivíduo), isto é, com a influência do meio ambiente, do meio cultural ou familiar no desenvolvimento do indivíduo. Piaget destaca e descreve que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo passa por vários os *estágios* de conhecimento durante o desenvolvimento individual. A própria produção dos objetos artísticos, ou seja, a experiência artística, desencadeia no indivíduo um processo de aperfeiçoamento e de aquisição de novos conhecimentos sobre si e sobre o mundo.

O processo de criação artística sempre foi para Lowenfeld mais importante do que o final obtido. Lowenfeld apoiou-se mais nas ideias de Micheal Parsons, no estudo *How we Understand Art: a Cognitive Development Account of Aesthetic Judgment* (1987), quando considera a Educação como um “caminho” de promoção da criança, que cresce de forma mais criativa, aplicando a suas experiências nas situações do dia a dia. As primeiras manifestações (expressões) da criança tem um carácter mais social antes mesmo de se tornar uma linguagem interior do próprio indivíduo. É principalmente no contacto com o outro no meio social (sociedade), que o indivíduo conhece o outro indivíduo e dá-se a conhecer. A criança nas experiências que tem com os outros indivíduos, capta e desenvolve este processo de interiorização da linguagem.

Segundo Rudolf Arnheim (1998), o meio e a forma influenciam a aprendizagem e, são veículos facilitadores para atingir o conhecimento. Para além da informação que o indivíduo recebe do mundo através dos sentidos, o conhecimento, o autor inclui também as imagens mentais e os conhecimentos adquiridos na sua experiência de vida. Estas são fundamentais para a percepção e, para haver diferenciação. O nosso único acesso à realidade passa pela experiência sensorial, ou seja, através dos sentidos, através da visão, da audição, do olfato ou do tato. O sistema sensorial é o único recurso através do qual o ser humano pode conhecer o que o rodeia.

Tanto a Intuição como o Intelecto, ambos são necessários ao processo cognitivo. Relativamente à intuição humana, Arnheim promove a ideia de que esta está intimamente relacionada com o intelecto. A visão, como parte integrante do cérebro, apreende através do olho e transmite mais tarde ao cérebro a informação recebida, formando-se uma representação da realidade. Deve-se desenvolver na criança a prática e o hábito pela observação de todas as partes. Por vezes, o aluno reproduz imagens *standard* e é-lhe difícil representar fielmente a realidade.

Na sua investigação, Arnheim (1998) recorreu muitas vezes a conhecimentos científicos para compreendermos melhor as Artes, preservando sempre a subjetividade, a intuição e a autoexpressão, que dela fazem parte. É a partir da filosofia original da escola de Gestalt, conhecida como a teoria da forma, que impulsiona e influencia Arnheim na sua investigação sobre a percepção visual. Esta teoria da forma considera que através da percepção da “totalidade” de uma imagem ou de um conceito, de fato pode-se apreender, assimilar e decodificar. A Teoria da Gestalt considera a percepção como um todo, e parte deste todo para explicar as partes. Arnheim por seu lado, fixa a sua atenção na relação profundamente interligada entre a visão e a cognição, tentando de alguma forma reduzir a distância que existe entre o conhecimento científico e o conhecimento artístico.

1.1.4 Terceiro paradigma - Pedagogia Formalista - Compreensão

Michael Parsons (1987), o autor é considerado uma das figuras mais importantes no desenvolvimento da Arte-Educação nos Estados Unidos. Nasceu em Inglaterra e doutorou-se em Filosofia e em Educação. A sua investigação centrou-se sobretudo no ensino da Filosofia de Educação e da Psicologia da Arte. Leciona no departamento de Arte Educação da Universidade do Ohio desde 1987. Parsons tem vindo a promover o modelo Educativo DBAE (*Discipline Based Art Education*) e, quem definiu este modelo de ensino foram Elliot Eisner e Manuel Barcan. Neste modelo Educativo, com propostas pedagógicas específicas é aplicada uma pedagogia *formalista*. O modelo educativo *Discipline Based Art Education*, modelo disciplinar de educação artística nas Artes Visuais, pretende que os museus de arte se envolvam e trabalhem em colaboração com as escolas, para melhorar a educação artística. Com este modelo, procura-se ensinar algumas matérias aos professores de Arte para o desenvolvimento estético e a integração das artes nas escolas. Criação de condições e

atividades (estratégias) com as crianças, que normalmente fazem perguntas sobre o que estão a observar e procuram elaborar respostas, como se de historiadores ou críticos de arte se tratassem. Surgem então questões diversas, relacionadas com a compreensão das obras artísticas, ficando algumas em aberto, entre elas: como é que os nossos alunos entendem os quadros e o que procuram neles? O que sentem, quando observam estas obras? É fundamental estabelecer a ligação do estudo das obras de arte, assim como, as discussões que poderão daí resultar. É importante estabelecer a ligação com o mundo dos alunos, com as suas comunidades e o meio que as influenciam. O modo como os indivíduos entendem a pintura ou outras formas de arte poderá estar relacionado com o meio e com as oportunidades culturais promovidas nos indivíduos, durante os seus percursos e desenvolvimento cognitivo. E surgem assim, reações muito diferentes por parte dos indivíduos, face a uma mesma obra de arte. No modelo educativo DBAE, as obras de arte a trabalhar são selecionadas para o estudo. Parsons explica que, com a proposta deste modelo educativo, promove e estabelece uma colaboração mais estreita entre museus de arte com os Serviços Educativos, escolas, alunos e professores. É pretendido neste trabalho colaborativo, alcançar determinados objetivos, entre eles, desenvolver a maneira como as Artes são ensinadas, promovendo o ensino das disciplinas de Estética, da Crítica de Arte e da História de Arte, em relação com a prática artística. Este modelo permitiu integrar o Ensino das Artes na globalidade do currículo escolar e contribuiu também para aumentar o respeito dos educadores pelos estudos sobre Arte.

Parsons com o seu estudo *How We Understand Art* (1987), pretendia explicar algumas formas básicas de entender a pintura e a informação que está subjacente à obra. O autor subentende que as pessoas adotam por uma determinada ordem, uma sequência de ideias. Em geral, as crianças ao contrário dos adultos interessam-se inicialmente pelo essencial e vão reestruturando esse entendimento à medida que crescem. O Departamento de Artes de Parsons, considerado o maior departamento de investigação nos Estados Unidos, teve esse reconhecimento pelo destaque que colocou na Arte Contemporânea, na teoria pós-moderna, no ensino do modelo DBAE, nos métodos cognitivos de aprendizagem na metodologia de investigação, no uso das Novas Tecnologias e no desenvolvimento internacional de programas de investigação no ensino das artes visuais.

O Professor Doutor João Pedro Fróis realizou com outros dois autores, Rui

Mário Gonçalves e Elisa Marques, um programa integrado de Artes visuais intitulado: *Primeiro olhar* (2011), uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna – José de Azevedo Perdigão, no âmbito do desenvolvimento da experiência estética e artística nas artes visuais, envolvendo adultos e crianças (professores e alunos), este programa inspirou-se no modelo *Discipline Based Art Education* (DBAE). *Primeiro olhar*, é um caderno do professor, que deve ser utilizado como recurso pedagógico, destinado a educadores de todos os graus de ensino e contém algumas propostas pedagógicas nas artes visuais e na educação em contexto de museu de arte.

1.1.5 Quarto paradigma - Pedagogia Estética - Apreciação

A Educação Artística auxilia os educandos a utilizar os recursos das artes e ensina-os também a experienciá-las esteticamente, pelo valor e prazer que estas proporcionam e representam, favorecendo uma educação artística como apreciação. A Educação Artística enriquece todo repertório imagístico (imagens) do educando, as imagens adquiridas passam a ser material de interpretação objetiva, servindo para a construção da expressão pessoal e social, porque manifestam e simbolizam a relação do indivíduo consigo mesmo e com o meio em que está inserido. A imagística é de uma importância central na facilitação da retenção dos conteúdos a longo prazo. O nível de retenção é melhor quando uma criança descobre e desenha imagens. As imagens têm um potencial generalizador por meio do qual uma estrutura altamente complexa pode ser apreendida diretamente.

Através das artes os educandos desenvolvem a sua interpretação relativamente às obras observadas e estudadas, assim como, realizam algumas associações face aos conhecimentos adquiridos.

Segundo Harry Broudy (1987) as disciplinas artísticas do ensino básico e preparatório, devem ser lecionadas com o mesmo rigor e a mesma competência que é exigida às outras componentes, nomeadamente à língua materna, a matemática e as ciências. É fundamental existir num currículo de excelência, uma igualdade na importância atribuída às várias (áreas) disciplinas curriculares. Tem-se vindo a verificar recentemente que é dado maior ênfase às disciplinas do campo científico e no campo tecnológico. Um currículo efetivo, contribui para a formação de uma sociedade, valorizando todos os domínios do conhecimento importantes para a humanidade. As disciplinas curriculares que são compostas por conteúdos diversos, são recursos

indispensáveis, que mais tarde serão aplicados na vida do indivíduo.

Broudy propõe um currículo que se fixa numa combinação de quatro tipos de conhecimento, entre eles, o conhecimento replicativo, o conhecimento associativo, o conhecimento interpretativo e o conhecimento aplicativo. O autor considera que um currículo credível deve ser materializado e ter como finalidade a obtenção de uma cultura individual do indivíduo. Broudy justifica a necessidade de alteração do estatuto da educação artística na escola através do estudo das imagens, facto importante na aprendizagem do aluno. A imagística interfere no processo de aprendizagem, isto é, na resolução de problemas, na formação de valores e na aprendizagem da própria língua. Esta também desempenha um papel importante na aquisição de: competências, de conceitos, de valores e de atitudes por parte do indivíduo.

As obras de arte são valiosas, são objetos que promovem vivências e contribuem para originar experiências estéticas significativas, estimulantes e proporcionando ao indivíduo o acesso a novas perspetivas do mundo. Nós temos a capacidade de ver o mundo, o que há de familiar em situações com as quais nunca nos deparamos e, ajudam-nos desta forma a perceber as relações entre as coisas e, possibilita-nos organizar e reorganizar as nossas experiências e vivências.

Segundo Ralph Smith (1995), considera que a experiência estética contém em si elementos cognitivos e afetivos e é valiosa pelo seu potencial constitutivo e revelador: Ralph Smith defende que, a aprendizagem estética tem um elevado grau de complexidade, mas seria sempre possível desenvolver e concretizar medidas educacionais. O ponto de apoio estaria na Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo, articulando os conteúdos artísticos (artes) de acordo com os níveis de desenvolvimento dos próprios educandos. A aprendizagem nas artes é uma progressão, que parte do mais simples para o mais complexo. As ideias principais da proposta pedagógica (modelo) de Smith e os principais contributos desta foram: apresentar um modelo educacional que tem como base o desenvolvimento da imaginação, que este promova uma educação artística para todos, onde a realização do aluno está sempre presente através de episódios de autorrealização através da arte. O papel do professor está enquadrado neste modelo de ensino como o perito, o especialista que está em constante treino e formação de forma a ajudar os seus educandos na experiência estética, na educação e a percepção das emoções. A Educação Estética está relacionada com apreciação das artes e a educação da imaginação que está relacionada com as imagens como recursos

associativos e interpretativos. As artes devem preencher um papel semelhante ao das ciências humanas.

Alguns autores como Osborne, refletem sobre a aprendizagem estética dos alunos, nas escolas e no seu contato com os museus. Segundo Osborne, a aprendizagem Estética passa pela realização de uma percepção das qualidades estéticas da obra de arte, e desta forma, promove-se o desenvolvimento preceptivo da obra e o conhecimento artístico desta. A apreciação da obra vem mais tarde, assim como, a crítica individual do aluno sobre a obra analisada e observada. Osborne considera que apreciação reflexiva é o resultado da apreciação estética mais a experiência do indivíduo e, envolve sempre as características formais e preceptivas da obra. Quanto à crítica de arte, esta passa por vários critérios, entre eles a descrição da obra artística, a análise da obra (elementos e as relações entre o objeto e as suas qualidades), a interpretação e significado da obra, a avaliação da obra (juízo final), as suas relações e particularidades. Osborne desenvolve uma teoria educacional que passa pela apreciação reflexiva da obra de arte, pela Crítica da Arte e pela aprendizagem significativa. Uma aprendizagem significativa está intimamente ligada à percepção e ao conhecimento.

Todas as teorias pedagógicas surgiram pela necessidade de mudança, o próprio indivíduo se transforma face às suas necessidades e ao contexto onde habita. No século XX podemos constatar, que durante este período foram muitas as mudanças que foram surgindo face às necessidades do indivíduo da época. O século XX também ficou marcado por grandes mudanças, entre elas esteve presente dois grandes conflitos, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

As teorias pedagógicas aqui enunciadas foram muito valorosas para a evolução do próprio ensino das artes visuais. Podemos verificar as várias mudanças de paradigma no ensino das artes visuais e as preocupações (especificidades) demonstradas pelos diversos autores aqui enunciados. Os autores em destaque, promoveram e produziram estas teorias pedagógicas para colocar em evidência algumas das suas preocupações no ensino das artes e promoveram mudanças de pensamento e de ação, relativamente às aprendizagens e às estratégias pedagógicas a aplicar face ao desenvolvimento e vivência do próprio indivíduo no mundo. As teorias pedagógicas promoveram também o desenvolvimento da expressão individual, do sentido crítico dos educandos e a valorização do ensino das artes visuais no contexto

curricular.

1.2 Aprendizagens e Competências desenvolvidas em Educação Visual

A Aprendizagem num contexto de evolução histórica do conceito, na 1ª metade do século XX, considera-se essencialmente de aprendizagem como aquisição de respostas, o educando está condicionado pelas regras estabelecidas e o objetivo da instrução consistia no aumento do número de respostas certas. A aprendizagem nas décadas de cinquenta e de sessenta passa a ser conceptualizada principalmente como aquisição de conteúdos, o educando torna-se um processador de informação e o docente passa a ter o papel de fornecedor dessa mesma informação. O objetivo da instrução será aumentar a quantidade de conhecimentos disponíveis no educando.

A aprendizagem como construção de conhecimentos e/ou de significados, deu-se a partir da década de setenta e, sobretudo da década de oitenta, onde se verifica fortes influências das correntes ambientalistas e ecológicas neste período. O educando, mais do que ser um recipiente de conhecimentos, torna-se também um construtor dos mesmos por influência das teorias *formalistas*.

«A aprendizagem diz mais respeito à aquisição e construção de conhecimentos, enquanto a memória à sua retenção (conservação) e recordação (utilização)» (Oliveira, 2007, p. 70). Neste sentido, podemos ver a aprendizagem como construção de conhecimento.

O processo de aprendizagem vai sendo desenvolvido pelo sujeito numa determinada experiência prática, com resultados que permitem mudança e a construção de novo conhecimento. «Todo este processo supõe a aquisição de conhecimentos que, no homem, não se faz sem a inteligência e a memória, supondo o uso ou manejo dos conhecimentos memorizados. Daí que falar da memória em grande parte é falar da aprendizagem e vice-versa. Aprender é memorizar e também evocar esses conhecimentos» (Oliveira, 2007, p.71).

Os alunos aprendem o quê? Que aprendizagens se adequam mais às necessidades dos nossos alunos? São necessárias aprendizagens compatíveis com as necessidades da sociedade atual. A nossa sociedade tem determinadas características e apresenta-se em constante mutação, com múltiplos sentidos e múltiplas possibilidades. A sociedade atual está assente na criatividade e na inovação permanentes.

Quais são as necessidades dos nossos alunos para compreenderem e agirem de

forma adequada na sociedade atual (complexa)?

Algumas das dificuldades do docente dos nossos dias estão relacionadas com a promoção de experiências significativas, que se adequam com as características e necessidades dos alunos, ou seja, da sociedade atual.

Na disciplina de Educação Visual os alunos devem desenvolver determinadas competências e dentro das competências específicas que os alunos devem desenvolver, articulam-se em três eixos estruturantes, o primeiro eixo estruturante é definido pela fruição-contemplação, o segundo pela produção-criação e o terceiro pela reflexão-interpretação.

No campo da fruição-contemplação, os nossos educandos devem dar a devida importância relativamente ao espaço natural, assim como ao espaço construído pelo homem, sendo ele público ou privado. Estes devem valorizar o património artístico, cultural e natural da sua região, reconhecendo nessa afirmação cultural, a sua importância e promovendo a sua preservação, num mundo global em constante alteração. A contribuição da arte está presente ao longo processo de desenvolvimento do aluno, quando o aluno toma contacto com os movimentos artísticos e diversos contextos estéticos, dialogando com artistas, obras e seu modo de construção. Durante a realização da Unidade Didática foram implementadas algumas estratégias pedagógicas que favoreceram o enriquecimento cultural e artístico dos alunos com uma explicação realizada sobre o tema: a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova. A apresentação multimédia aplicada sobre o tema, favoreceu o reconhecimento e também lembrou alguns vestígios e elementos destes movimentos artísticos e dos seus autores(artistas), alguns presentes no nosso país. Promovendo e despertando os nossos alunos para reconhecer, para identificar e para relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais, tanto no seu contexto histórico como no seu contexto sociocultural, de âmbito nacional e internacional. É fundamental e necessário, que os nossos alunos consigam reconhecer e dar o devido valor às formas artísticas de diferentes culturas. A beleza arquitetónica não é só, percebida apenas através da visualização das suas formas construídas, envolve antes de mais, um conteúdo emocional, sentido na experiência dos espaços.

No campo da produção-criação, foram promovidos dentro do projeto a desenvolver, atividades que permitiram aos nossos alunos durante o desenvolvimento da unidade didática realizarem produções plásticas, produções essas, onde usaram e

aplicaram alguns conteúdos da Comunicação Visual, recorrendo por vezes à utilização de técnicas diversificadas. Numa sociedade complexa como a nossa, é exigido ao indivíduo estar em permanente aprendizagem, numa constante pesquisa do conhecimento para mais tarde usá-lo, para dar sentido e resposta a novas situações e na resolução de problemas (necessidades), criando desta forma conhecimento.

No campo da reflexão-interpretação, a promoção nos nossos alunos da necessidade do reconhecimento e desenvolvimento da criatividade, de modo a integrar novos conteúdos. Segundo o autor Mihaly Csikszentmihalyi (1998), ressalta que o pensamento criativo implica transformação interior, estabelecendo um novo nível de realidade que resulta num modelo de criatividade única e que envolve diálogo entre as mais diversas estruturas do pensamento complexo. É um diálogo representativo nas suas mais diferentes formas, tanto pelo criador, quanto pelo apreciador e pela criação, é uma representação real. «[...] Criatividade deve ser compreendida não como um fenómeno individual, mas como um processo sistémico.» (Csikszentmihalyi, 1996, p. 23), ao qual nos permite entrar no fluxo.

Experimentar e representar, são ações que implicam a utilização, a adaptação e ampliação de conhecimentos e práticas, mas também envolvem transformação e criatividade. A arte utiliza, adapta e recria conhecimentos e linguagens, e por isso compôs um grande acervo de procedimentos e significações ao longo da história. Os momentos de criatividade obtêm-se muitas vezes através da nossa intuição, da nossa observação, do que nos rodeia e não por programas de computador (digitais), que temos que aprender a utilizar, mas não é fundamental para fluir (obtenção de novas ideias, novas soluções). «O fluxo acontece no momento em que as habilidades estão totalmente enredadas em ir além das estruturas, do que está previsto, do [...] desafio que está no limiar de sua capacidade de controle» (Csikszentmihalyi, 1999, p.37).

A estratégia aplicada com os alunos durante parte do desenvolvimento da Unidade Didática: Projeto, caminhou no sentido da apreciação estética e artística do mundo que os rodeia (alunos), estratégia essa, com o recurso a imagens de obras artísticas e outras, recorrendo sempre que necessário a essas referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais. O ensino da arte através da história dos movimentos artísticos, dos artistas modernos e contemporâneos, aproxima os alunos destes contextos artísticos, por meio de diversas leituras/interpretação de imagens. Essas leituras possibilitaram aos alunos o conhecimento de vários recursos, de várias

técnicas, nas áreas do desenho e da pintura, sobre superfícies várias. Os alunos foram sempre estimulados à criação artística individual e promoveu-se a ampliação do olhar dos alunos numa leitura estética da obra, com a possibilidade de inúmeras interpretações. Foram colocados em foco movimentos artísticos modernos e alguns artistas desses períodos, com o objetivo de explorar a parte estética e a cognitiva integrada às propostas práticas, com destaque a psicomotricidade.

Quanto à aplicação de estratégias que agilizem a criatividade do próprio aluno, recorreu-se a algumas técnicas, entre elas, destacou-se a construção do Mapa Mental. Esta permitiu acelerar e clarificar algumas vivências e memórias dos nossos alunos, despertando-os para novas ideias, soluções, para responder à questão central. Na Unidade Didática desenvolvida, a ênfase nas atividades práticas foi a utilização do desenho e da pintura. O objetivo é tomar a prática do Ensino da Arte, um instrumento de apropriação da psicomotricidade, por meio de diferentes recursos e técnicas de desenho e de pintura, a partir dos estímulos necessários para a criação e expressão individual, para a leitura estética e para a construção de aprendizagens significativas nas artes visuais. «No caso da imagem obtida através do desenho de observação, a comunicação é frequentemente menos funcional e mais estética» (Barros, 2004, p.31). Fazer um desenho desperta o funcionamento do nosso cérebro e do nosso raciocínio relativamente às estruturas próprias da visão, tanto a nível da identificação como da memória visual. «Mesmo quando um *desenho* é realizado sem qualquer objeto, como referente imediato, e ainda que não apresente imagens diretamente retiradas da realidade visual, está dependente da utilização de estruturas da memória visual para a sua realização» (Barros, 2004, p.32-3).

O educando quando desenvolve algum tipo de trabalho ou atividade, normalmente é reconhecido pelo outro e também reconhece em si algum valor. A renovação do sujeito deve ser uma constante necessidade, e a cada momento deve desempenhar suas atividades com motivação, com criatividade e também com reconhecimento. «A necessidade de recorrer ao computador, para produzir imagens, torna-se uma realidade incontornável, gerada pela urgência de produção das mesmas, por sua vez imposta pela própria dinâmica do mercado ligado à imagem. Conclui, ainda assim, que o lápis continua a ser um mediador rápido, económico e versátil entre a ideia e a imagem» (Barros, 2004, p.89).

A criatividade deve ser vista e compreendida como uma forma de mudança, face a situações de acomodação em qualquer tipo de atividade. As atividades artísticas oferecem aos indivíduos, uma oportunidade de se integrarem e de estarem inseridos na sociedade. O exercício artístico serve de preparação para qualquer outra atividade, com a diferença que este também abre um espaço para a improvisação e para a criatividade. Este tipo de exercício também serve como introdução à observação, à sua organização e método, assim como, desenvolve a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança e a auto-imagem.

Para a operacionalização e articulação destes três eixos estruturantes: fruição-contemplação, produção-criação, reflexão-interpretação e por uma questão metodológica enuncio dois domínios das Competências Específicas, a Comunicação Visual e os Elementos da Forma.

Os alunos no domínio da Comunicação Visual desenvolvem algumas competências, entre elas: saber ler, interpretar e descrever acontecimentos. Todas estas Competências Específicas encontram-se enunciadas e descritas no Anexo I - Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais.

Devemos aplicar um modelo de progressão das aprendizagens dos estudantes nos assuntos que abordamos. Importa também salientar que atualmente aos nossos alunos devem saber procurar a informação necessária e a utilize na resolução de problemas. Queremos favorecer a aprendizagem, se ela ajudar os estudantes a desenvolverem hábitos mentais de reflexão. Nas aulas, penso que se deve evitar as questões que são apenas de lembrança e, utilizar sim, as questões que promovam o raciocínio e reflexão por parte dos alunos. Não faz sentido o ensino direto de competências sem se prestar atenção ao desenvolvimento refletivo. Competências fundamentais, que devem ser desenvolvidas com os nossos alunos, nas nossas aulas, através da sua própria experiência; serem flexíveis e adaptáveis para a resolução de problemas complexos; de recorrer a diferentes meios de comunicação, de usarem de forma crítica a informação que seleciona (pesquisa) e de agirem de forma responsável em relação aos outros e à comunidade onde residem.

Ensinar é difícil, porque todas as propostas pedagógicas são construídas, planeadas e desenhadas do fim para o princípio. O professor tem de projetar toda a unidade didática a desenvolver (planificação), sabendo à partida qual o objetivo final do trabalho solicitado aos seus educandos.

Relativamente aos alunos devemos de ter em conta determinados cuidados e atenção quanto ao efeito de experiências anteriores dos alunos, das suas dificuldades, criando um ajustamento nas novas práticas pedagógicas. Os educandos durante o seu percurso académico trazem modelos de aprendizagem que podem ser um obstáculo à sua aprendizagem. Poderão ter uma orientação mais voltada para o desempenho, em vez de uma orientação voltada para aprendizagem.

1.3 A Importância do Ensino Artístico no desenvolvimento dos alunos

O homem aprende através dos sentidos, absorvendo uma vasta soma de informações das coisas e do mundo e as integra no eu psicológico. Através do desenho, da pintura, da escultura, da construção de algo, que o indivíduo assimila essa informação. A estética destaca-se como meio através do qual o indivíduo pode organizar o seu pensamento, a sua sensibilidade e a sua percepção.

1.3.1 Desenvolvimento da criança

A arte exprime sentimentos, é a técnica social do sentimento. A Arte é a expressão espontânea do indivíduo, faz parte da vida deste e tem a função de estimular reações, sentimentos de quem a contempla.

Para Lowenfeld, a arte constitui-se como a mais elevada forma de expressão humana e compara-a com a ciência pois ambas “procuram” continuamente o desconhecido em busca da verdade. A Arte está representada em todos os campos da vida, integrando-se no processo da evolução da vida humana. O homem utiliza um conjunto de meios artísticos para criar e comunicar, promovendo grandes sensações e emoções, em especial uma aproximação do belo, ligado também ao prazer de fazer arte.

Lowenfeld criou uma metodologia a partir das influências de vários autores como Dewey, Montessori, Bennett, Bettlheim, Cassidy, onde as principais questões eram: o que aprender ou como aprender e porquê?

Lowenfeld, situa a sua proposta pedagógica em dois domínios essenciais, por um lado, a autoidentificação e por outro a autoexpressão. O autor considera que não é possível haver expressão artística se o autor não se identificar com a experiência e com o material utilizado. Ao longo do crescimento do indivíduo as suas experiências mudam, originando uma evolução da sua identidade (autoidentificação) em resultado

das mudanças que ocorrem no seu íntimo. A autoexpressão dá origem, em formas construtivas (objetos), aos sentimentos, às emoções e aos pensamentos do indivíduo. Existe grande satisfação do indivíduo em expressar os seus próprios sentimentos, as suas próprias emoções na arte.

Segundo Lowenfeld, quando as crianças se exprimem, revelam a sua própria importância através dos seus próprios meios e torna-se óbvio o contentamento que daí advém. A arte pode representar um papel importante no desenvolvimento do “eu”. Lowenfeld concebeu uma teoria de desenvolvimento da criança através da arte, considerando que nas produções artísticas, a criança revela-se diretamente sem receio. A arte para as crianças, segundo o autor, é mais do que um passatempo, é uma comunicação significativa consigo mesma. A criança seleciona determinados aspetos do seu meio, com que ela se identifica e organiza-os, dando num novo significativo. O autor identifica os seguintes aspetos, para os quais a produção artística contribui, nomeadamente para: o desenvolvimento emocional da criança, onde um desenho pode proporcionar e promover com a intensidade que o autor lhe atribuir, a experiência artística que é realmente sua, proporcionando-lhe progresso emocional; o desenvolvimento Intelectual da criança (quando esta desenha demonstra o seu nível intelectual); o desenvolvimento físico da criança (quando demonstra a sua capacidade de coordenação visual e motora, motricidade fina); o desenvolvimento dos sentidos da criança (quando toma consciência das formas, das cores, da textura das superfícies dos objetos, fazendo parte da experiência criadora) e o desenvolvimento social da criança que pode ser facilmente apreciado pelos seus esforços criadores. A capacidade de viver de forma cooperativa. As atividades criadoras fornecem um excelente meio para dar esse importante passo no desenvolvimento estético das crianças. Os desenhos da criança proporcionam uma boa indicação sobre a consciencialização do “eu”.

Arnheim considera que as artes existem e tem importância na Educação porque potenciam o desenvolvimento individual e social do ser humano. As artes, como: a Literatura, as Artes Visuais, a Música, a Dança, o Drama, são os meios mais poderosos, meios culturais, para tornar a vida mais intensa, mais vivida, e desta forma, a arte intensifica a consciência do indivíduo.

1.3.2 Expressão Livre

A proposta Pedagógica introduzida por Herbert Read, Pedagogia da “Expressão Livre”, o professor tinha o papel de motivar, estimular e acompanhar os

seus alunos nos seus trabalhos, não consiste em abandonar o aluno à sua vontade, pois se não o fizer, está a demitir-se da sua função, podendo causar sérias perdas de valorização do rendimento cultural. O autor refere também a importância dos sentidos e da sensibilidade estética de cada um, numa relação harmoniosa e natural com os outros. Para Read, não bastava o professor transmitir informações ou conceitos do mundo exterior, era necessário associá-las com imaginação, qualidades que ele acreditava estarem presentes nas crianças.

A arte também serve para estimular a aprendizagem e imprimir um ritmo mais criativo, livre e lúdico no ensino público. Read considera “o jogo” uma forma de ajuda para as crianças aprenderem e apreciarem as suas aptidões naturais. Toda a ação escolar deve ser feita dentro da chamada pedagogia da “expressão livre”, pedagogia em que o fator emotivo (emoção) é que “aciona” a criança. A educação através da arte, encoraja, possibilita pensar melhor e motiva as crianças a encontrar respostas, novas soluções. Na Educação pela Arte, quanto mais variados forem os meios de trabalho (jogos didáticos, técnicas, estratégias), maior é a possibilidade da criança de despertar interesse. Quando sugerimos aos nossos alunos o desenvolvimento da livre expressão, gráfica e plástica, por meio de exercícios artísticos, permite-lhes, libertarem-se expressivamente, aprofundando a sua expressão. Eles passam a dominar a própria comunicação, dentro das suas características e possibilidades. A Arte é uma atividade que expressa e comunica um sentido do mundo muito particular e pessoal. A produção artística incita a intuição e a criatividade e, ao mesmo tempo, exige planeamento, organização e trabalho, na busca da concretização de um projeto estético, que é proposto pela necessidade de expressão.

1.3.3 Experiência Estética

A Educação Estética promove no indivíduo desenvolver não só o poder da discriminação, que é essencial para a apreensão de um objeto, mas promove também uma reação em relação ao objeto, desenvolvendo o sentido crítico.

O critério estético também está relacionado com as diferenças de temperamentos dos indivíduos. Read, defende que cada indivíduo pelo seu temperamento, disposição e desejo individual, encontra um modelo diferente na sua experiência. O objetivo da educação relaciona-se de alguma forma com a postura do

indivíduo com o mundo, colocando em destaque a importância dos sentidos e da sensibilidade estética de cada um, numa relação harmoniosa e natural com os outros.

A educação estética é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, preserva todas as intenções naturais, é uma educação para os sentidos, para a apreciação artística. São os sentimentos estéticos que marcam e estimulam o ritmo da vida. Read considerava que: «(...) o valor da arte como meio educativo (...), a arte está profundamente envolvida no processo de percepção, pensamento e ação corporal» (Read, 2010, p.27).

A arte promove a expressão do sentimento. É uma experiência mental, que de outra forma ficaria no inconsciente. É importante a introdução da disciplina de Educação Estética no processo educativo, ela promove a expressão do sentimento numa forma de comunicação. A experiência estética situa-se no momento da recepção, na apreensão da obra e permite todos os modos de percepção e de sensação. O indivíduo ao coordenar (sensações) entre si e em relação ao meio, vai permitir a comunicação dos sentimentos e percepções.

Segundo Ralph A. Smith, a arte é renovadora e tem uma capacidade enriquecedora. É suficiente para a teoria da educação artística, reconhecer que, para além de originar ocasiões de gratificação e prazer estético, estimula a percepção e a reflexão e intensifica a expressão do indivíduo. Conseguir um melhor entendimento das conexões entre os benefícios dos valores imediatos e prospetivos adjacentes à experiência estética. Os valores imediatos, inerentes à experiência estética são aqueles imediatamente sentidos e refletidos nas qualidades inerentes a esta experiência, como esta se manifesta, se revela e se apresenta. Uma vida desprovida de uma capacidade estética ativa, obtém apenas em parte a sua realização pessoal. As sociedades e os seus sistemas educativos são seriamente deficientes se permitem aos jovens passarem pela escola, sem os ajudarem a perceber que a educação artística contribui significativamente para o desenvolvimento do seu humanismo.

1.3.4 Criatividade

Não havendo fórmulas certas ou erradas, todas as crianças desenvolvem ideias imaginativas próprias desde que promovida uma atmosfera que estimule a sua criatividade. Nesta perspetiva, considera-se que é importante a vivência artística das crianças, promovendo situações e ações que coloquem a criança a expressar-se através da manipulação de materiais artísticos variados. É colocada a prioridade no diálogo

sobre o desenvolvimento dos processos e dos sentimentos das crianças, dando uma menor exigência face à técnica utilizada e à manipulação dos materiais. O método exploratório de organizar essas ideias, no ensino, tem dois princípios fundamentais: o da forma e o da invenção.

O ato criativo só acontece quando surge uma nova ideia ou um novo produto, surgindo como uma mudança num determinado campo (área), ou que transforma um campo já existente num novo. «O que sobressai da ação criativa, do seu resultado é a novidade, representada no momento da transformação, de mudança de um campo, [...] geralmente é o trabalho de alguém que pode operar em ambos os extremos, é esse o tipo de pessoa que chamamos ‘criativa» (Csikszentmihalyi, 1998, p.46).

A criatividade está intrinsecamente ligada ao corpo, no sentir e no fazer (analógico). Segundo o autor Boden, este define criatividade como: «a capacidade de uma pessoa para produzir ideias, concepções, invenções ou produtos artísticos novos ou originais, que são aceitos pelos especialistas como tendo valor científico, estético, social ou técnico» (Boden, 1999, p. 204). Para sermos criativos, temos de colocar a emoção, o movimento e a expressão no nosso trabalho, porque isso está em nós. O mundo exterior aos muros da escola, já se apresenta familiarizado com estas dinâmicas, a navegação em rede, os jogos coletivos, a autonomia para a produção e publicação de conteúdos (vídeos, imagens, textos, confissões etc.) na internet, o compartilhamento de informações e emoções em rede, e estas se multiplicam. Contrariando a lógica da escola tradicional, centrada na reprodução/transmissão de um mestre detentor de saberes para um aluno tal qual tábula rasa, a ser preenchido por conhecimentos pré-determinados.

É necessário mostrar o quanto é importante a criatividade na melhoria da qualidade de vida dos nossos educandos. Questionando se este sistema educacional tem ou não lugar para a inteligência criativa? Segundo Sara Bahia, quando aborda a vontade de hoje se avançar nos conhecimentos teóricos, «a tónica deve ser antes na criatividade, isto é, na produção de ideias novas poderosas sobre os vários domínios do conhecimento científico, tecnológicos, artísticos ou humanístico» (Bahia, 2002, p.110). «Porém, muitas vezes a criatividade é socialmente inibida. Não obstante a comunidade escolar ter vindo a valorizar a criatividade como objetivo educacional fundamental, esta parece ainda não constituir uma prioridade a não ser pontual e parcialmente» (Bahia, 2002, p.111).

As sociedades do século XXI cada vez têm mais necessidade de adquirir um maior número de trabalhadores criativos, flexíveis, que se adaptem e que sejam inovadores. Os sistemas educativos têm de evoluir e acompanhar todas as mudanças e transformações, de modo a responder a novas necessidades. As transformações sociais que afetam as estruturas familiares, por exemplo, fazem com que as crianças sejam frequentemente privadas da atenção dos progenitores. Torna-se cada vez mais difícil a transmissão de tradições culturais e práticas artísticas no ambiente familiar, em especial nas áreas urbanas.

Num caminho de evolução e afastando-se da escola tradicional, pode-se traduzir a perspetiva da inteligência “coletiva” e cooperativa no domínio educativo, fazendo parte do ensino-aprendizagem. O professor passa a ser um animador do grupo de alunos que lhe está atribuído, e aos alunos, cabe-lhes a tarefa de aprender e considerar cada atividade como uma oportunidade de expressão, exercitando a motivação e a criatividade, de modo a evitar a automatização. As atividades artísticas oferecem aos educandos essa oportunidade em aprender, face a determinadas situações operacionais do seu dia a dia.

1.3.5 Motivação

A escola, possui hoje o papel fundamental de fazer a transição do indivíduo da família para a sociedade. A família educa e coloca o indivíduo na escola e a escola por sua vez forma o indivíduo e coloca-o na sociedade, o indivíduo através da sua ação e da sua reflexão, adapta-se e integra-se na sociedade. São considerados fatores que justificam a atribuição à escola de um maior número de funções de carácter social, o alargamento da escolaridade obrigatória, a menor disponibilidade por parte das famílias devido às suas atividades profissionais e as mudanças na estrutura familiar.

Escola hoje, está ao serviço da sociedade, contendo algumas funções que outrora pertenciam às famílias. Apresentando a necessidade de realizar adaptações curriculares, que contenham a formação do carácter da cidadania do aluno assegurando a sua formação cívica e moral e contribuir desta forma, para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos.

Uma boa situação de aprendizagem na escola e nos museus (instituições) passa por conteúdos bem planeados por educadores, que precisam de mobilidade, frente à necessidade de sintonia com a cultura que os alunos trazem consigo, as interações entre

eles, o seu modo de aprender e os seus interesses, motivações. São os êxitos escolares (e outros) que entusiasmam a criança, e esta vai crescendo de acordo com as suas capacidades mentais. As experiências em grupo ou as visitas de estudo podem expressar uma tal excitação, entusiasmo, que os alunos podem querer expressar no papel as suas vivências.

As experiências são importantes e de grande significado para os educandos, estas desencadeiem o processo de desenvolvimento criativo. As experiências significativas garantem a ampliação de referências artísticas, importantes para a aprendizagem na educação. A parte vital deste processo é a motivação, o momento em expressão individual.

As crianças ao expressarem-se umas com as outras, recebem aprovação e os estímulos positivos das outras, promovendo a sua autoconfiança, acreditando mais em si e desenvolvendo desta forma a sua auto-estima. O trabalho que o indivíduo realiza enriquece a sua auto-estima, promovendo também a produção e criação. É reforçada a confiança deste, na preparação de futuras atividades a realizar. «A motivação constitui o fator fundamental ou o “motor” da aprendizagem na ordem afetiva, assim como a inteligência é o fator fundamental na ordem cognitiva ou estrutural» (Oliveira, 2007, p. 119).

Há ideias e sentimentos que os sujeitos escondem dos outros e até de si próprios, esses sentimentos, essas preferências, constituem um acervo de ideias que mais tarde se vão manifestando, através da ação e da expressão do próprio sujeito. As artes ocorrem na vida do sujeito, para suprimir essa necessidade de expressão. «Entende-se por motivação qualquer fator interno que inicia (ativação), dirige (direcção) e sustém (manutenção ou persistência) uma determinada conduta até atingir o objetivo» (Oliveira, 2007, p. 122).

Na motivação intrínseca, os fatores de motivação são controláveis pelo indivíduo e estes estão presentes na interação entre o indivíduo e a atividade a realizar. Estes fatores controlados pelo sujeito dependem das emoções, dos sentimentos, da personalidade e das preferências do próprio indivíduo. A motivação extrínseca, pelo contrário, os fatores de motivação não estão no sujeito nem na atividade a realizar, estes fatores normalmente dependem do meio, da cultura, da sociedade ou grupo a que

pertence o sujeito. Estes fatores não são controlados pelo sujeito porque são exteriores a ele. «Na motivação extrínseca o sujeito age quase só exclusivamente em vista da recompensa, de qualquer ordem que ela seja» (Oliveira, 2007, p. 123).

A produção manual gráfica e plástica é um campo expressivo da imaginação e da afetividade do sujeito, permitindo-lhe dialogar e expressar-se com o outro e com o mundo. As motivações do aluno para a aprendizagem através das artes, do desenho, da pintura ou outros suportes artísticos, possibilitam a realização de um exercício da autoexpressão, promovendo e desenvolvendo o lado afetivo, criativo do indivíduo e o autoconhecimento. O crescimento mental dos nossos alunos depende das relações ricas e variadas entre a criança e o seu meio, tal relação é o ingrediente básico de qualquer experiência de criação artística. Toda esta percepção do espaço é estimulada através dos elementos reais que, tirando partido das várias materialidades, provoca diferentes sensações. Os sentimentos e os pensamentos são elementos subjetivos e, necessitam por isso, de elementos expressivos ou objetivos para sua manifestação.

A expressão artística dos trabalhos realizados pelos os alunos estabelece também, a sua própria comunicação com o coletivo, com as pessoas que se encontram à sua volta, permitindo-lhes, manifestarem-se no meio social e promovendo a sua inserção. Desde o início da vida do indivíduo, este é exposto a situações (episódios) de aprovação e estimulação, assim como, a situações de reprovação.

Na Unidade Didática: Projeto implementada com a turma 8º C, foram aplicadas algumas estratégias para reforçar a motivação dos alunos face a proposta de trabalho realizada e da resolução de um problema. O exercício artístico exige alguma organização no que respeita às atividades artísticas, pois estas acionam funções cerebrais que vão contribuir para melhorar a concentração e, os trabalhos vão sendo desenvolvidos de uma forma mais ordenada, mais disciplinada, entre as suas ações e as suas emoções. É necessário que o docente consiga e seja capaz de programar ações de promoção da motivação. Por outro lado, mesmo que essas atividades promovam a liberdade ou o imprevisto, as atividades artísticas requerem sempre um planeamento e uma organização.

Contextualização Escolar

1.4 Escola - Instituição - História

A História acompanha através dos tempos, tal como a vida do patrono São Francisco de Assis, do estabelecimento de ensino Externato da Luz. Ao deslocar-me dentro do espaço do Externato, sente-se a presença franciscana na simplicidade e despojamento da construção. Ao longe, a imagem do Convento Franciscano, atual Seminário dos Frades, mais conhecido por Seminário da Luz. Este está rodeado de um imenso jardim, bem tratado, no coração de Carnide. Esta imagem desenha-se no horizonte lembrando outros tempos, mas mais à frente já se avizinham outras histórias.

Os primeiros franciscanos chegaram a Portugal em 1217, enviados pelo próprio Francisco de Assis. O seu estilo de vida, depressa conquistou a simpatia de todos, tendo-se espalhado rapidamente por todo o território. Desde então a sua história está intimamente ligada à de Portugal, particularmente à Epopeia dos Descobrimentos. A Ordem de Frades Menores, mais conhecida pela simples designação de Franciscanos, foi fundada em 1209 por Francisco de Assis, filho de um comerciante rico daquela cidade italiana. Francisco renunciou à fortuna do pai para seguir uma vida pobre e simples, à imitação de Jesus Cristo, para a qual se sentiu por Ele chamado e disponível para o serviço de Deus. Os Franciscanos não nasceram com o objetivo de se consagrarem a uma tarefa eclesial ou social específica, mas apenas viverem e testemunharem o Evangelho, ao jeito de Francisco de Assis.

A Província Portuguesa da Ordem Franciscana instituiu o Externato da Luz em 1958 para, através dele, fazer chegar às gerações mais novas a mensagem de simplicidade e alegria, deixadas pelo seu fundador, Francisco de Assis e por aqueles que o seguiram. Inicialmente, o Externato não era misto, começou apenas com rapazes. De 1975 para cá, o Externato da Luz ministra um ensino para rapazes e para raparigas, misto. A entidade tutelar do Externato da Luz é a Província Portuguesa da Ordem Franciscana. Entende-se como Província de uma Ordem Religiosa, uma organização autónoma, apenas dependente do Governo Central da Ordem, com um Superior local próprio, a que se dá o nome de Provincial.

O Externato da Luz, surge da necessidade de alguns pais que desejavam educar os filhos num ambiente franciscano. Nesta tarefa educativa intervêm diversos agentes com papéis e funções muito bem diferenciados e, complementares. A educação seria quase impossível sem o protagonismo dos educandos, o acompanhamento

personalizado dos docentes religiosos e leigos, a sábia direção do pessoal administrativo, a generosa colaboração do pessoal dos serviços gerais, a participação ativa da família, a contribuição dos ex-alunos e o apoio pastoral e jurídico da entidade. Cada um deles está convidado a colocar suas melhores aspirações e sonhos, sua criatividade, seu trabalho e profissionalismo para consolidar a visão cristã e franciscana do ser humano. Na construção deste Projeto de Pastoral Escolar, documento que se encontra no Anexo II - Projeto da Pastoral, pretende que seja dinâmico e atualizador de princípios e práticas educativas à luz do Evangelho e das orientações dadas no documento da Ordem para a Educação Franciscana, intitulado “Ide e ensinai”. Estas diretrizes gerais para a Educação Franciscana”, assumem a importância de buscar continuamente e por caminhos que possibilitem uma sólida formação académica, que levem ao despertar e alicerçar de uma consciência crítica, privilegiem a educação para a importância de relacionamentos humanos tendo por fundamento o respeito pelo outro e apontem para o sentido vocacional da vida. É importante por isso, que a educação toque ao menos os quatro centros vitais da pessoa: o coração (liberdade e decisões), a mente (o saber), as mãos (a ação) e os pés (a realidade em que se vive). Em todos eles, se inter-relacionam e se auto implicam as dimensões: corporal, psicológica, existencial e espiritual, de cuja maturação depende o futuro educativo da pessoa. O indivíduo é um projeto aberto, algo que se está fazendo, ou um ser inacabado e em permanente busca do sentido e da plenitude da sua existência.

É de salientar que a eficácia deste projeto está na vivência da fraternidade, por isso, a ação da Pastoral no Externato, que não pode ser compreendida e realizada à parte da Pastoral da Igreja e da Ordem Franciscana, contará com o apoio e incentivo da Pastoral Juvenil Vocacional da Província dos Frades Menores. Esta promove tempos de encontro e partilha, com a comunidade cristã de Carnide (Paróquia de S. Lourenço). O Carisma franciscano encarna-se na “realidade concreta de cada cultura, bem como do tempo em que de facto se vive”. Nestas condições, a educação franciscana desenvolve um processo de crescimento harmonioso e progressivo dos distintos aspetos que comportam os conceitos de pessoa como relação e unidade.

1.4.1 Espaço e Localização

O Externato da Luz localiza-se no Largo da Luz, número onze, na freguesia de Carnide, Concelho de Lisboa. É constituído por dois edifícios, ligados entre si por passagem aérea coberta. As instalações do Externato da Luz situam-se em Carnide, Lisboa. Antigo povoado nos arredores de Lisboa. O Externato da Luz é um estabelecimento franciscano de ensino, que se inspira na visão cristã do mundo e da vida tal como São Francisco de Assis, seu patrono, a concebeu e viveu, insere a sua ação formativa dentro da missão da Igreja, de que faz parte. A aceitação da frequência por parte do aluno e do serviço laboral por parte dos seus financiadores pressupõe o envolvimento positivo na dinâmica que emerge e conduz a estes valores.

A zona de Carnide era composta por um belo conjunto de quintas, hortas e casas ricas, além de possuir o Mosteiro e Santuário de Nossa Senhora da Luz e o Hospital da Luz (hoje Colégio Militar), edificadas no século XVI e de três outros conventos do século XVII. Carnide foi sendo alvo de várias atenções dos trabalhadores: pedreiros, canteiros, carpinteiros, entalhadores, escultores, arquitetos, pintores, carreteiros e outros, muitos dos quais se foram fixando nesta zona, depois das obras terminadas. A própria Corte, andou ligada de perto ao desenvolvimento sociocultural de Carnide e aos episódios religiosos que ali se realizaram. O Bairro Municipal de Padre Cruz Iniciou a sua edificação em 1960, em 1961 formou-se o Bairro residencial da Luz e em 1976 foi urbanizada a Quinta da Luz.

1.4.2 Projeto Educativo

O Externato da Luz é uma escola que baseia o seu Projeto Educativo no modelo humano cristão e franciscano. É esta a singularidade da sua oferta educativa entre as escolas que constituem a rede de ensino nacional. A área curricular de Educação Moral e Religiosa Católica é de frequência obrigatória para todos os alunos. O Externato oferece também formação catequética, a todos os alunos que pretendam iniciar, continuar ou realizar a sua caminhada de vida cristã, preparando-se desta forma para receção dos sacramentos da Igreja. A Província Portuguesa da Ordem Franciscana é a entidade que tutela o Externato da Luz, exerce as suas funções de acordo com o Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo e assume a responsabilidade última na fidelidade operativa ao ideário educativo. O Projeto Curricular da Escola (PCE), no

seguimento das linhas orientadoras e das Metas traçadas no Projeto Educativo, é um instrumento de operacionalização do mesmo, adaptando o currículo nacional à realidade da escola e do meio com o qual interage. As opções e prioridades educativas da escola assentam na dimensão organizacional e na cultura de cooperação, baseada na reflexão e na ação coletiva.

O Currículo é gerido de modo não determinista, é entendido como um processo contínuo e dinâmico, entre a teoria e a prática. Demonstra uma perspetiva centrada no ensino e uma outra, centrada na aprendizagem. Evidencia a importância da aprendizagem cooperativa e a construção dos saberes, rentabilizando todo o tipo de conhecimentos.

Na proposta Educativa, compromete-se com a promoção do indivíduo, nas relações dinâmicas que desenvolve e, é chamada a construir em sociedade, apresentando os valores da liberdade, igualdade, verdade, justiça, solidariedade e paz, entre outros, interpretados e vividos a partir do carisma franciscano. A tarefa da educação é considerada como um processo (caminho) dinâmico que envolve a pessoa toda, o Externato da Luz quer garantir o desenvolvimento da dimensão académica dos alunos, bem como promover, animar e estimular uma educação integral assente em princípios, tais como: o bem, que se dá gratuitamente; a sabedoria, que ilumina a ciência; o amor vivido na liberdade; a comunhão, que torna possível a vida (Anexo III). Alguns dos objetivos estratégicos propostos no Projeto Educativo da escola estão intrinsecamente ligados à melhoria do processo de ensino-aprendizagem e implementar a autoavaliação como um caminho que vai contribuir para a excelência, e uma maior eficiência na gestão dos recursos humanos, dos espaços e dos equipamentos escolares, assim como, manter uma cultura organizacional, pedagógica e administrativa de proximidade com as famílias e com a comunidade (sociedade). Propõe o desenvolvimento dos canais de comunicação interna e externa do Externato, propondo a vivência e celebração cristã numa espiritualidade ao jeito de Francisco e Clara de Assis.

Sensibilizar a comunidade escolar para a adoção de práticas e atitudes que promovam a proteção do ambiente, através da implementação do Programa Eco Escolas. São privilegiados, por isso, os processos de interpretação, investigação, reflexão e decisão, a vários níveis e dimensões de atuação. O Plano Curricular de

Escola apresenta-se como uma referência para o Plano Curricular de turma (PCT), elaborado para corresponder às especificidades de cada turma e que deverá permitir: um nível de articulação horizontal e vertical, que só as situações reais tornam possível concretizar, bem como o romper com a mera acumulação de conhecimentos, propiciando uma visão interdisciplinar e integradora do saber.



Figura 1- Imagem da entrada principal do Externato da Luz



Figura 2- Imagem da entrada no Externato da Luz, muro da escola (exterior)

1.4.3 Oferta Educativa Formativa - População Escolar

1.4.3.1 Alunos matriculados

Ensino Pré-Escolar - A população que frequenta o pré-escolar no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018 é constante do Quadro I, que se segue:

	3 anos	4 anos	5 anos	Total
Nº Turmas	2	2	2	6
Alunos	48	47	50	145

Quadro I – População que frequenta o pré-escolar no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018

1.º Ciclo - A população que frequenta o 1º Ciclo no Externato da Luz no ano letivo 2017/2018 é constante do Quadro II, que se segue:

	1º	2º	3º	4º	Total
Nº Turmas	2	2	2	2	8
Alunos	52	53	47	52	204

Quadro II – População que frequenta o 1º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018

2.º Ciclo - A população que frequenta o 2º Ciclo no Externato da Luz no ano letivo

2017/2018 é constante do Quadro III, que se segue:

	5º	6º	Total
Nº Turmas	3	3	6
Alunos	79	69	148

Quadro III – População que frequenta o 2º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018

3.º Ciclo - A população que frequenta o 3º Ciclo no Externato da Luz no ano letivo 2017/2018 é constante do Quadro IV, que se segue:

	7º	8º	9º	Total
Nº Turmas	3	4	4	11
Alunos	83	92	88	263

Quadro IV – População que frequenta o 3º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018

1.4.3.2 Horário de Funcionamento

A partir das 07h30, nos dias letivos, o Externato da Luz recebe alunos do Ensino Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Às 17h45 terminam as atividades no 1º, 2º e 3º Ciclo.

1.4.3.3 Horário e Níveis de Ensino

O Externato presta um serviço na área do ensino, em regime diurno, num só turno, de segunda a sexta-feira, abrangendo a Educação Pré-escolar e o Ensino Básico. As atividades curriculares obrigatórias da Educação Pré-escolar começam às 9h30 e terminam às 15h30. No entanto, as crianças podem continuar no prolongamento até às 18h00.

O Ensino Básico é constituído por três ciclos e abrange nove anos de escolaridade:

- O 1.º Ciclo, que se prolonga por quatro anos, inicia as atividades curriculares obrigatórias às 8h30 e terminam às 16h45.
- O 2.º Ciclo corresponde aos 5º e 6º anos e o 3º Ciclo aos 7º, 8º e 9º anos. Ambos iniciam as atividades curriculares obrigatórias às 08h10 e as de enriquecimento curricular às 16h10. As primeiras terminam às 15h55 e as segundas às 17h45. O almoço é servido a partir das 12h30 e o lanche às 15h55.

- Os 2º e 3º Ciclos têm uma tarde semanal sem atividades letivas, decorrendo atividades de índole pastoral, cultural e desportivas.
- A carga horária semanal do Ensino Básico está organizada em aulas de 45 minutos. Quando há dois meios blocos desloca para a sala respetiva, a menos que se trate de uma área curricular com sala própria.

1.4.3.4 Constituição das Turmas

Na formação das turmas do 1º Ciclo, é dada prioridade aos alunos que já frequentaram o Externato no ensino pré-escolar. As duas turmas do 1º do 1º ciclo do E.B. resultam da mistura dos alunos existentes nas duas salas dos 5 anos e que transitam para o 1º Ciclo.

As turmas do 5º ano resultam da mistura de alunos vindos de diferentes estabelecimentos de ensino, incluindo os próprios alunos já a frequentar o Externato, continuando a ser dada prioridade aos alunos que frequentaram o Externato no 1º Ciclo. As turmas do 2º Ciclo, iniciadas no 5º ano, mantêm-se até ao final do referido Ciclo de ensino, a não ser que sugestões fundamentadas do Conselho de Turma aconselhem alterações devido à não integração de um aluno, ou por razões de índole pedagógico-disciplinar.

As turmas do 3º Ciclo, iniciadas no 7ºano, são constituídas com base na escolha da segunda língua estrangeira e mantêm-se até ao final do referido Ciclo de ensino, a não ser que sugestões fundamentadas do Conselho de Turma aconselhem alterações pelos mesmos motivos acima referidos.

Os alunos que não transitem de ano, bem como os que apresentem dificuldades de integração, serão distribuídos por turmas conforme sugestões / orientações do Conselho de Turma de onde provêm. Cada turma tem a sua sala de aula própria, podendo, no entanto, utilizar outros espaços

1.4.3.5 Atividades de Enriquecimento / Complemento Curricular - Oferta Educativa e Formativa

O Externato da Luz considera muito relevantes as visitas de estudo, a viagem do 9.º ano (finalistas), as celebrações festivas, o desporto interno, os clubes, os ateliers e a ocupação dos tempos livres durante as interrupções letivas (ver Regulamento Interno). O Externato da Luz promove e organiza atividades de enriquecimento/

complemento curricular destinadas à ocupação dos tempos não letivos por parte dos alunos, após o termo das atividades curriculares obrigatórias.

Após as atividades curriculares obrigatórias, os alunos do 1º, 2º e 3º Ciclo podem utilizar os tempos disponíveis com atividades de índole pedagógica, artística, desportiva ou de formação geral, como podemos observar no Projeto Curricular de Escola (Anexo IV).

1.5 Caraterização da turma

A Turma do 8º C é constituída por 21 alunos, com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos. Cerca de metade dos alunos reside na área próxima ao Externato da Luz em Carnide, em Benfica e Lisboa centro, os restantes residem nas zonas limítrofes da cidade de Lisboa e que ficam mais afastadas do Externato. O nível socioeconómico a que pertencem está entre a classe média e classe média-alta, não revelando carências a esse nível. Os pais, na sua maioria, possuem níveis de escolaridade ao nível da Licenciatura.

Os tempos livres dos alunos são ocupados com atividades de carácter lúdico, como ir ao cinema, sair com os amigos, andar de skate, ler livros, jogar jogos de computador. Alguns alunos ainda frequentam outras atividades extracurriculares, tais como: aulas de Inglês (*Cambridge*), natação, voleibol, andebol, Judo, equitação e ténis. As atividades de complemento curricular vão desempenhar precisamente esta função. Deve ser tido sempre em conta, os interesses dos alunos, em relação ao seu processo de desenvolvimento, bem como ter conhecimento dos mecanismos que conduzem o aluno à aprendizagem. Sendo assim constituiu uma preocupação para os professores a criação de contextos organizados, motivadores, flexíveis e enriquecedores.

A abordagem que é feita ao aluno, centra-se em três fatores: as características do contexto em que o aluno se insere; a aceitação de que cada aluno é diferente e o entendimento de como se estabelece o processo.

Todos os anos letivos é construído um documento em cada turma, o Plano Curricular de Turma (PCT), específico e descritivo da turma em questão. O documento apresenta informações importantes sobre as características dos alunos, da sua família e as adequações a realizar durante o ano letivo, entre outras informações. Destaco desta forma, algumas das informações e características importantes sobre os alunos do 8ºC.

Plano Curricular de Turma – 8º C - 3º Ciclo do E.B.

Tempos	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08:15 – 09:00	EF	EMRC	Hist	FQ	Ing
09:00 – 09:45	EF	Fran.	Hist	Geo	CN
10:05 – 10:50	Port.	Mat.	Port	Mat	Hist
10:50 – 11:35	Port.	Mat.	Port	Mat	FQ
11:45 – 12:30	FH	EF	Geo	Fran.	TA/TIC
12:30 – 13:15		FQ			TA/TIC
14:20 – 15:05	CN	EV	CN	Ing	
15:05 – 15:50	Mat	EV	Ing.	Port	

Quadro V – Horário da Turma 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

Idades			
	Masculino	Feminino	Total
Número de Alunos	8	13	21
Percentagem de alunos	41%	59%	100%
Média de Idades	14	14	14

Quadro VI – Dados sobre a faixa etária dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

Família			
Número de Irmãos		Com quem vivem?	
1	1	Mãe	2
2	2	Pai	1
3		Avós	
4		Irmãos	
5		Pais	18

Quadro VII – Dados sobre o agregado familiar dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

Saúde	
Problemas	Nº de alunos
Dificuldades visuais (óculos)	4
Dificuldades auditivas	0
Asma	0
Dislexia / disortografia	0
Alergias	0
Outras	0

Quadro VIII – Dados sobre a saúde dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

Sugestões para adequar ao perfil da turma		
Definição de critérios de atuação pelo Conselho de Turma	Na aprendizagem	<p><i>Adquirir / aperfeiçoar métodos e hábitos de trabalho;</i></p> <p><i>Incentivar a organização e o estudo;</i></p> <p><i>Aulas de apoio aos alunos que evidenciam mais dificuldades nas disciplinas de Português, Matemática e Inglês.</i></p>
	No comportamento	<p><i>Uniformizar critérios de atuação;</i></p> <p><i>Estabelecer um ambiente propício ao bom desenvolvimento da aula e do processo de ensino-aprendizagem;</i></p> <p><i>Melhorar os níveis de atenção e concentração em sala de aula;</i></p> <p><i>Registo de ocorrências no programa de Registo de Comportamentos diário;</i></p> <p><i>Exigência no cumprimento de prazos de entrega de trabalhos; Necessidade de cumprimento de regras.</i></p>

Quadro IX – Estratégias educativas a desenvolver com a turma 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

Nº Ordem	Nº	A repetir o mesmo ano (nº x)	Repetiram outros anos (quais + nº x)	Níveis inferiores a 3 (ano letivo anterior)	Apoios (área disciplinar)
1	37				
2	1411				Ing.
3	1497				
4	756				
5	1424				
6	876				Port. Mat.
7	1449			Ing	Port., Mat. e
8	1753				
9	926				
10	1440				
11	410				
12	1307				
13	276				
14	1201				
15	657				
16	623				
17	782				Mat.
18	774				
19	1431				
20	1410				
21	1403				
			1 aluna	7 Apoios previstos	

Quadro X – Situação escolar dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

(Situações de Avaliação – Reuniões de Conselho de Turma)

Nº Ordem	Nº Aluno	Plano de Acompanhamento Pedagógico Individualizado		PAPI (ano letivo anterior)
		Áreas Curriculares	Data da aplicação	
17	782	Port, Mat, Geo, EF	31/10/2017	Sim
	1201	Fran, Hist, Mat, EF, FQ, FH	15/2/2018	Sim
	1753	Geo, Mat, EF, Hist	15/2/2018	Sim
7	1410	Ing, Port, Hist, FQ, Fran, Mat	19/12/2017	Sim
20 disciplinas				

Quadro XI – Sistema de diagnóstico contínuo e avaliação dos alunos com dificuldades do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018

1.6 Educação Visual - Recursos/ Sala

A turma do 8º C recebeu as aulas de Educação Visual numa sala própria para a lecionação desta disciplina. É uma sala de tamanho médio, possui ar condicionado, um quadro branco e, uma das paredes da sala está ladeada por uma série de janelas que permitem a entrada de luz natural na sala. Este espaço transforma-se quando uma turma entra nele, ganha vida própria, o que parecia “congelado” pelo tempo, adquire outra dimensão. É aqui que tudo acontece, onde as pessoas aprendem e crescem, onde as ideias “brotam”, onde as experiências se partilham. Foi neste espaço que a professora cooperante e eu estabelecemos a relação ensino-aprendizagem, facultando o “fluir” das ideias e a aquisição dos conhecimentos.

O Material solicitado aos alunos do 8ºC, para a disciplina de Educação Visual, foi: uma caixa de sapatos (tipo Modelo C dos CTT), um Lápis nº1 (ou B), um Lápis nº 2 (ou HB), uma Lapiseira 0,5 mm, uma Borracha branca macia e um Afia-lápis. Materiais para o desenho rigoroso: uma régua de 50 cm, um Aristo marca Rumold ou Rotring, um Transferidor, uma régua cobra ou escantilhão de curvas e um Compasso metálico. Outros materiais: uma tesoura metálica, canetas de feltro, de ponta fina ou ponta pincel (seis unidades) no mínimo, marcadores, guaches e todo o material de pintura, uma caixa de Lápis de cor (mínimo doze), um tubo de cola UHU em barra (pequena), um tubo de cola UHU líquida (celulósica) pequena, um bloco A3 de papel cavalinho, um dossier A4 de lombada fina (4cm) com argolas, contendo folhas pautadas e de máquina e cinquenta micas para o dossier (Portefólio). Um bloco formato A5, de desenho com folhas brancas (diário gráfico). O manual adotado pela escola na disciplina de Educação Visual, no 3º ciclo do E.B.

Os recursos materiais da sala de Educação Visual, utilizados nas diversas atividades durante o desenvolvimento da Unidade Didática: Projeto foram os seguintes: o quadro branco da sala de aula, canetas de quadro de diversas cores, um apagador de quadro, uma régua, um esquadro e um compasso. Quanto aos recursos multimédia utilizados na unidade didática, foram os seguintes: um computador e um projetor *Data Show* (com recurso ao quadro branco), são realizadas apresentações multimédias, com a visualização de imagens e de vídeos, para reforçar e apoiar conteúdos pedagógicos.

1.7 Planificação anual e mensal de Educação Visual / Plano anual de Atividades do 8ºano

A realização da Planificação Anual de Educação Visual foi da responsabilidade dos professores da disciplina de Educação Visual, no Departamento de Artes e Tecnologias. A Planificação Anual de Educação Visual correspondente ao 8ºano do 3º ciclo do E.B., a planificação encontra-se no Anexo V. Esta planificação contém todas as Unidades Didáticas a serem desenvolvidas, assim como, os conteúdos lecionados no ano letivo. A Planificação Mensal de Temas do 8º Ano de Educação Visual para 2017/2018 foi também realizada pelos professores (a professora cooperante) da disciplina de Educação Visual, no Departamento de Artes e Tecnologias. A Planificação Mensal de Educação Visual do 8º ano, e aplica-se ao ano letivo 2017/2018 na disciplina de Educação Visual 8º ano (3º Ciclo do E. B) e encontra-se no Anexo VI. Assim como esta calendarização, também a construção do Plano Anual de Atividades do Departamento de Artes e Tecnologias do 8º ano (Anexo VII), documentos que foram revistos e aprovados na reunião de Departamento de Artes e Tecnologias.

1.8 Conteúdos Pedagógicos

Acompanhei a turma 8º C, durante o ano letivo 2017/2018, na disciplina de Educação Visual. Durante o primeiro período foram lecionados alguns conteúdos sobre a Luz, Cor e Forma na Composição Plástica. Foi visualizada e explicada uma apresentação multimédia sobre estes conteúdos, nas aulas de Educação Visual do 8º C (Anexo VIII).

Destaco em baixo na Figura 3, o *slide* que apresenta a proposta de trabalho, para o desenvolvimento da Unidade Didática, onde é solicitada uma recriação da obra artística «Vaso com doze girassóis» - natureza morta, do artista Vincent Van Gogh, aplicando as cores complementares e recorrendo à técnica de ampliação a quadricula.

Projeto de trabalho:

A cor e a forma na composição plástica:

Numa folha A3, com esquadria de 1,5 cm, representa à vista a composição de Van Gogh que te foi distribuída, ampliando-a pela técnica da quadricula.

De seguida, representa a tua versão desta composição, recorrendo à utilização de cores complementares na sua pintura.

Utiliza somente canetas de feltro na pintura da tua ilustração.

Duração do projeto: 90 minutos.

"A pintura está na minha pele." Era assim que Vincent William van Gogh, um dos maiores pintores do sec. XIX, se referia à sua paixão. A sua vida foi marcada por crises de loucura e seu trabalho, pelo amor aos pobres. Somente depois de sua morte é que o pintor foi reconhecido.



Educação Visual 8º Ano - Externato da Luz

Figura 3- Imagem do *Slide* da U.D., sobre o projeto de trabalho

A Ficha de apresentação do projeto, entregue aos alunos do 8º C, continha uma imagem da obra pictórica “Natureza-Morta, Vaso com doze Girassóis”, agosto de 1888, de Vincent Van Gogh. A imagem do trabalho do autor, estava colocada no enunciado do projeto, para ser trabalhada na Unidade Didática: Luz, Cor e a Forma na Composição Plástica. O Projeto de trabalho propunha a representação (recriação) dos doze girassóis de Vincent Van Gogh, como podemos observá-la na imagem/trabalho, apresentada em baixo na Figura 4 e no Anexo IX.



Figura 4 - Recriação da obra do autor -- Imagem do trabalho do aluno A

Foram também lecionados e explorados outros conteúdos pedagógicos importantes no segundo período, entre eles, e no desenvolvimento da Unidade Didática: Módulo-Padrão, tema que mais tarde foi aferido (revisto)) na Unidade Didática: Projeto, que apliquei com o 8º C na disciplina de Educação Visual, no terceiro período.

O tema Módulo-Padrão foi trabalhado nesta turma com o intuito de desenvolver, explorar novas (ideias) possibilidades e combinações. Podemos utilizar módulos bidimensionais para construir estruturas modulares planas, a que se chama padrões. A organização das formas no plano é feita partindo da utilização da repetição e, desta forma podemos obter uma composição modular. Este tipo de composições assenta em estruturas básicas de gradação ou radiais, nas quais uma unidade formal vai sendo repetida ao longo da grelha de uma determinada estrutura. A esta unidade designamos por “módulo” e, ao resultado da sua repetição, designamos por “padrão”. Chamamos padrões às estruturas modulares planas.

Podemos observar muitos exemplos destes padrões nos painéis de azulejos ou nos tecidos. A sua construção obedece à regra da simplicidade, ou seja, à construção

de módulos simples, podendo resultar, no entanto, em composições finais mais complexas. Outros exemplos de combinações de sucesso do módulo-padrão que destacam são os painéis de azulejos que enriquecem algumas das fachadas dos prédios da nossa cidade de Lisboa, assim como, a presença do módulo-padrão na calçada portuguesa, que nos caracteriza e diferencia das outras culturas. Podemos ver alguns destes exemplos na apresentação multimédia realizada à turma sobre este tema (Anexo X).



Figura 5- Unidade Didática: Módulo-Padrão - Imagem do *slide* de apresentação

No segundo período foi também promovida uma visita de estudo ao Museu de Arte Popular para observar as obras do artista ESCHER, no âmbito da implementação da Unidade Didática: Módulo-Padrão. Na visita de estudo, foi proposto aos alunos do 8ºC um trabalho prático/teórico (ficha) a realizar no local da exposição, relacionado com esta. A ficha de trabalho, que foi realizada pelos alunos da turma durante a visita de estudo encontra-se no Anexo XI.

Na Unidade Didática: Módulo-Padrão lecionada no segundo período, a proposta de trabalho teve como tempo de realização do trabalho solicitado, de três blocos de aulas de 90 minutos cada. Os Conteúdos desenvolvidos na unidade didática foram: a geometria plana, a estrutura/forma, módulo/padrão e a simetria. Foi realizada uma revisão quanto à complementaridade das cores. O desenvolvimento da unidade didática passou pelo desenho de um módulo, tendo como base um quadrado e, utilizando os traçados geométricos estudados, como por exemplo, espirais, concordâncias, polígonos, circunferências, etc. Propôs-se que os alunos desenhassem

uma grelha (quadricula) numa folha de papel cavalinho de formato A3, para que estes replicassem o módulo criado (Anexo XII).

No início do terceiro período, a turma do 8ºC realizou uma visita de estudo ao Gerês, de vários dias, no âmbito do Programa Eco Escolas, com participação das disciplinas de Ciências Naturais e de Educação Visual. O Programa Eco Escolas está a ser promovido e aplicado no Externato da Luz, com a introdução de várias estratégias/atividades de promoção de uma humanidade que adapta o seu comportamento para dar suporte ao desenvolvimento sustentável. Parar de poluir o ambiente, permitindo a renovação de recursos naturais e contribuindo para melhorar o bem-estar de todos. A Educação desempenha aqui, um papel crucial no treino dos novos cidadãos, promovendo a Educação para a Cidadania, Economia, Tecnologia e Política, são as chaves para um futuro onde o desenvolvimento é um fator decisivo na construção da mudança.

A ficha de trabalho que foi entregue a todos os alunos do 8ºC para a realização de um trabalho prático na disciplina de Educação Visual e aplicada na visita ao Gerês, encontra-se apresentada no Quadro XII, que se segue:



Visita de estudo ao Gerês do 8º Ano - 3ºP

Ano letivo 2017/2018

Como desenhar à vista a paisagem que tens à frente?

Para desenhares a paisagem que tens neste momento à tua frente, necessitas não só de ter algum domínio da técnica, como em primeiro lugar, procurar um lugar para te sentar, onde possas estar sossegado e concentrado. Verás que dessa forma, conseguirás um bom modo de ter alguns momentos inspiradores de relaxamento e terapia.

Ao desenhares ao ar livre, irás descobrir um importante meio de concentração em que a tua imaginação flui, além de descobrires pormenores na realidade desta paisagem em que nem reparaste. Assim como todas as outras formas de arte, desenhar paisagens quer paciência, imaginação e muita observação também.



Não precisas de te preocupar com materiais muito refinados... necessitas apenas do lápis nº 1 ou nº2, borracha e papel. Não precisas de fazer esquadria.

1. Começa por definir o campo da paisagem que irás representar. Podes colocar a folha A4 na vertical ou na horizontal. Não esqueças de que este trabalho tem o “peso” de um trabalho prático na disciplina de EV;
2. Desenha agora os elementos principais da paisagem, ainda sem os pormenores. Utiliza como base figuras geométricas, círculos, quadrados, triângulos, para que consigas o equilíbrio na composição do desenho;
3. Vai aperfeiçoando aos poucos os detalhes, apenas fazendo rabiscos. Não faças traços muito fortes neste primeiro momento, começa levemente, pois se precisares de apagar tornam-se mais fáceis marcações mais leves;
4. Nesta próxima etapa, acrescenta elementos como rochas, casas, pequenas árvores ao fundo, mas não te esqueças de fazer sempre a linha do horizonte ao fundo, para guiar toda a tua composição;
5. Engrossa alguns traços e dá por fim, as sombras;
6. Fica atento às proporções e aos tamanhos dos elementos representados.
7. Podes fazer um ou mais desenhos A4, mas só irás entregar para avaliação uma folha desenhada, (*Duração do projeto: 90 minutos*)

Boa sorte e bom trabalho!

As professoras de Educação Visual do 8º Ano

Cristina Fernandes e Tânia Rodrigues

Abril de 2018

Quadro XII – Desenho de observação - Ficha de trabalho realizada no âmbito da visita de estudo ao Gerês

Os alunos realizaram os seus desenhos de observação direta durante a visita, representaram graficamente alguns dos elementos observados, arquitetônicos e outros elementos de outras naturezas. Em baixo, apresentam-se alguns exemplos dos trabalhos realizados pelos alunos (Anexo XIII). A visita de estudo ao Gerês acontece no terceiro período, no momento letivo anterior à implementação e aplicação da Unidade Didática: Projeto.

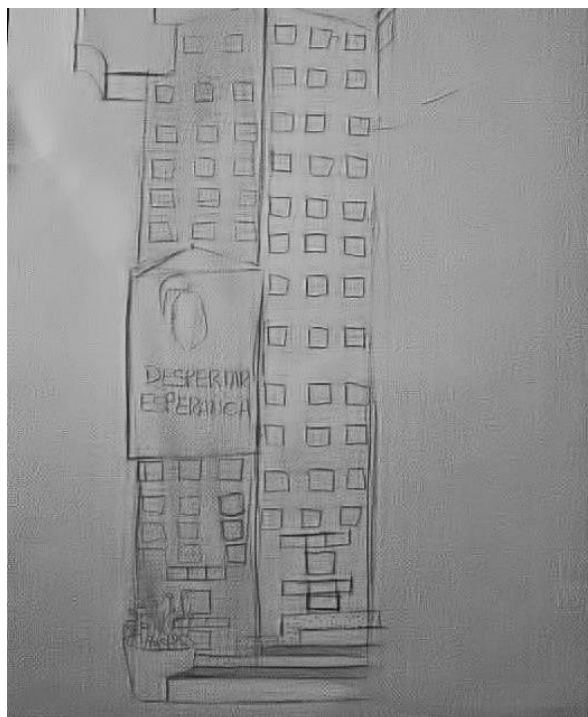


Figura 6 - Visita de estudo ao Gerês - Imagem do trabalho realizado pelo aluno A



Figura 7- Visita de estudo ao Gerês - Imagem do trabalho realizado pelo aluno B

No terceiro período, foi realizada e aplicada a nível nacional pelo Ministério da Educação no ano letivo 2017/2018, a Prova de Aferição de Educação Visual do oitavo ano. Na prova de Aferição em questão, foram aferidos alguns os conteúdos da disciplina de Educação Visual do 8º ano, lecionados no 3º Ciclo do Ensino Básico.

2 Planificação da Unidade Didática

A Planificação abaixo apresentada (Quadro XIII), corresponde à grelha de Planificação da Unidade Didática – Projeto, que foi aplicado na turma 8º C, na Disciplina de Educação Visual, no 3º Período

Planificação da Unidade Didática					
Disciplina: Educação Visual Ano: 8º ano Turma: C – 3º Ciclo do E.B.			Duração/Tempos letivos: 12 aulas de 45 minutos		
Unidade Didática: Projeto			Tema: Criação de um Portão de Jardim		
Conteúdos/Domínios	Objetivos	Nº Aula	Atividades	Recursos	Avaliação
FORMA	TÉCNICA	Aula 1	Apresentação multimédia sobre a Arquitetura do ferro e sobre a Arte Nova, com a mostra de algumas obras, nas diversas áreas artísticas, do período da Arquitetura do Ferro e da Arte Nova	<u>Multimédia:</u> Computador, quadro branco e projetor (Data Show)	<u>Formativa</u> No decorrer do trabalho, tendo em conta as várias fases de execução, e a especificidade do trabalho de cada aluno.
	DISCURSO	Aula 2	Apresentação oral da unidade Didática, fases de construção, metodologia, materiais necessários e da avaliação. Revisão de alguns conteúdos no âmbito do desenho de observação	<u>Convencionais</u> Manual de Educação Visual adotado pela escola. Quadro branco com as canetas correspondent es.	<u>Observação Direta</u> - Participação, comportamento e atitudes durante a realização do trabalho.
	REPRESENTAÇÃO		Realização de alguns registos gráficos (representação de elementos naturais), partindo da observação direta ou partindo de imagens fotográficas (selecionadas)	Instrumentos de desenho para quadro (régua, compasso, esquadro).	<u>Atitudes</u> - Avaliação das atitudes dos alunos no decorrer do trabalho.
		Aula 3	Aula ao Ar Livre no Jardim do seminário (Aula nº2/ 45 min)) – Realização de desenhos de observação de elementos naturais observados Como construir um mapa mental? Explicação e exemplificação com a	<u>Material necessário</u>	<u>Observação Indireta</u> dos

Planificação da Unidade Didática					
Disciplina: Educação Visual Ano: 8º ano Turma: C – 3º Ciclo do E.B.			Duração/Tempos letivos: 12 aulas de 45 minutos		
Unidade Didática: Projeto			Tema: Criação de um Portão de Jardim		
Conteúdos/Domínios	Objetivos	Nº Aula	Atividades	Recursos	Avaliação
	naturais, etc. Identificar e exprimir o movimento nas suas diversas formas: implícita; repetitiva; estática e dinâmica. Entender a noção de composição nas diferentes produções plásticas, apreendendo os conceitos de proporção, configuração, composição formal, campo retangular, peso visual das formas, etc. Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais. Identificar e analisar elementos formais em diferentes produções plásticas. Decompor um objeto nos seus constituintes formais, em termos da sua forma, geometria, estrutura, materiais, etc. Desenvolver ações, utilizando os elementos da composição visual ponto, linha e plano, para a representação bidimensional da forma, da dimensão e da posição dos objetos no espaço. Aumentar as capacidades de representação gráfica através da reprodução morfológica e estrutural do objeto, decifrada através de elementos como volume e espaço. Explorar princípios básicos da Arquitetura e da sua metodologia. Analisar e valorizar o contexto de onde vem a Arquitetura. Reconhecer e descrever a metodologia da arquitetura (enunciação do problema, análise do lugar, tipologia de projeto Aplicar princípios básicos da Arquitetura na resolução de	Aula 4 Aula 5 Aula 6 Aula 7 Aula 8 Aula 9 Aula 10	visualização de apresentação multimédia. Construção de um mapa mental (tarefa realizada em grupo), auxiliar criativo e instrumento facilitador no surgimento de novas ideias e resolução de problemas. Realização de estudos para a construção/ decoração de um portão, aplicando alguns conteúdos/conceitos anteriormente explorados e lecionados (estrutura, composição visual, forma, espaço, módulo-padrão, simetria e assimetria). Fase inicial de desenvolvimento do desenho compositivo do Portão para um jardim. Desenho compositivo, iniciado numa folha de papel de cavaleiro de formato A3, com 1,5 cm de esquadria. Os alunos foram desenvolvendo o desenho de forma a compor todos os elementos que farão parte da sua criação, solicitados no enunciado do projeto. Conclusão da realização do desenho compositivo, numa folha de cavaleiro de formato A3 com uma esquadria de 1,5 cm. Início da fase de pintura da composição plástica do Portão para um jardim.	para os alunos (individual): Manual da disciplina. Compasso, transferidor; Régua e esquadro; Lápis de grafite e borracha; Afia e lápis de cor; Papel cavaleiro de formato A4, formato A3 e Papel esquisso; Canetas de feltro ou marcadores; Guaches e todo o material de pintura; Cola líquida, de batom e Tesoura; Linhas, cordel, tecidos;	<u>exercícios e dos estudos:</u> Apresentação, qualidade gráfica; Técnica e meios de registo; Compreensão e domínio dos conteúdos programáticos. <u>Observação Indireta do projeto:</u> Capacidade de representação e comunicação; Capacidade de construção técnica; Domínio da expressão plástica e criativa. <u>Sumativa</u> No final do período, tendo

Planificação da Unidade Didática						
Disciplina: Educação Visual Ano: 8º ano Turma: C – 3º Ciclo do E.B.				Duração/Tempos letivos: 12 aulas de 45 minutos		
Unidade Didática: Projeto				Tema: Criação de um Portão de Jardim		
Conteúdos/Domínios		Objetivos	Nº Aula	Atividades	Recursos	Avaliação
	PROJETO	problemas. Distinguir e analisar as diversas áreas da arquitetura (paisagista, interiores, reabilitação, urbanismo). Desenvolver soluções criativas no âmbito da arquitetura, aplicando os seus princípios básicos na criação de um espaço vivencial, em articulação com áreas de interesse da escola.	Aula 11	Continuação e desenvolvimento da pintura na composição plástica, do projeto – Um portão para um Jardim. Conclusão da pintura ou de parte dos trabalhos de desenvolvimento do projeto.	Cartão e Cartolinas de cor;	em conta os projetos de trabalho e as atitudes de cada aluno.
		Reconhecer a importância da observação e da interpretação no desenvolvimento do projeto. Conceber soluções criativas para um espaço vivencial, no âmbito da ecologia urbana, aplicando princípios básicos da arquitetura (eco bairro: casas sustentáveis; sustentabilidade ambiental; eco materiais; energias renováveis; etc.)	Aula 12	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido na U.D. - Projeto. Realização da autoavaliação/ inquérito da Unidade didática e do 3º período, com preenchimento das fichas. No final das aulas é realizada uma exposição de trabalhos realizados pelos alunos, nos diversos ciclos, do E.B. A apresentação e exposição dos trabalhos no espaço escolar, decorreu no átrio de entrada da escola, aberto a toda a comunidade educativa.		<u>Autoavaliação/ heteroavaliação</u> Preenchimento de uma ficha/Inquérito de Autoavaliação sobre a Unidade Didática.

Quadro XIII – Grelha da Planificação da Unidade Didática: Projeto (aplicada no 3º período)

2.1 Unidade Didática

A Planificação Mensal/Anual de Temas do oitavo ano na disciplina de Educação Visual para o ano letivo 2017/2018 foi realizada pelo grupo de docentes do Departamento de Artes e Tecnologias do Externato da Luz, do qual, faz parte a professora cooperante e titular da disciplina de Educação Visual do 8ºC. A Planificação foi revista e aprovada na reunião do Departamento de Artes e Tecnologias no dia 25/07/2017 e aplica-se ao ano letivo 2017/2018 na disciplina de Educação Visual 8º

ano (3º Ciclo do E. B), seguindo as orientações do Ministério de Educação, de acordo com as Metas Curriculares de Educação Visual - 8ºano - 3º Ciclo (Anexo XIV).

A Unidade Didática: Projeto foi implementada em sala de aula, com o 8º C na disciplina de Educação Visual, sempre com o acompanhamento e apoio da professora cooperante e, tinha como tema do Projeto: “Criação de um portão para jardim”, com a duração de doze aulas de quarenta e cinco minutos cada. As aulas foram todas lecionadas em blocos de noventa minutos. Ficha de projeto que foi entregue aos alunos no início da Unidade Didática: Projeto (Anexo XV).

2.2 Objetivos e Metas Curriculares

Na presente Unidade Didática: Projeto, a sua planificação foi construída e baseada nas “Metas Curriculares de Educação Visual - 3º Ciclo - 8º ano”, sugeridas pelo Ministério de Educação, para o ano letivo 2017/2018. Foram vários os conteúdos a explorar e a desenvolver na unidade didática proposta e aplicada em Educação Visual.

Quanto aos objetivos que os alunos deveriam alcançar durante o desenvolvimento da Unidade Didática foram os seguintes: os alunos devem ser capazes de compreender as estruturas naturais e as estruturas artificiais e conseguirem distinguir composições bidimensionais e tridimensionais. Devem saber identificar os elementos formais que fazem parte das produções plásticas, assim como, conseguirem decompor um objeto simples. Os alunos deverão ser capazes de representar a forma na sua bidimensionalidade, através do ponto, da linha e do plano, ou seja, através dos elementos de comunicação visual. Devem saber reconhecer e distinguir as diferentes áreas da arquitetura. Os educandos devem desenvolver e reconhecer a importância da interpretação e da análise, durante o desenvolvimento do projeto e conceber soluções criativas para um espaço vivencial (eco bairro: casas sustentáveis; sustentabilidade ambiental; eco materiais; energias renováveis; etc.).

Nos objetivos gerais, permitir aos alunos uma efetiva diferenciação pedagógica na sala de aula e a abertura da escola ao meio envolvente, aproximando os alunos da realidade que os envolve. Os alunos devem conhecer a Arquitetura num contexto histórico/social, construtivo e estético, devendo consolidar as suas aprendizagens de uma forma efetiva. Enriquecer a experiência individual e coletiva dos alunos,

proporcionando momentos de convivência e promovendo o sentido de camaradagem e de cooperação. Os alunos devem desenvolver o seu espírito de observação e de investigação e de reflexão.

Os objetivos operacionais (psicomotores) pretendidos na Unidade Didática implementada foram os seguintes: os alunos conseguirem representar uma composição plástica (criativa), desenvolvendo o desenho de observação, a ampliação de desenhos e/ou imagens (com recurso da quadricula), seguindo as orientações dadas nas diversas fases do projeto e a aplicação dos conteúdos lecionados, como: a Cor-Luz, Forma, Espaço, Composição Visual, Estruturas, Módulo-Padrão, entre outros conteúdos.

Os objetivos específicos cognitivos propostos na Unidade Didática foram os seguintes: os alunos compreenderem a geometria enquanto elemento de organização da forma num determinado espaço, com uma determinada função. Saber usar os conhecimentos aprendidos sobre o desenho de observação e saber criar novas formas a partir de observações da realidade e de obras de arte, utilizando os conhecimentos do desenho e dos elementos estruturais da linguagem plástica.

Quanto aos objetivos afetivos propostos na Unidade Didática, foram os seguintes: criar nos alunos o gosto e a valorização pela História de Arte (a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova), as obras artísticas e os seus artistas, assim como, os movimentos artísticos do século XX. Os alunos saberem usar esses conhecimentos aprendidos nas aulas e aplicá-los em atividades do dia-a-dia, criando formas a partir de observações da realidade, desenvolver a criatividade e aprofundar algumas competências com base na composição plástica.

2.3 Atividades/estratégias - Conteúdos e Recursos Educativos

Partindo da Planificação anual/mensal mencionada anteriormente da disciplina de Educação Visual do 8º ano, realizada pelos professores do Departamento de Artes e Tecnologias do Externato da Luz e seguindo as Metas Curriculares da disciplina, foi elaborada e planificada a Unidade Didática: Projeto, implementada na turma 8º C, no 3º período (Apêndice I), encontra-se no Quadro XIII.

A respeito dos procedimentos metodológicos adotados nas primeiras aulas, foram mais expositivas e práticas, colocando em destaque a importância da Arquitetura

e das outras Artes na vida do indivíduo, a relação entre elas e o espaço criado por estes. Foram observadas coletivamente algumas obras de diferentes autores, facto que despertou o interesse dos educandos no uso dos elementos visuais e das possibilidades do desenho, da pintura e/ou do recorte e da colagem, desenvolvendo as suas habilidades percetivas.

Os conteúdos desenvolvidos na unidade didática estão intrinsecamente relacionados com os obras de Arte Portuguesa num determinado contexto artístico, valores, crenças e tradições.

A implementação a Unidade Didática: Projeto deu início nas aulas nº 1 e nº 2, com a introdução ao estudo do tema “A Arquitetura”. Colocou-se em destaque dois períodos histórico/estético da arquitetura, que se cruzaram no tempo, mais especificamente a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova. Estes movimentos artísticos e construtivos em foco, foram apresentados e explicados, quanto às suas características específicas e aos seus intervenientes (artistas/autores). Foram salientadas algumas obras arquitetónicas e outras obras que as acompanham, tanto na área da pintura, da cerâmica, do vitral, da escultura, entre outras.

Realizou-se mais tarde a discussão sobre a História da Arquitetura das páginas cento e seis e cento e sete do manual da disciplina e sobre a Metodologia Projetual, nas páginas cento e oito e cento e nove.

A apresentação multimédia realizada na primeira aula sobre o tema: A Arquitetura do Ferro e a Arte Nova, incluiu e destacou alguns exemplares artísticos presentes no nosso país. A introdução realizada, conteve alguns dos princípios básicos históricos da Arquitetura, as soluções criativas da arquitetura paisagística, baseadas no estudo do desenho, das estruturas, da cor-luz, da forma, da composição plástica, do módulo-padrão, elementos que se encontram presentes nos edifícios arquitetónicos. Foi contextualizado o tema sobre a Arquitetura ao longo dos tempos, a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova, no que respeita ao contexto histórico e estético, e a aplicação do desenho, da pintura, da escultura, da cerâmica, e de outras formas artísticas, nos edifícios arquitetónicos. Também alguns conteúdos trabalhados inicialmente, estavam relacionados com a Arquitetura, onde a presença do desenho se destaca. A tarefa mais nobre desta arte, a arquitetura é ela ter uma função utilitária no nosso dia a dia.

A apresentação multimédia realizada sobre o tema “Arquitetura do Ferro e a Arte Nova” (Apêndice II), destacou-se pela mostra de algumas obras artísticas,

colocando em destaque alguns artistas nas diversas áreas artísticas no período da Arquitetura do Ferro e da Arte Nova. Tendo em consideração estes pressupostos, resolvi incluir alguns conteúdos da História de Arte para mais tarde auxiliar o aluno quanto ao seu reconhecimento relativamente a estes períodos artísticos (movimentos) e às pesquisas necessárias para o trabalho. As pesquisas que seriam solicitadas e na realização destas (noutras fases do trabalho), promovia e incentivava os alunos a recorrer à utilização das novas tecnologias.

No momento seguinte, procedeu-se à distribuição da ficha a todos os alunos e à apresentação da Unidade Didática: Projeto. O grupo foi informado e esclarecido das diferentes fases de trabalho, a metodologia a ser aplicada, os materiais necessários, recursos e a avaliação aplicada (Apêndice III).

De acordo com os conteúdos que foram lecionados sobre a Arquitetura do Ferro e sobre a Arte Nova, foi também entregue aos alunos uma ficha informativa sobre o tema (Apêndice IV).

Surgiu ainda a necessidade de apresentar alguns conteúdos na área do Desenho, com a devida explicação e clarificação sobre os diversos “Modos de Desenho” (Apêndice V). Na contextualização do tema sobre o Desenho, foi colocado em destaque o desenho de observação direta. Esta comunicação, apresentou uma reflexão em torno do desenho como ferramenta de construção de pensamento, estando presente, não apenas no processo de desenvolvimento de um projeto, mas também no processo de desenvolvimento do educando e do seu autoconhecimento, em contexto de sala de aula. A apresentação sobre “Modos de Desenho”, surgiu da necessidade de explicar alguns conteúdos e foi ao encontro da seguinte fase de trabalho (atividade). Os alunos realizaram numa fase inicial do projeto, no âmbito do desenho de observação, alguns desenhos de observação direta de elementos naturais no seu Diário Gráfico, observados no jardim do Seminário da Luz. Na segunda parte da aula (bloco), eu e a professora cooperante acompanhámos a turma e saímos do espaço de sala de aula e nos dirigimos para o jardim do Seminário da Luz, que fica dentro do perímetro da escola.

Os alunos realizaram os seus primeiros desenhos de observação de elementos naturais na aula ao ar livre, como podemos observar nas imagens das Figuras 8 e na Figura 9 (Apêndice VI). Aqui, o desenho de observação pode ser analisado como raciocínio e conhecimento de si e do outro, este também promove o seu

desenvolvimento pessoal e interpessoal. Criar uma experiência distinta entre tantas outras, face às dificuldades que muitos alunos revelam na apropriação da linguagem do desenho, no geral. Os alunos do 8ºC observaram algumas formas naturais e realizaram alguns desenhos de observação direta. Para a realização de um bom desenho de observação foi fundamental um elevado grau de observação por parte dos alunos. Usaram alguns riscadores, entre eles, lápis de grafite de diferentes durezas, para a obtenção de diferentes expressões.

No desenvolvimento do desenho de observação, o registo gráfico do que se está a ver e a observar em determinado momento, torna o observador mais rigoroso no olhar e no registo do modelo, apercebendo-se de inúmeros pormenores, formas, sinais que até então não havia reparado como as proporções e volumetria dos objetos, as partes que constituem e as relações entre os objetos e por último os pormenores, compreendendo e memorizando o que é observado.



Figura 8- Desenho de observação direta – Imagem da aula ao ar livre



Figura 9 - Desenho de observação direta – Imagem da aula ao ar livre

São vários os modos de desenho utilizados de acordo com as necessidades específicas, entre eles, encontram-se o desenho de estudo e esboço, o desenho de observação, o desenho científico, o desenho técnico e o desenho de expressão livre. Os diferentes modos de desenho permitem-nos criar soluções várias, face às mais diversas necessidades de representação. As coisas que representamos podem ser concebidas com diferentes tipos de grafismos, uns desenhos podem ser mais ou menos rigorosos ou mais ou menos expressivos. O ato de desenhar não implica só o gesto da mão, envolve também, vários processos mentais e a capacidade de abstração. O desenho é um meio simples e rápido de observar e de captar a realidade. O desenho pode ser uma ferramenta diária de apoio visual para comunicar algo, desenvolver a expressão do próprio indivíduo. Este também promove a experimentação de técnicas e materiais diferenciados, permitindo resultados muito diversos.

O esboço é a parte inicial de qualquer projeto, o desenho de esboço caracteriza-se também pelo registo das primeiras ideias que queremos explorar, através de traços rápidos. Na realização do esboço, concentramo-nos apenas nos aspetos mais essenciais da forma observada. Ele serve para simplificar, para que a forma possa ser concebida e estudada e é favorável, que tenham sempre à mão o seu bloco, o diário gráfico. Considero que o diário gráfico é um suporte fundamental na formação integral do aluno, permitindo desenvolver as aptidões dos alunos ao nível dos sentidos, da sua expressão, de perceção, de sensibilidade e de criatividade. Os cadernos são facilmente transportáveis, os esboços são rápidos e espontâneos, dão pouca ênfase a detalhes e

finalizações e incentivam a destreza manual. O esboço e o desenho de observação promovem também o poder de síntese, a criatividade e a autoconfiança do aluno. Recolhendo imagens, objetos diversos de materiais diferentes, entre outras coisas, perceber as diversas possibilidades gráficas, de relacionamento entre estes, estimulando desta forma a imaginação e criatividade.

Haverá muitos motivos (temas) a serem observados e que vão despertar o interesse destes. Rabiscar à vontade, sem medo de errar, pois o bloco serve justamente para exercitar a técnica. Quanto melhores observadores formos, melhor será o desenho dos elementos que queremos representar. Para desenhar à vista uma determinada forma é necessário que os educandos saibam ver e observar com muita atenção as formas a representar.

Por outro lado, os alunos poderão verificar o seu próprio desempenho evolutivo e constatar a capacidade que temos para aprender. A desenhar também se aprende, como acontece em qualquer outra disciplina, e a facilidade demonstrada por alguns nesta área, não é impeditiva do sucesso de qualquer outro. Podemos observar no Apêndice VII alguns dos trabalhos realizados pelos alunos na aula ao ar livre no Jardim do Seminário.



Figura 10- Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre



Figura 11 – Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre



Figura 12 – Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre

No segundo bloco de aulas, nas aulas nº 3 e nº 4 da Unidade Didática: Projeto com o tema “Criação de um portão para um Jardim”, no desenvolvimento desta foi aplicada uma nova estratégia pedagógica, com a introdução de técnicas criativas no processo de construção e no desenvolvimento de novas soluções. A explicação da seguinte fase de trabalho, foi acompanhada pela apresentação multimédia, realizada para o efeito, sobre o tema: Como construir um Mapa Mental (Apêndice VIII).

O Mapa Mental é uma técnica criativa, que promove a criação e descoberta de novas ideias e soluções para a resolução de problemas. A realização de uma breve explicação de como se constrói um mapa mental teve como objectivo principal, dar a maior liberdade à mente dos educandos para o surgimento de novas ideias e novas soluções. Foram também explicadas as finalidades e características de um mapa mental, com uma mostra de exemplos possíveis de mapas mentais. A introdução desta técnica criativa, o mapa mental, numa fase de desenvolvimento do projeto, foi fundamental para todos os intervenientes. Este foi realizado em grupo, em pequenos grupos, onde a partilha e a comunicação entre os alunos, promoveu a evolução e o surgimento de novas ideias. A palavra de ordem era a inovação, a originalidade, sempre ao serviço de uma leitura “agradável” e positiva do trabalho final. Todos os trabalhos da Unidade Didática: Projeto foram realizados individualmente, exceto nesta fase de construção do Mapa Mental (tarefa realizada em grupo).

O processo para a construção do Mapa Mental foi o seguinte: no primeiro passo foi escrevermos o tema central. No caso aplicado : “Criação de um portão para jardim” e, numa segunda etapa, desenhámos e escrevemos palavras a partir do tema central, escrevem-se palavras/temas, como por exemplo: "objetivos", "benefícios", “função”, "desenvolvimento", "técnicas", “materiais”, "princípios”, etc. Não nos devemos de preocupar com o que vai surgindo durante a construção. Numa etapa ou fase de construção, vamos nos preocupar por gerir as ideias que vão surgindo. Seguidamente devemos estabelecer todas as relações que quisermos e realzar os esquemas com desenhos, com palavras, que acharmos úteis e necessárias. No final, devemos realizar uma análise destas e avaliar de forma a encontrar novas soluções, novas ideias.

No Apêndice IX estão documentados alguns momentos da aula através de algumas imagens, durante o processo de desenvolvimento e construção do Mapa Mental por parte dos alunos, nos vários grupos formados. A tarefa que foi executada pelos alunos em pequenos grupos, quatro grupos com quatro elementos e um grupo com cinco elementos, visto que a turma é composta por vinte e um alunos. Foram distribuídos os alunos pelos cinco grupos. Os alunos organizaram-se na sala de forma a trabalhar em grupo, com o devido espaçamento entre os grupos para permitir a realização dos mapas mentais de uma forma tranquila e equilibrada.

Estes trabalhos realizados em grupo permitiram aos alunos um trabalho colaborativo e de partilha. No desenvolvimento e realização do Mapa Mental,

recorreu-se a folhas de papel de cenário, face à necessidade de utilizar formatos maiores para o seu suporte, como podemos observar nas Figuras 13 e 14.



Figura 13 - Mapa Mental - Imagem do trabalho de grupo

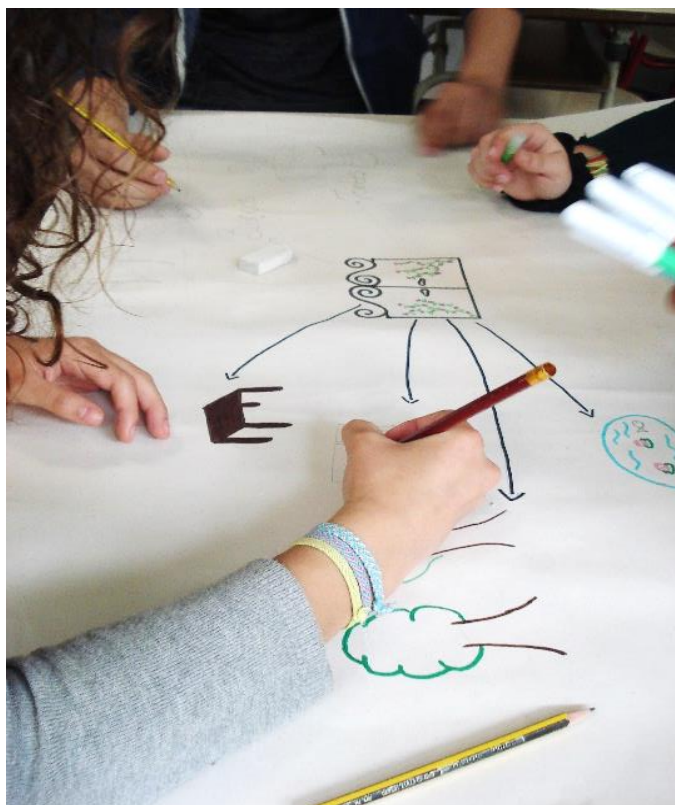


Figura 14 - Mapa Mental – Imagem do trabalho de grupo

O resultado dos trabalhos realizados foi muito positivo, podemos verificar a qualidade de alguns dos trabalhos realizados no Apêndice X e nas Figuras 15 e 16.

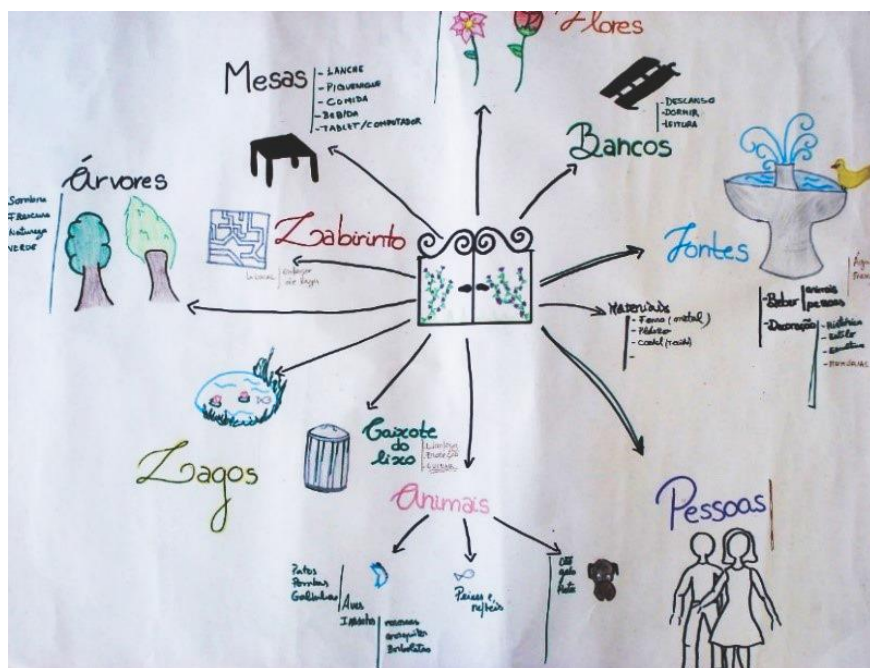


Figura 15 - Mapa Mental construído pelo grupo A

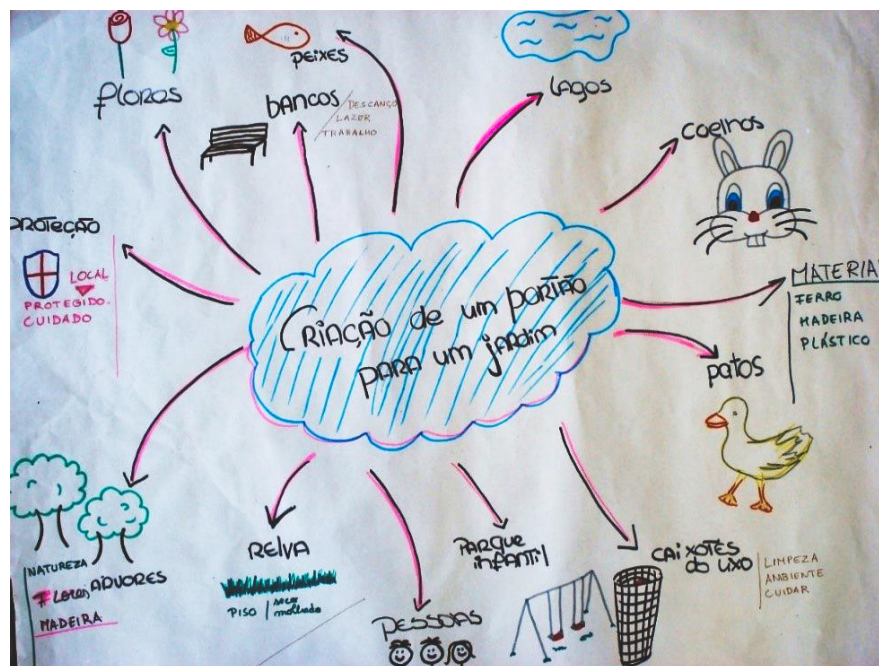


Figura 16 - Mapa Mental construído pelo grupo B

Na última fase da aula, foi solicitado aos alunos a realização de uma pesquisa de imagens para um novo referente (animal), que fará parte do projeto. O referente solicitado para o projeto é um animal, que ficará à escolha de cada aluno. Esta escolha poderá estar ligada à identidade, às preferências ou às memórias do próprio aluno.

Nas aulas nº 5 e nº 6 da Unidade Didática, após a verificação das pesquisas de imagens realizadas e solicitadas aos alunos para trabalhar no novo referente do projeto, foi projetado no quadro branco algumas imagens de animais (exemplos), de modo a auxiliar e facilitar os alunos quanto à escolha ou opção para o novo referente. Podemos observar alguns destes exemplos no documento Apêndice XI. Os alunos nesta fase de desenvolvimento do trabalho compositivo (criativo), deram início às primeiras representações gráficas do novo referente, desenho das formas dos animais escolhidos como referente. Partindo das imagens selecionadas pelos alunos, retiradas da internet e de outros suportes de comunicação, promoveu e certamente mostrou muitos detalhes da imagem, tornando-se muito útil para os alunos registarem o que veem à sua frente. No papel, surge a necessidade de registar os traços e formas que chamam mais atenção, linhas principais da forma. Foram também distribuídas pelos alunos, folhas de papel esquisso de formato A4, com o registo de uma quadricula quadrangular, com intuito

de as utilizarem para a composição e/ou enquadramento dos referentes obrigatórios, elementos naturais e um animal, solicitados no projeto.

No início dos trabalhos, chamando à atenção do grupo/turma, salientei a fase do projeto em que se encontravam, para se organizarem da melhor forma quanto aos materiais e técnicas a utilizar e o tempo de realização daquela tarefa.

Iniciaram alguns estudos gráficos das formas naturais e do novo referente com recurso à técnica da quadricula, nas folhas de esquisso com uma quadricula, distribuídas por todos os alunos. Os alunos escolheram uma imagem em formato A5, aproximadamente. Mas tarde, delimitaram com uma caneta, os contornos da forma do animal que aparece na imagem e transferiram seguidamente para a folha de esquisso os contornos da imagem, apagando as linhas guias, elaborando os ajustes à mão livre, olhando sempre para a imagem. Os alunos preparam os seus materiais, de forma a iniciarem o processo de construção, de ampliação de uma imagem. Neste momento do trabalho, como foi distribuída aos alunos uma quadricula que continha mais colunas verticais e mais colunas horizontais. O aluno utilizou a quadricula em formato A4 (em esquisso), para mais tarde ampliar a imagem, construindo uma quadricula no formato A3, em proporcionalidade. Quando pretendemos representar uma forma, é importante respeitar o seu tamanho relativamente ao original, de forma a aplicar a técnica de ampliação de imagens. Durante o processo fui fornecendo algum *feedback* como recurso e apoio para avançar a aprendizagem dos alunos. Nos registos gráficos das formas na composição plástica em construção, podemos observar alguns exemplos representativos desses momentos no Apêndice XII.



Figura 17 – Registos gráficos com recurso da quadricula (durante a realização)

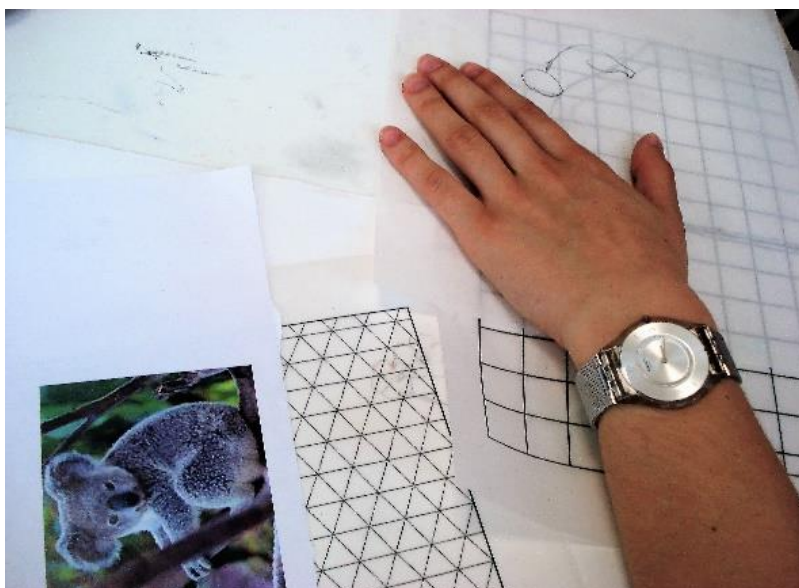


Figura 18 - Registos gráficos com recurso da quadricula (durante a realização)

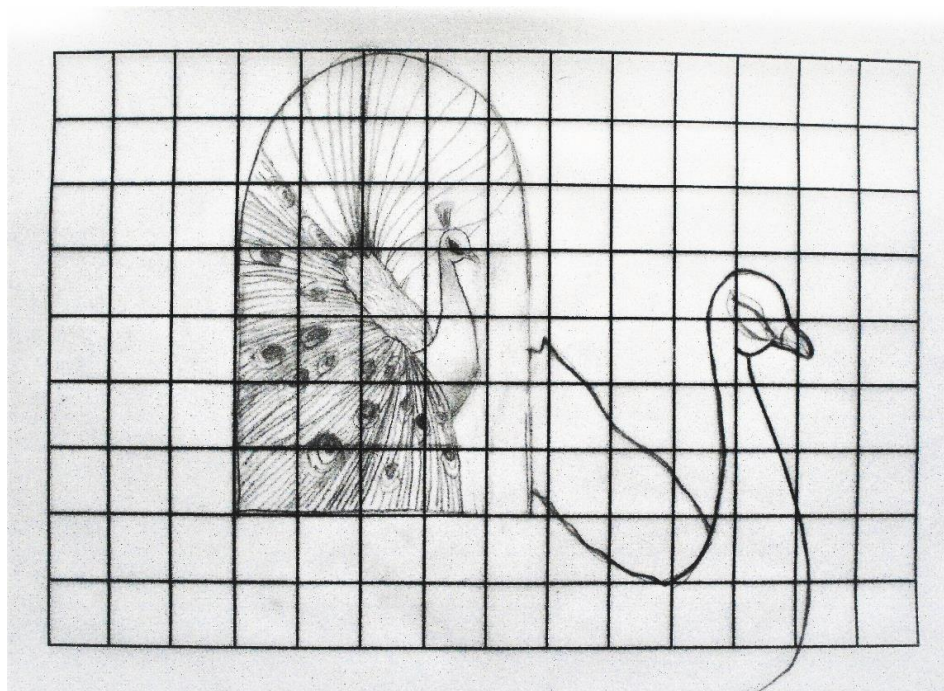


Figura 19 - Registo gráfico realizado pelo aluno A com recurso da quadricula

Na realização dos desenhos para a criação de um portão de jardim, permitiu aos alunos aplicar e trabalhar alguns conteúdos já lecionados como: a estrutura, a composição visual, a forma, o espaço, o módulo-padrão, a figura-fundo, a simetria e assimetria, entre outros.

Durante a fase realização do desenho, colaborei com os alunos, tendo um papel orientador, não interferindo com os conceitos, mas sempre com o intuito de ajudar a questionar, quanto a algumas decisões que iam sendo tomadas ao longo do projeto, pelos alunos. Tentar perceber enquanto criadores, o que tinham em mente na conceção final do portão para jardim. Ao longo do processo seriam apresentadas sugestões para melhorar os desempenhos dos educandos, na concretização do trabalho.

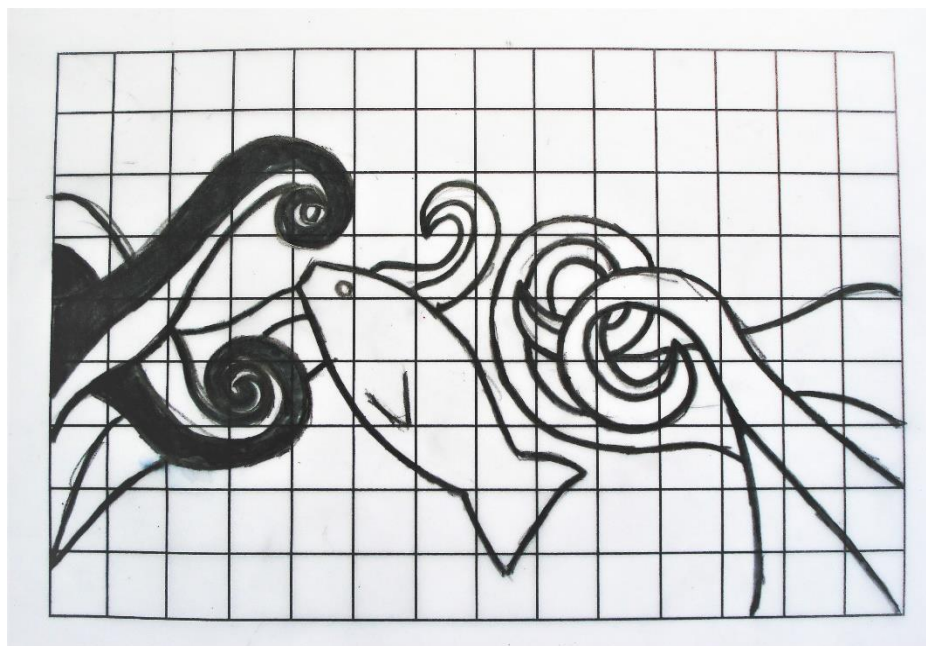


Figura 20 - Registo gráfico realizado pelo aluno B, com recurso da quadricula

Promoveu-se uma revisão de alguns conteúdos anteriormente lecionados, com recurso ao manual da disciplina de Educação Visual (adotado pela escola), com a análise e discussão das páginas número vinte e número vinte e um, sobre os Elementos Estruturais da linguagem plástica: luz-cor.

Nas aulas nº 7 e nº 8, iniciaram-se os trabalhos com uma conversa com o grupo turma, de forma a verificar e confirmar a situação, quanto ao desenvolvimento dos trabalhos e os materiais necessários para a sua realização. Na presente aula iniciou-se a realização do estudo compositivo (global), com todos os referentes e formas, solicitadas para o projeto, numa folha de papel cavalinho de formato A3, com o registo de uma quadrícula quadrangular, com esquadria de 1,5 cm. No desenvolvimento do desenho compositivo, as ideias foram surgindo, adequando-se à função e colocando em destaque os referentes e elementos formais que compõem o todo, para resolução do problema. Foi necessário nesta fase de trabalho proceder ao cálculo mental de distâncias para simplificar as medições.

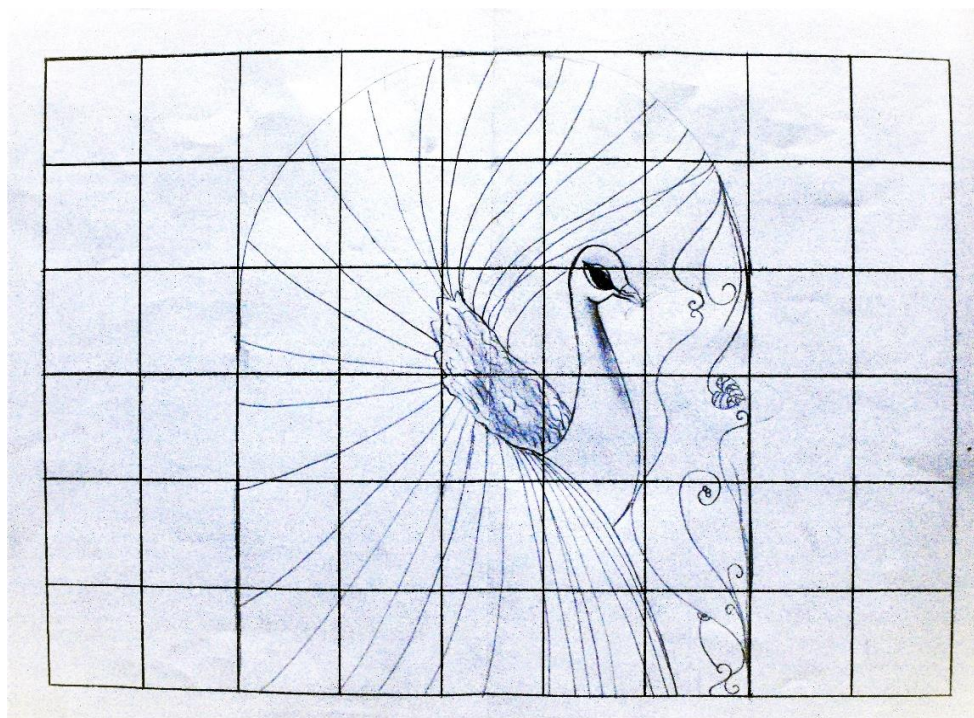


Figura 21 - Desenho compositivo realizado pelo aluno A

A ampliação de uma imagem poderá ser obtida por determinados processos, entre eles, pelo processo de divisão do plano em quatro partes, com uma linha horizontal e uma linha vertical que passam pelo centro da folha. É definida a escala do desenho através das relações entre as diferentes partes da composição.

Podemos analisar esta fase de trabalho, com alguns momentos desta fase do trabalho em imagem (Apêndice XIII), como na Figura 22, que apresenta um trabalho a ser desenvolvido por um aluno da turma.

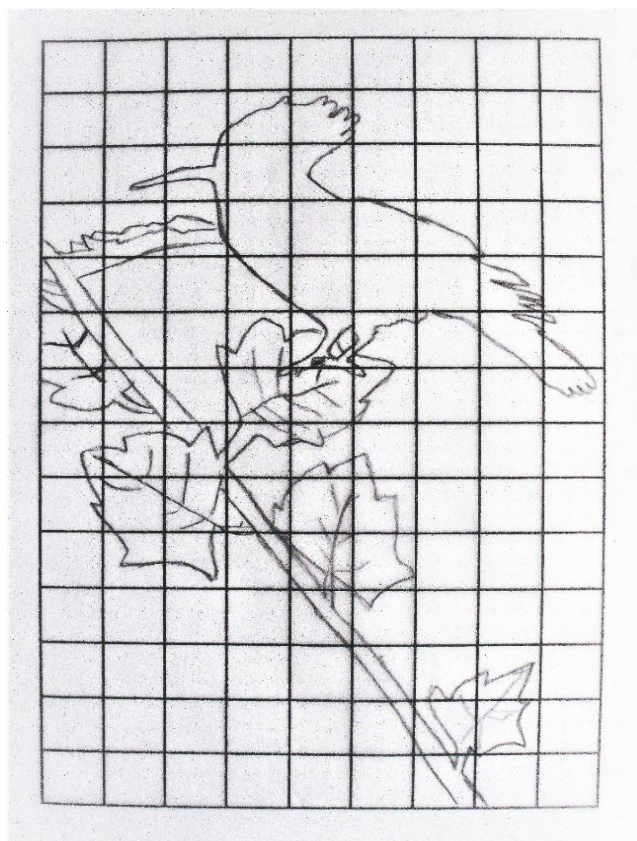


Figura 22 - Desenho compositivo realizado pelo aluno B

Os educandos trabalharam estes desenhos sob a influência da visualização e observação de algumas obras artísticas (projetadas) do estilo Arte Nova, que serviram de inspiração para a criação de novas ideias, soluções, para criarem algo de novo.

Foram algumas as tentativas de representação, até definirem a composição gráfica e representativa final das formas. Alguns educandos, aplicaram no desenvolvimento do seu trabalho alguns conteúdos como: a estrutura, a forma, o espaço, a composição visual, o módulo-padrão, a assimetria, a simetria e a figura-fundo. Os alunos no desenvolvimento do desenho compositivo, foram compondo no espaço da folha as formas desenvolvidas dos referentes solicitados para o projeto. O desenho foi iniciado numa folha de papel de cavalete, de formato A3, com 1,5 cm de esquadria.

Num segundo momento da aula, promoveu-se a visualização no quadro branco de algumas imagens, exemplos de portões já realizados e criados por outros autores, com aplicação de materiais recuperados e reciclados, fundamentalmente com preocupações ecológicas e ambientais. Esta mostra, dá destaque às preocupações

ambientais e ecológicas presentes na escola durante o ano letivo, dando continuidade à promoção e proteção do ambiente, da natureza, da casa comum, no âmbito do programa Eco Escolas e do Projeto Educativo da escola. O Externato da Luz é uma Eco Escola, faz parte do dia a dia da nossa escola as preocupações ambientais. Os alunos da escola, foram realizando nesse sentido, durante o ano letivo 2017/2018 muitas atividades e campanhas de promoção do meio ambiente.

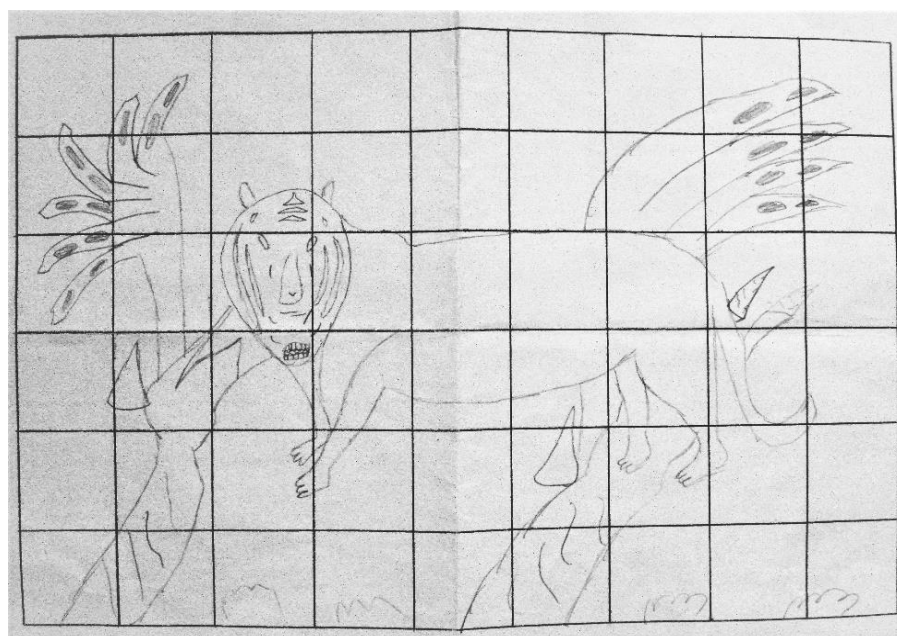


Figura 23 - Desenho compositivo realizado pelo aluno C

A conclusão da fase do desenho e o início da fase de pintura da composição criativa do portão decorreu nas aulas nº 9 e nº 10 da Unidade Didática. Os alunos iniciaram a fase de pintura da sua composição criativa, recorrendo às técnicas de pintura a lápis de cor, a canetas de feltro, a marcadores e outros recorreram à técnica de pintura a gauche. Foram muitos os alunos do 8º C, que recorreram à técnica de pintura a guache (Apêndice XIV). Os alunos da turma frequentemente aplicaram a tinta de guache mais diluída, dando o efeito de aguarela, como podemos observar na Figura 24, em baixo.



Figura 24 – Fase inicial da pintura – imagem do trabalho do aluno A

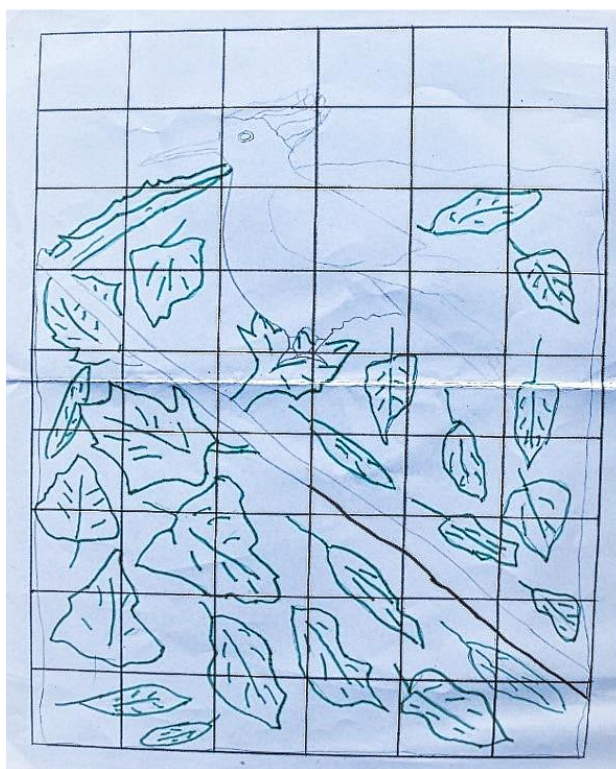


Figura 25 - Fase inicial da pintura – imagem do trabalho do aluno B

No decurso das aulas nº 11 e nº 12 da Unidade Didática, no sexto e último bloco de aulas, os alunos concluíram os seus trabalhos na fase de pintura e de colagem. Alguns dos alunos na fase de conclusão da composição criativa do Portão para um

jardim, aplicaram-se um pouco mais em terminar os seus trabalhos, com uma apresentação mais cuidada e, com maior qualidade na pintura executada.

Os alunos do 8º C recorreram a diversas técnicas de pintura, aplicando no geral técnicas mistas. Alguns dos alunos planearam aplicar algumas colagens, com alguns materiais recicláveis, após a conclusão da fase de pintura, mas muitos chegando a essa fase, deram por terminados os seus trabalhos, acabando por não recorrer à técnica da colagem (Apêndice XV).

No segundo momento da aula os alunos procederam ao preenchimento da ficha de Autoavaliação/Inquérito, sobre a Unidade Didática: Projeto. Durante o preenchimento da ficha, os alunos refletiram e analisaram sobre o trabalho realizado (Apêndice XVI).



Figura 26 – Fase de conclusão - Imagem do trabalho realizado



Figura 27 - Fase de conclusão - Imagem do trabalho realizado

Esta proposta favoreceu a interação dos alunos entre si. Na execução do projeto, os alunos recorreram fundamentalmente ao desenho e à pintura, adequando os meios técnicos e expressivos à ideia que pretendiam materializar.

Após a conclusão dos trabalhos, estes foram recolhidos, de forma a preparar a exposição final, no átrio de entrada. A exposição dos trabalhos finais da Unidade Didática: Projeto, esteve aberta a toda a comunidade educativa. O *feedback* foi positivo e os alunos gostaram de partilhar este momento (Apêndice XVII).



Figura 28 - Trabalhos realizados e expostos no átrio da escola



Figura 29 - Trabalhos realizados e expostos no átrio da escola

2.4 Avaliação da Unidade Didática

A abertura do sistema educativo a grupos sociais que anteriormente não tinham acesso à escola foi facilitada através do sistema de democratização social, da massificação do ensino e do alargamento da escolaridade obrigatória. Tem também a obrigação de promover e dar ferramentas necessárias para que o indivíduo se integre na sociedade. A construção do currículo moderno subentende uma tão grande riqueza de situações. Este, deve ser rico e estar cheios de desafios para o aluno, permitindo-lhe muitas possibilidades, deve “agitar” e motivar o aluno, convidando-o a entrar em diálogo, e de certo modo, a provocar uma interação que conduz ao currículo criativo.

A Avaliação Contínua foi sendo realizada ao longo das aulas de aplicação e desenvolvimento da Unidade Didática e também ao longo do ano letivo, os alunos estão sempre a ser avaliados. A aplicação prática desta avaliação fica facilitada quando o número de alunos não é muito elevado.

A Avaliação Formativa dos alunos realizada durante a implementação e realização da Unidade Didática: Projeto (Criação de um Portão para um jardim), permitiu verificar se o processo ensino-aprendizagem foi eficaz. Permitiu também identificar problemas que foram surgindo, permitindo deste modo, a sua resolução atempadamente. No decorrer do trabalho, nas várias fases de execução do projeto e da especificidade do trabalho de cada aluno (perfil), foi realizada a avaliação formativa e a avaliação das capacidades/attitudes dos alunos. Foram aplicadas algumas estratégias-chave para a realização da avaliação formativa, para clarificar algumas dúvidas, partilhando e compreendendo melhor as intenções de aprendizagem e os critérios de sucesso dos alunos. As grelhas de observação foram aplicadas durante o desenvolvimento da Unidade Didática, recurso este fundamental e utilizado em todas as aulas, colocando informações importantes para a avaliação global, do grupo/turma. No início das aulas era sempre realizado um balanço da situação, envolvendo deste modo o grupo turma na realização da tarefa seguinte, evitando também maus procedimentos e perda de tempo no desenvolvimento do próprio trabalho. Promoveu-se desta forma, a autonomia dos alunos durante as aulas, auxiliando os aprendentes a serem donos da sua própria aprendizagem. Foram também importantes a promoção de discussões efetivas, dentro do tema que estava a ser tratado e trabalhado, para o

desenvolvimento das atividades e tarefas que evidenciem algumas aprendizagens dos alunos.

O fornecimento de algum *feedback* aos alunos no decurso do trabalho foi importante para fazer avançar a aprendizagem destes, tendo sempre em conta o ritmo do educando, nas várias fases de execução e na especificidade do trabalho de cada aluno.

Durante a envolvimento dos alunos na construção do Mapa Mental, os aprendentes foram recurso uns dos outros, onde o trabalho de partilha e de cooperação esteve presente.

Na avaliação das capacidades/atitude dos alunos foram aplicadas algumas estratégias, que já foram enunciadas anteriormente, como a aplicação das grelhas de observação. Estas grelhas de observação foram colocadas em prática em sala de aula, durante a aplicação e desenvolvimento da Unidade Didática: Projeto, observando a participação, o empenho, o comportamento e as atitudes dos educandos, no decorrer do trabalho, dados fornecidos através das grelhas de observação.

A observação indireta dos trabalhos realizados pelos alunos, foi concretizada tendo em conta a qualidade gráfica destes, as técnicas aplicadas e aos meios de registo utilizados, assim como, verificar a compreensão e domínio dos conteúdos programáticos. A observação indireta do projeto serviu também, para verificação das capacidades de representação, de comunicação, de construção técnica e no domínio da expressão plástica e criativa do aluno durante o seu desempenho.

Os alunos da turma realizaram no final do 3º período, o preenchimento da ficha/inquérito de Autoavaliação sobre a Unidade Didática aplicada e desenvolvida no 3º período. No documento, foi solicitado ao aluno a realização de uma análise das suas atitudes e de todo o trabalho desenvolvido por este na Unidade Didática: Projeto.

Surgiu a necessidade no 3º período, da professora da disciplina de Educação Visual de aplicar ainda mais dois outros trabalhos práticos. A professora de Educação Visual aplicou estes exercícios (trabalhos) com aos alunos, para prepará-los para a Prova de Aferição de Educação Visual, a realizar no presente período, abarcando os conteúdos lecionados em Educação Visual, no 3º Ciclo do E.B.

A Avaliação Sumativa realizada teve em conta os trabalhos realizados nas unidades didáticas e as capacidades/atitudes de cada aluno, no final do período. O resultado da aprendizagem pode ser traduzido na Avaliação, uma meta que foi atingida e à qual é atribuída uma classificação segundo determinados critérios de avaliação. Os Critérios de Avaliação do 8º de Educação Visual aplicados no ano letivo 2017/2018 (Anexo XVI).

3 Intervenção Letiva

3.1 Descrição das aulas

Aulas nº 1 e nº 2 (Data: 17 - 04 - 2018)

No primeiro bloco de aulas da Unidade Didática: Projeto, que decorreu no dia 17 de abril de 2018, correspondeu às aulas nº 1 e nº 2. O sumário da presente aula foi o seguinte: Início ao estudo sobre o tema: A Arquitetura - Arquitetura do Ferro e a Arte Nova. Modos de Desenho - Desenho de observação de elementos naturais no jardim do Seminário da Luz (aula ao ar livre).

A aula deu início com a entrada total dos alunos da turma e a distribuição dos materiais por parte da equipa de alunos, que tem como tarefa inicial e a recolha destes no final das aulas. Seguidamente é verificada as faltas e presenças. Após estabelecida a organização inicial da aula foi realizada uma análise e discussão sobre os temas: História da Arquitetura e a Metodologia projetual, da página 106 à página 109 do manual da disciplina de Educação Visual. No momento seguinte, foi concretizada a distribuição da Ficha de projeto da Unidade Didática e uma breve apresentação oral da Unidade Didática: Projeto. Explicada as diferentes fases de construção e desenvolvimento da Unidade Didática, a metodologia, os materiais necessários e a avaliação a aplicar. Após a receção e explicação da ficha de projeto da unidade didática é realizada a entrega de uma ficha de informação sobre a Arquitetura, a Arquitetura do Ferro e a Arte Nova, a todos os alunos da turma. A apresentação multimédia sobre o tema: Arquitetura do Ferro e a Arte Nova, foi ao encontro do tema que estava a ser trabalhado. Os alunos da turma demonstraram grande interesse em algumas obras artísticas visualizadas, nos temas escolhidos e as suas características estéticas.

Na presente aula também foi realizada uma apresentação multimédia sobre o tema “Modos do Desenho”, destacando algumas características no âmbito das técnicas de desenho, mais especificamente no desenho de observação.

Na segunda parte da aula, foram realizados os primeiros registos gráficos de representação de elementos naturais observados. As realizações dos primeiros registos gráficos de representação de elementos naturais foram observadas no jardim do Seminário, numa aula ao ar livre. Nesta primeira aula, são solicitados alguns

estudos/esboços e desenhos de observação (registos gráficos com expressão), com recurso a lápis de grafite de diversas durezas, desenho de observação direta de elementos naturais. Nas observações realizadas na aula, destaco o interesse e o empenho dos alunos na realização dos seus desenhos de observação no jardim do seminário. Os alunos envolveram-se na realização dos desenhos de observação direta, assim como, estiveram em contacto com os trabalhos dos outros colegas, observando-os, de forma a melhor as suas potencialidades. Os alunos tomaram consciência da importância desta fase do trabalho, para alcançar o objetivo final, tendo em conta a importância na escolha dos elementos naturais a representar, no projeto.

Aulas nº 3 e nº 4 (Data: 24 - 04 - 2018)

No dia 24 de abril de 2018, decorreu o segundo bloco de aulas de 90 minutos, correspondendo às aulas nº 3 e nº 4. O Sumário das aulas nº 3 e nº 4 foi o seguinte: Continuação do desenvolvimento da Unidade Didática: Projeto - “Criação de um Portão para um Jardim”. Introdução de técnicas criativas para o desenvolvimento do projeto - Construção de um Mapa Mental (trabalho de grupo). Introdução de um novo referente para o projeto à escolha do aluno (animal).

As aulas do dia vinte e quatro de abril deram início com a distribuição dos materiais, realizada por um grupo de alunos da turma, destacado para a realização desta tarefa. De seguida foi realizada uma apresentação de um PowerPoint sobre o tema: “Como construir um Mapa Mental”. O mapa mental é uma técnica criativa que promove a criação e descoberta de novas ideias e soluções para a resolução de problemas. É apresentada e explicada a finalidade e as características de um mapa mental, com uma mostra de exemplos possíveis de mapas mentais.

Na fase seguinte do projeto, foi proposto à turma a construção de Mapas Mentais. Os alunos da turma foram reagrupados seguindo a ordem da pauta. Os mapas foram realizados pelos alunos em pequenos grupos, para promover o surgimento de ideias para a criação de um portão de jardim. A realização de Mapas Mentais tinha também com o objetivo clarificar, recordar (memórias), permitindo descobrir novas ideias face ao problema lançado. A Construção de um Mapa Mental, com a necessidade de encontrar novas soluções e ideias para o desafio que foi lançado. Tarefa que foi executada pelos alunos em pequenos grupos, quatro grupos com quatro

elementos e um grupo com cinco elementos, visto que a turma é composta por vinte e um alunos. Os alunos foram distribuídos por ordem alfabética, pelos cinco grupos. Os alunos ajudaram na organização da sala, na disposição das mesas e cadeiras, de forma a trabalhar em grupo, com o devido espaçamento entre os grupos para permitir uma maior envolvimento dos elementos de cada grupo na realização dos vários mapas mentais de uma forma tranquila e equilibrada. Durante a realização do mapa mental, fui acompanhando e interagindo com os vários elementos dos grupos, de forma a agilizar o trabalho em grupo e solicitar a participação de todos, atribuindo algum feedback quando necessário. Foi solicitado aos alunos, no último momento da aula, a realização de uma pesquisa em suporte de imagem em papel ou noutro suporte (digital), para a aula seguinte, imagens essas do novo referente (animal) introduzido no projeto e escolhido por cada aluno.

Aulas nº 5 e nº 6 (Data: 15 - 05 - 2018)

No terceiro bloco de aulas, decorreram as aulas nº 5 e nº 6 no dia 15 de maio de 2018 e, foi sumariado o seguinte: Realização de registos gráficos do novo referente formal a ser utilizado no portão de um Jardim.

A aula deu início com a distribuição dos materiais e pranchetas, que são retirados e distribuídos por uma equipa de alunos, organizada para desempenhar essa tarefa. É realizada a chamada rapidamente para seguidamente conversar com a turma de forma a verificar e confirmar a realização das pesquisas do novo referente (animal) introduzido para o projeto.

Foi promovida a visualização de algumas imagens de animais no quadro branco, para auxiliar alguns alunos na escolha ou opção para desenvolver como referente no seu projeto. Estes exemplos possíveis para serem desenvolvidos no projeto, poderiam ir ao encontro da escolha e da necessidade dos alunos. Apresentação da nova fase do projeto com a introdução do novo referente, um animal, escolhido e seguindo a critério de por cada aluno. Deu início a fase realização dos primeiros estudos, registos gráficos, de representação do referente solicitado para o projeto, escolhido por cada aluno (animal). Observei durante a aula a realização dos registos gráficos do referente escolhido pelos alunos, e este foi sendo desenvolvido e realizado

na aula, com ritmos de trabalho muito diferentes. Alguns alunos demonstraram maior facilidade do que outros na representação destes elementos.

Num segundo momento da aula, foram distribuídas aos alunos, folhas de papel esquisso de formato A4, com uma quadricula quadrangular. No início dos trabalhos salientei e chamei à atenção da etapa (fase do projeto) de trabalho, de forma a iniciar os estudos gráficos nas quadriculas, das formas naturais e das formas dos animais escolhidos, como novo referente no projeto. Na presente aula, foram iniciados os primeiros estudos, de composições com combinações formais, possíveis, para aplicar na composição criativa do portão para um Jardim. Realização de vários registos gráficos compositivos dos elementos/formas a integrar o portão de jardim, com o apoio das quadriculas (triangular e quadrangular). Estas quadriculas estavam representadas em folhas de papel de esquisso, de formato A4 e foram distribuídas por todos os alunos. As quadriculas facilitam o enquadramento e o enquadramento de todos elementos solicitados a fazerem parte da composição. Os desenhos nas quadriculas, permitiram o desenvolvimento de novas ideias, combinações formais para a resolução do problema, colocando em destaque os elementos formais que compõem o portão de jardim.

Aulas nº 7 e nº 8 (Data: 29 - 05 - 2018)

No quarto bloco de aulas que decorreram no dia 29 de maio de 2018, correspondendo às aulas nº 7 e nº 8. Foi sumariado o seguinte: Início de realização da Composição Plástica – Representação de um Portão para um Jardim, folha de cavalinho de formato A3 com uma esquadria de 1,5 cm. Após a entrada dos alunos na sala de aula, realizou-se a distribuição dos materiais e pranchetas. Os materiais são retirados do armário e distribuídos por uma equipa de alunos, organizada, que desempenha essa tarefa. Verificada as presenças e faltas, dá-se início dos trabalhos com uma conversa com a turma de forma a verificar e confirmar o ponto de situação, quanto à fase de desenvolvimento do trabalho e dos materiais que vão ser utilizados, necessários para a aula. Realizou-se uma exposição de conteúdos com a análise e discussão sobre o tema Elementos Estruturais da linguagem plástica – Luz-cor, nas páginas 20 e 21 do manual de Educação Visual.

No momento seguinte, deu início o desenvolvimento do desenho compositivo do portão para um jardim. Este desenho foi iniciado numa folha de papel de cavalete, de formato A3, com 1,5 cm de margem. Nesta fase de trabalho surge a necessidade de realizar um estudo compositivo do portão (global), com todos os referentes e formas que o vão compor, fazer parte do espaço que está a ser criado. Os alunos compuseram todo o desenho numa folha de papel cavalete de formato A3, com uma quadrícula quadrangular construída por estes e distribuíram de uma forma organizada e equilibrada, todos os referentes e elementos necessários para a composição. Os alunos registaram na quadrícula os elementos estudados e criados para compor todas as partes do portão do jardim. Os alunos usaram a quadrícula para ampliar a imagem das formas dos referentes (animais) que recolheram num formato A5. Para isso, os alunos precisaram apenas de construir uma quadrícula (grelha) numa folha de formato A3, onde realizaram o enquadramento de todos os elementos da composição plástica (referentes). Quanto mais detalhes a imagem tiver, um maior número de quadrados deve ser utilizado. Este método de desenhar permite melhorar a percepção direta das formas no espaço. Quando utilizamos a técnica da quadrícula, alteramos a nossa visão sobre as coisas.

As outras técnicas de enquadramento e de proporção com a observação direta do modelo, tem como objetivo manter o mais fiel possível as proporções do modelo desenhado. Os alunos desenvolveram os seus desenhos, de forma a encontrar novas ideias, possibilidades, para a resolução do problema. Nas observações realizadas durante este processo, constatou-se que esta fase do trabalho, exigiu um esforço por parte dos alunos, quanto ao cuidado a ter no desenvolvimento das formas num espaço específico e com uma determinada função.

Promoveu-se a visualização no quadro branco de algumas imagens, exemplos de portões já realizados e criados por outros autores, com aplicação de materiais recuperados e reciclados, com preocupações ecológicas (ambientais). Foi importante esta mostra para dar continuidade à promoção e proteção do ambiente, da natureza, da casa comum, que se destaca no Projeto Educativo da Escola. A nossa escola é uma ECO - Escola. As preocupações ambientais fazem parte do nosso dia a dia, da nossa escola. Os alunos da escola, da turma, realizaram durante o ano letivo muitas atividades nesse sentido. Os educandos foram desenvolvendo o seu trabalho, com algumas influências das obras visualizadas nas aulas anteriores, da Arquitetura do

Ferro e do estilo Arte Nova, serviram de inspiração para a criação de novas soluções. Observações realizadas na aula, constatou-se que foram algumas as tentativas de representação dos alunos, até definirem a composição gráfica final das formas. Como foi sugerido no enunciado do projeto, alguns alunos, aplicaram alguns conteúdos já trabalhados nas aulas de Educação Visual, entre eles, a forma, o espaço, a composição visual, o módulo-padrão, a assimetria e a simetria e a forma-fundo, de modo a desenvolver uma ideia na representação do portão para jardim.

Aulas nº 9 e nº 10 (Data: 5 - 06 - 2018)

No dia 29 de maio de 2018, realizou-se o quinto bloco de aulas da Unidade Didática, correspondendo às aulas nº 7 e nº 8. Foi sumariado o seguinte: Conclusão da fase do desenho compositivo – Projeto: Criação de um portão para jardim. Início da fase de pintura do portão, com aplicação de técnicas diferentes de pintura.

A aula deu início com a chamada de presenças e com a distribuição dos materiais e pranchetas, tarefa que foi realizada por uma equipa de alunos, organizada para desempenhar essa tarefa. De seguida, conversei com o grupo de forma a verificar e confirmar se todos os alunos continham em sala de aula, os recursos necessários para o desenvolvimento e continuidade do trabalho. Confirmei com o grupo/turma, que a maioria dos alunos já se encontravam na fase de conclusão do desenho compositivo, que foi sendo desenvolvido numa folha de papel cavalinho de formato A3, com esquadria de 1,5 cm. Observei que alguns alunos atrasaram um pouco o seu desenho, este atraso ficou a dever-se em parte, ao cuidado que alguns tiveram na representação de algumas formas que exigiram mais tempo de resolução. Acompanhei o grupo durante a realização da pintura e verifiquei (observação) que um grande número de alunos do grupo/turma aplicaram técnicas mistas. O início da fase de pintura do trabalho, os alunos recorreram a diferentes técnicas de pintura, pintura a lápis de cor, a canetas de feltro ou marcadores, entre outras técnicas de pintura, como a pintura a gauche

Aulas nº 11 e nº 12 (12 - 06- 2018)

No sexto e último bloco de aulas de 90 minutos, que decorreu no dia 12 de junho de 2018, correspondendo às aulas nº 11 e nº 12 da Unidade Didática, e foi sumariado o seguinte: Unidade Didática: Projeto (Criação de um portão para jardim) – Conclusão da fase de pintura e/ou colagem e conclusão de trabalhos. Realização da autoavaliação/inquérito sobre a Unidade Didática, com preenchimento da ficha.

No início da aula, realizou-se a distribuição das pranchetas e materiais dos alunos por parte de uma equipa de alunos, destacada para a realização desta tarefa. Alguns dos alunos nesta fase de conclusão da composição criativa do Portão de jardim, aplicaram-se um pouco mais em terminar os trabalhos, com uma apresentação mais cuidada e com maior qualidade na pintura executada. Observei no geral a conclusão das pinturas dos trabalhos, verificando que muitos elementos da turma teriam planeado aplicar numa fase mais avançada e conclusiva do trabalho, algumas colagens, mas no final isso não veio acontecer. Concluindo a pintura com mais cuidado e mestria. Concluo que alguns chegaram a essa fase, acabando por não aplicar a técnica da colagem (materiais recicláveis) e enriquecendo assim a composição, ficou a dever-se à gestão do tempo para a realização.

Foi solicitado na última aula aos alunos da turma, o preenchimento de uma ficha/inquérito de Autoavaliação sobre a Unidade Didática: Projeto. A ficha/ inquérito tinha a finalidade de confirmar, através dos registos dos alunos, toda a sua prestação relativamente à participação e envolvimento na unidade didática implementada. Todas as atividades e propostas pedagógicas planificadas na unidade didática implementada, encontram-se registadas nos planos das aulas (Apêndice XVIII).

3.2 Avaliação das Aprendizagens

A avaliação formativa assume na Unidade Didática aplicada um carácter contínuo e sistemático, com o recurso a uma variedade de instrumentos de recolha de informação como grelhas de observação e outros, aplicados durante o desenvolvimento da Unidade Didática: Projeto.

A avaliação formativa permite ao professor receber sistematicamente informações nos vários domínios curriculares. Permite e promove a autorregulação

dos percursos dos alunos em articulação com dispositivos de informação, dirigidos aos encarregados de educação e outros.

Fui realizando uma avaliação diagnóstica (pré-requisitos) dos alunos do 8º C durante o presente ano letivo, quando colaborei e observei as aulas de Educação Visual. A avaliação diagnóstica foi uma forma eficaz de realizar as adequações pedagógicas necessárias para aplicar a própria Unidade Didática: Projeto. A avaliação diagnóstica deve realizar-se sempre que seja necessária, sendo essencial para melhorar as estratégias de diferenciação pedagógica de superação de dificuldades que possam surgir e sua integração escolar, dando o apoio necessário quanto à orientação escolar e vocacional do próprio educando.

Os objetivos foram sendo cumpridos ao longo do projeto e durante o desenvolvimento da Unidade Didática. No desenvolvimento da Unidade Didática estiveram presentes alguns fatores de constrangimento com a introdução de novas ideias, de novas soluções através de novas técnicas, com as suas representações mais expressivas. Durante a realização do projeto, fui orientando o grupo de alunos, não interferindo com os conceitos e conteúdos já trabalhados, mas sempre com o intuito de ajudar a questionar, a refletir, a analisar, promovendo o seu sentido crítico. O meu papel, face ao grupo turma foi de orientação e de cooperação relativamente a algumas das decisões que iam sendo tomadas pelos alunos, ao longo do desenvolvimento do projeto. Quanto ao trabalho proposto na Unidade Didática implementada, os alunos apresentavam já adquiridos alguns conceitos no campo do desenho e da pintura, conteúdos lecionados anteriormente, havendo a necessidade e pretensão de serem aferidos e aplicados no projecto.

O Diário Gráfico foi uma das estratégias pedagógicas aplicadas nesta Unidade Didática, que apelava à criatividade dos alunos através de uma temática que lhes era familiar (no âmbito da proteção da natureza e do ambiente), trabalho este realizado entre o meio digital (informático) e o suporte analógico, revelou-se potenciadora da resolução criativa do trabalho proposto. Surtiu efeito, no desenvolvimento de competências dos alunos, contribuindo para a aquisição de conhecimento, dando-lhes as ferramentas necessárias para que estes consigam alcançar os seus objetivos e possam, de forma ativa intervir na sociedade. Tentei perceber o que os alunos, enquanto criadores, tinham em mente na conceção e realização dos trabalhos nas diferentes fases do projeto. Fui atribuindo algum *feedback* durante o desenvolvimento

dos trabalhos (faseado). O meu papel em todo este processo foi tentar estimular os alunos à criatividade, dando apenas algumas indicações que serviriam de baliza ao projeto. Promovi e estimulei à criatividade, dando apenas algumas indicações que serviriam de baliza ao projecto. Era importante que os alunos tivessem a noção de que o projecto era exequível.

Foi positiva a avaliação das aprendizagens, com algumas opiniões favoráveis da docente da disciplina de Educação Visual quanto à evolução dos seus alunos relativamente às técnicas aplicadas e às escolhas de materiais para a realização dos trabalhos por parte dos envolvidos. Algumas competências foram desenvolvidas e novas metodologias foram aplicadas pela primeira vez, com muito êxito, do meu ponto de vista. Os alunos evoluíram e cresceram enquanto criadores, desenvolveram o seu olhar, a sua memória visual, o seu desenho, a sua pintura, conhecendo melhor todas as possibilidades dos materiais através da experimentação e da realização de trabalhos, permitiriam mais tarde como solução a novas expressões.

A arte e a educação funcionam como um instrumento na busca da realização desses objetivos, onde não há uma verdade absoluta, mas a constante conquista de conhecimento

Análise de dados obtidos através da observação

Os alunos do 8º C, num modo geral, apresentaram um comportamento e aproveitamento bom. A maioria dos alunos compreende e aceita as regras de sala de aula, ainda que por vezes possam cometer alguma atitude inapropriada. Estes também tinham a noção destas, respeitando e acatando as chamadas de atenção por parte do docente quando necessárias, revelando atitudes corretas dentro da sala de aula.

Podemos analisar alguns dados, registados nas grelhas de observação, estas foram aplicadas nas aulas da Unidade Didática: Projeto, com o objetivo de recolher os elementos avaliativos, tanto ao nível dos conhecimentos/técnica como das capacidades/atitudes (Apêndice XIX).

A aplicação de um Projeto Educativo de escola, a planificação das aulas, a programação das atividades de enriquecimento curricular, o plano anual de atividades, implica por parte dos professores uma caracterização dos alunos, da escola que frequentam e do meio em que esta se insere, constituindo desta forma, propostas que

se ajustem à realidade e estilos de aprendizagem dos alunos. Foi proposto aos alunos do 8ºC, criarem um Portão para um jardim, num suporte bidimensional em formato A3, numa composição criativa partindo das informações e conteúdos trabalhados em sala de aula. Aprenderam algo de novo sobre a arquitetura, a arquitetura paisagística, que observam no seu quotidiano. Os alunos durante o processo de desenvolvimento do trabalho proposto, tiraram todas as dúvidas sobre estruturas, desenho, forma, espaço, composição e sobre outros conteúdos já lecionados, que aplicaram no seu trabalho, desenvolvido de uma forma faseada. A maioria dos alunos da turma compreendeu os conteúdos da gramática sobre o desenho, as estruturas, o espaço, a forma e a composição visual.

Análise de dados obtidos através das respostas dadas pelos alunos, na ficha/inquérito de Autoavaliação sobre a Unidade Didática

Os alunos face a esta experiência, consideraram importante a fase do Mapa Mental, que foi descrito por muitos alunos como a atividade/momento de maior interesse no desenvolvimento do trabalho. A turma 8ºC, envolveu-se de uma forma muito positiva na maioria das tarefas de desenvolvimento do projeto. Senti satisfação em trabalhar e observar a turma, pelo nível de qualidade dos trabalhos e pela autonomia e responsabilidade que a maioria dos alunos demonstraram durante as aulas. A maioria dos alunos executaram os trabalhos propostos com rigor e empenho, organizaram o seu espaço de trabalho sem perturbarem o dos colegas e, cumpriram na maioria, os prazos estabelecidos e foram cumpridores quanto ao material necessário para a realização dos trabalhos.

A Avaliação Sumativa, tendo como objetivos a classificação e certificação, traduz o resultado (um juízo) das aprendizagens realizadas. Na avaliação Sumativa do 3º período, em relação ao aproveitamento da turma, a maioria dos alunos foram trabalhadores, cumpridores e empenhados, realizando as tarefas propostas atempadamente. Alguns alunos da turma, demonstraram alguma falta de concentração e distração durante a realização, em algumas fases do projeto, não cumprindo por vezes os respetivos prazos para a sua conclusão. Mas estas características gerais, não puseram em causa a realização do trabalho planificado. A turma apresentou um bom nível de aproveitamento na disciplina de Educação Visual. Os trabalhos finais da Unidade Didática: Projeto estiveram em exposição no átrio de entrada do Externato,

aberta a toda a comunidade Educativa. Este trabalho foi resultado do esforço e do empenho dos nossos educandos. O *feedback* do público foi muito positivo.

3.3 Resultados

A turma do 8º C, com a qual foi desenvolvida a Unidade Didática que me propus aplicar, demonstrou empenho durante o desenvolvimento desta, com a qual senti satisfação em trabalhar tanto pelo nível de qualidade dos trabalhos como pela autonomia e responsabilidade demonstrada pela maioria dos alunos.

Foram alguns os fatores que poderão ter influenciado nas escolhas dos alunos relativamente ao trabalho que estava a ser desenvolvido por estes, fatores esses como: o gosto pessoal; as suas preferências; a sua personalidade; o seu histórico; o estado social e económico. Outros fatores que ajudaram no desenvolvimento do trabalho solicitado foram o recuso ao meio informático, mais frequente numa fase de desenvolvimento do desenho, mas também esteve presente como ferramenta de consulta, pesquisas que foram solicitadas e necessárias para algumas das fases do trabalho. O recurso aos meios informáticos (tecnológicos) exigiu uma formação mais crítica por parte do aluno, para facilitar a seleção da informação recolhida e a sua utilização no projeto.

É de realçar a autonomia dos alunos durante toda a dinâmica de desenvolvimento do próprio projeto. Os alunos prosseguiram e consolidaram os conteúdos com autonomia, libertando o professor para outras tarefas de orientação e coordenação dos alunos, mais direcionada e adequada ao perfil de cada aluno, à diversidade destes. Vários conteúdos foram sendo abordados e desenvolvidos nestes trabalhos, contribuindo desta forma para o desenvolvimento da criatividade e de algumas competências dos alunos envolvidos.

Foi também importante a envolvimento dos alunos nas tarefas e na escolha de alguns elementos importantes, que figuraram no seu trabalho, pois através desta atividade que a sua aprendizagem vai sendo concretizada e construída. O ato de aprender traduz-se neste processo sempre em constante mudança.

Facultei aos educandos durante a realização dos trabalhos, desenvolverem a sua capacidade de expressão e de comunicação, assim como, a sua criatividade, a

observação das coisas e do mundo, o seu sentido estético e espírito crítico, promovendo também um ambiente propício e favorável às aprendizagens necessárias.

A introdução de algumas técnicas criativas no projeto, no caso, a construção de um Mapa Mental permitiu uma melhor rentabilização e promoção, surgimento de novas ideias para resolução de um problema. O Mapa Mental promoveu entre os alunos (grupo) o trabalho cooperativo e de partilha, de memórias, de vivências, de conhecimento e de competências. Esta dinâmica revelou-se importante não apenas no que respeita à própria disciplina, mas também pela aquisição de conhecimentos que nela fazem parte e na envolvimento dos grupos no desenvolvimento deste trabalho. Fomentou sobretudo, a partilha de experiências realizadas, como forma de assegurar um enriquecimento pessoal e social.

Não é fácil concretizar todas as tarefas e fases planificadas na unidade didática., mas sinto que foram atingidos os objetivos pretendidos, levando os alunos a atingirem as finalidades planificadas. Houve um entendimento dos conteúdos da gramática das temáticas trabalhadas, das técnicas e da sua aplicação prática.

Os bons resultados promoveram a motivação. permitiu que trabalhassem ainda mais e, se empenhassem ainda mais na sua realização, obtendo resultados superiores. Os resultados corresponderam às expectativas pela qualidade dos trabalhos e pelo desenvolvimento demonstrados à medida que este foi sendo solicitado.

A área artística não faz parte das suas aspirações profissionais futuras, a larga maioria dos alunos do 8ºC pretendem seguir outras áreas profissionais, contudo, confirmo que demonstraram maior apreço e sensibilidade face às obras artísticas expostas, para o desenvolvimento do projeto.

Quanto ao resultado global da ficha de autoavaliação/inquérito realizada e aplicada sobre a Unidade Didática com a turma 8º C, os alunos face a esta experiência, consideraram importante a fase de realização do Mapa Mental, este foi descrito por muitos alunos, como a atividade/momento de maior interesse no desenvolvimento do trabalho. Os alunos evidenciaram maior desenvolvimento de competências em liberdade de pensamento, na sua própria expressão e na sua criatividade, assim como, na sua autoconfiança. Durante o desenvolvimento do projeto, houve uma interiorização da experiência estética com a introdução de elementos culturais (obras) e do meio natural (natureza), promovendo a sociabilidade e a abertura da escola ao meio envolvente. Os alunos, no final, sentiram o reconhecimento do trabalho

realizado, ficando a sua autoestima mais elevada. Os vários conteúdos, competências que foram desenvolvidos e abordados neste trabalho, contribuíram para o desenvolvimento da criatividade e das competências ao nível das atitudes, levando os alunos a atingirem as finalidades planificadas. Com base nestes resultados faço um balanço muito positivo do meu desempenho e do contentamento dos alunos pelo trabalho realizado. Este projecto foi muito motivador, tendo reforçado o interesse dos alunos pelas temáticas dos diversos trabalhos propostos neste período, e pela disciplina.

4 Conclusão (Reflexão)

Atualmente, assistimos a uma profunda transformação na formação de docentes, que diz respeito, nomeadamente à valorização da componente pedagógica do ensino. Neste sentido, os métodos vigentes tendem a encarar o professor como um agente que motiva os alunos para aprendizagem e lhes faculta os métodos para que esta se concretize, não se limitando a ser um mero transmissor de conhecimentos curriculares. As escolas são todas diferentes e por conseguinte, não se pode nem se deve aplicar as mesmas actividades pedagógicas, sendo necessário por isso, partindo do Currículo nacional e do Projeto Educativo da Escola, adaptar e integrar à realidade de cada escola e indivíduo. Entendo, por isso, como fundamental na formação de professores uma abordagem aos conteúdos do desenvolvimento curricular, em todos seus enquadramentos. Os professores frequentemente, ficam com muito pouco tempo para refletir, para pensar, por estarem demasiado absorvidos com a prática da sala de aula e da prática burocrática que é uma constante nas escolas. Não há uma uniformidade nas turmas que são atribuídas, porque não são homogêneas, e há a necessidade de adequar algumas das estratégias pedagógicas face às exigências da turma e ao perfil do aluno (turma).

A realização da Unidade Didática: Projeto, na disciplina de Educação Visual com a turma 8°C, iniciou-se com o esclarecimento e revisão de alguns conteúdos teóricos de relevância, para o entendimento do próprio projeto.

Esteve também presente a Interdisciplinaridade Curricular durante o ano letivo 2017/2018, como ficou demonstrado em alguns episódios/atividades letivas com a participação de diferentes áreas disciplinares. A visita ao Peneda Gerês, destaco-a como uma atividade importante e que permitiu o desenvolvimento de algumas das competências dos educandos. Esta visita foi planeada e trabalhada no âmbito das disciplinas de Ciências Naturais e de Educação Visual do 8º, onde os alunos realizaram alguns desenhos de observação direta ao local.

O outro momento importante foi quando abordei com a turma os períodos artísticos da Arquitetura do Ferro e da Arte Nova. Constatei, em conversa com o colega de História e Geografia de Portugal (HGP) que também ele, nesse momento, fazia referência a esse período histórico do nosso país e do mundo. O que veio a favorecer o conhecimento e a aprendizagem do aluno quanto aos contextos político, económico,

social e outros.

Durante a planificação da Unidade Didática: Projeto, tentei motivar os alunos, através de trabalhos em grupo, aulas ao ar livre, desenho de observação direta, entre outras. Simultaneamente, foram aplicadas algumas estratégias pedagógicas que ajudaram o aluno quanto à pesquisa, à investigação e à descoberta de novas soluções (ideias), algumas delas com o apoio de recursos pedagógicos construídos para o efeito.

O exercício artístico exige alguma organização no que respeita às atividades artísticas, pois estas acionam funções cerebrais que vão contribuir para melhorar a concentração no desenvolvimento do seu trabalho, que vai sendo construído com uma determinada ordem (por fases), e com um controlo entre as suas ações e as suas emoções.

A apreciação e o conhecimento sobre Arte, e o conhecimento dos artistas e das suas obras, permitiu aos alunos desenvolverem perspetivas e pontos de vista únicos, sobre um conjunto variado de temas. Este enriquecimento, permitiu-lhes descobrir e desenvolver determinadas competências, que os outros meios de educação (áreas curriculares) não permitem.

Foi fornecido um guião/ficha de projeto à turma do 8ºC, onde constava toda a informação necessária, todos os passos (fases) a realizar no projeto, como também os problemas aos quais o aluno teria de dar resposta (resolver). Dentro dos objetivos específicos a atingir no projeto pelos alunos, realço a capacidade e o “saber” traduzir uma ideia criativa, em linguagem gráfica e plástica, assim como, conseguirem compreender e aplicar as regras inerentes à estruturação de um projeto tendo em conta a sua expressão pessoal, seguindo uma metodologia faseada. Na modalidade em Projeto os educandos, contactaram com a natureza, não só demonstrada nas obras artísticas observadas, mas também na aula ao ar livre no jardim do Seminário da Luz, para extrair dela formas e ideias para o trabalho em curso.

Tendo em conta a realização do projeto, nas diversas fases de concretização, considero positivo o trabalho obtido. Beneficiou a aprendizagem dos alunos nos seguintes pontos:

- Melhoria da expressão plástica;
- Discussão de ideias e desenvolvimento da criatividade;
- Desenvolvimento do sentido crítico;
- Incremento da cultura visual e artística.

O exercício proposto no projeto, foi a criação de um “portão para um jardim”, em suporte bidimensional. Os alunos, face a este exercício, foram levados a experimentar e a observar diferentes linguagens plásticas, com diferentes materiais e diferentes épocas históricas. Todas estas experiências promoveram a sua criatividade, sendo favorecida durante a interação com os seus pares na fase de trabalho em grupo (mapa mental). A interação dos alunos entre si durante a execução do projeto, em que recorreram fundamentalmente ao desenho e à pintura, permitiu-lhes adequarem os meios, à ideia que pretendiam materializar.

Os alunos tiveram a oportunidade de realizar algumas visitas de estudo durante o ano letivo, que foram um contributo importante para a aprendizagem. Outras atividades como a visita a museus (Museu de Arte Popular, em Lisboa), reforçaram e aferiram alguns conteúdos lecionados na disciplina, porque o mundo e a aprendizagem não acabam na escola, existem outros locais de aprendizagem. Sair do edifício Escola, ver o mundo, como o vemos, como ele é.

O indivíduo ao longo da sua vida, precisa progressivamente de compreender, de apreciar obras artísticas realizadas por profissionais (os artistas), que partilham e exploram os vários aspetos da sua existência. Os seres humanos têm potencial criativo e a arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparáveis, em que o indivíduo participa ativamente em experiências, em processos e desenvolvimentos criativos.

A minha intenção inicial para a planificação desta unidade didática, para além da minha preocupação em trabalhar com os alunos os modos do desenho e a sua expressão plástica individual, surgiu da necessidade de promover a Cultura Visual, de criar nos alunos o interesse pelas Artes Visuais, pelo património nacional e internacional. A valorização do património artístico, cultural, e natural da sua região, por parte do educando é fundamental para o reconhecimento dessa afirmação cultural e a sua preservação como um dever de todos, num mundo em constante alteração, num mundo global. Demonstrar e comprovar aos alunos a importância destes espaços (jardins, praças, edifícios, etc.), espaços de vida, de vivências intensas, que lhes trazem à memória coisas gratificantes e prazerosas.

É um facto, os alunos desconhecem muitos dos espaços e sítios da cidade de Lisboa, eles encontram-se mais ligados ao que se passa num ecrã de telemóvel ou de um computador. Constatei que muitos dos alunos vão de carro para a escola, verificando a existência de um grande desconhecimento em muitos deles dos espaços

importantes da cidade de Lisboa, culturais e outros, fruto de uma vivência resumida ao trajeto casa-escola.

O aluno ao observar o que se passa à sua volta, compreende melhor o Mundo e o Outro. Utilizei suportes visuais multimédia para despertá-los para o que os envolve, a cidade de Lisboa, e os espaços por onde passam diariamente e não observam com a devida atenção. Nestes espaços de descoberta ou de novidade, praças, ruas, jardins da cidade, podemos observar as obras arquitetónicas, escultóricas, pictóricas e outras, de outros tempos. Os espaços da cidade de Lisboa, alguns intervencionados com elementos artísticos de determinados períodos, por exemplo a entrada da estação do metro de Picoas, permitem-nos apreciar e analisar estéticas de outras épocas e nos fazem recordar e manter viva essa memória. Promove também a época em que as obras observadas foram criadas, assim como, os costumes desse período, dando a conhecer aos nossos educandos através da arte, alguns movimentos artísticos, como estes surgiram, as obras artísticas e os seus artistas, quais os materiais e técnicas aplicadas na sua elaboração e quais as necessidades da época. A valorização das obras artísticas presentes na cidade de Lisboa, deve despertar nos nossos alunos a apetência para a observação, apreciação, valorização e divulgação deste “conhecimento” artístico.

Quando apliquei este projeto à turma 8ºC, tinha a intenção de promover e defender a proteção e recuperação das obras artísticas, e se necessário o restauro, pelo facto, de que estes elementos artísticos/culturais se perdem com o tempo. Só preservamos o que conhecemos e o que gostamos.

Constatei que nas aulas de Educação Visual os alunos apresentaram uma série de dificuldades em atividades psicomotoras, surgindo a questão que permeou esta pesquisa: como é que um ensino de arte significativo, com a aprendizagem do desenho e da pintura, em conjunto com o estudo de movimentos artísticos e de artistas modernos e contemporâneos, pode contribuir para a psicomotricidade e para o conhecimento estético do educando.

Os vários conteúdos expostos e definidos na planificação da unidade didática, tais como os processos de análise e de estudo das formas, através da observação das formas artísticas e naturais, da sua estrutura e características próprias, foram abordados de acordo com a planificação realizada face ao ritmo dos alunos (perfil).

As competências desenvolvidas foram necessárias e importantes para a formação integral do aluno. As suas respostas e soluções apresentadas foram

diferentes, muito diversificadas, todas elas interpretações igualmente possíveis. Os trabalhos realizados pelos alunos foram do agrado destes relativamente ao produto final, e por isso, faço um balanço muito positivo do resultado de toda esta experiência pedagógica. Esta experiência e investigação permitiu-me também uma maior envolvimento no Projeto Educativo de Escola/Projeto Curricular de Escola. Foi uma experiência pedagógico-didáctica muito enriquecedora que me forneceu instrumentos para desempenhar com empenho, rigor e profissionalismo. O Projeto Educativo de Escola prevê a realização de atividades que contemplem estes princípios e fundamentos, valorizando as aprendizagens, que promovam as dimensões teórica e prática, e a diversidade de metodologias de ensino, de estratégias e atividades de aprendizagem.

Neste processo de ensino-aprendizagem é necessário dar a todos os intervenientes, alunos e professores o sentido daquilo que se aprende. Aos alunos, dar a possibilidade de refletir sobre o que aprenderam, e aos professores sobre o que ensinaram para daí retirarem o proveito do seu trabalho. A prática pedagógica implica uma reflexão constante, uma investigação e aprendizagem constantes, uma descoberta, uma relação professor/aluno em que cada um dá e recebe.

Serve para reflexão futura: e se um destes exercícios tivesse sido realizado mais cedo no ano letivo, por exemplo no 2º Período, e dando os mesmos incentivos, será que os resultados que os alunos obtiveram seriam os mesmos?

O processo de aprender implica o processo complementar de ensinar. Aprender é modificar o comportamento individual. É o ato pelo qual um aluno capta e elabora a partir de conteúdos expostos e dinamizados pelo professor. A escola tem o dever de proporcionar aos alunos a formação adequada à sua cultura, à sua individualidade, e de formar os indivíduos do amanhã, facilitando a sua posterior integração na sociedade.

A presente experiência e investigação foi uma etapa importante na minha formação enquanto professora, mas também uma oportunidade para a realização de futuras reflexões e investigações. Entendo a educação como um processo de desenvolvimento essencial ao ser humano, não é estático, acompanha a evolução do mundo e portanto, é dinâmica e adaptável a cada novo tempo que sucede.

5 Referências

- ARNHEIM, R. (1998). *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Nova versão. Tradução de Yvonne Terezinha de Faria. São Paulo: Editora Pioneira.
- BAHIA, S. (2002). Da educação à arte e à criatividade, sobredotação, *Atas do III Congresso Anual da Aneias*. 3(2): 101-26.
- BARROS, L. D. (2004). *O desenho de observação e a literacia visual*. Dissertação de mestrado em Desenho, apresentada pela Faculdade de Belas Artes. Universidade de Lisboa.
- BERGER, J. ((1980). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.
- BODEN, M. A. (1999). *Dimensões da Criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- CASTRO, A. L. M. B. (2006). O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem piaget e vygotsky. *Revista Psicopedagogia*, 23(70), 49-61. Recuperado em 7 de fevereiro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=pt&tlng=p
- CIZEK, Franz. (1910). *Children's coloured paper work*. Viena: Anton Schroll.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1996). *Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention*. New York: HarperCollins.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1998). *Creatividad: el fluir y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Paidós.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1999). Implications of a systems perspective for the study of creativity. In: R. J. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity*, New York: Cambridge University Press, p. 313-335.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (2007). *Aprender a fluir*. Barcelona: Kairós.
- EFLAND, Artur (2002). [1990]. *Una História de la educación del arte: tendencias intelectuales y sociales en la enseñanza de las artes visuales*. Barcelona: Paidós.
- FAHR-BECKER G. (2000). *A Arte Nova*. Itália: Edição Portuguesa Konemann Verlagsgesellschaft.

FRANCISCO, R.; ISABEL, S.; RUI, L. (2013). *Visual. Educação Visual 3º Ciclo*. Lisboa: Texto.

FRANÇA, J-A. (2004). *História da Arte em Portugal – O Pombalismo e o Romantismo*. Lisboa: Presença.

FRÓIS, J. P. (1999). Entrevista com Michael Parsons. Noesis, 52. <http://www.dgicd.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe52/dossier6.htm>

GASPAR, M, I, ROLDÃO, M, C. (2007). *Elementos do Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: UA.

GARDNER, H. (2000). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed.

GONÇALVES, R., FRÓIS, J., MARQUES, E. (2011). *Primeiro Olhar*, Programa Integrado de Artes Visuais. Caderno do Professor. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas.

GREIG, P. (2004). *A criança e o seu desenho*. O nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed.

HESS, W. (1999). *Documentos para a compreensão da pintura moderna*. Coleção Vida e Cultura. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

JANSON, W. (1986). *História da Arte*, 4ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LOWENFELD, V. (1970). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

LOWENFELD, V. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Viktor_Lowenfeld> Acesso em: março, 2018.

MASSIRONI M. (2015). *Ver pelo Desenho – Aspectos técnicos, cognitivos e comunicativos*, 1ª Edição. Lisboa: Edições 70

MAURICE, M-P. (2000). *O olho e o espírito*. 3ª Edição. Lisboa: Vega Passagens.

PARSONS, M. J. (1992). *Compreender a Arte. Uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo*, 1ª Edição. Lisboa: Presença.

PESSOA, F. (2008). *A Mensagem - Poesia*, Lisboa: Angelus Novus

PIAGET. J. (1954). *L'Education Artistique et la Psychologie de L'enfant*. In Art et Education. Paris: UNESCO.

PIAGET. J. (1971). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2006). *Programa de Educação Visual*. “Ajustamento do programa de Educação Visual 3º ciclo”. Lisboa: Ministério da Educação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2012). RODRIGUES A. C. (Coordenador); Cunha F.; Félix V. *Metas Curriculares - Ensino Básico, Educação Visual 2º e 3º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

OLIVEIRA J. (2007). *Psicologia da Educação – 1º Volume: Aprendizagem – Aluno*, 2ª Edição. Porto: Legis /Livpsic.

READ, H. (2010). *Educação pela Arte*. Coleção Arte & Comunicação. Lisboa: Edições 70.

WILKINSON, P. (2011). *50 Ideias de Arquitetura que precisa de saber*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

6 Sites Consultados

Documentos Orientadores

Junta de Freguesia de Carnide - Carnide: História e Curiosidade [acedido no dia 17-11- 2017] www.jf-carnide.pt

Ministério da Educação [acedido no dia 17-11- 2017] www.min-edu.pt

Externato da Luz, Lisboa - Documentos oficiais da escola [consultado no dia 19 - 11- 2017] www.externatodaluz.com

Direção Geral de Educação - Aprendizagens Essenciais [consultado no dia 05-07- 2018] <http://dge.mec.pt/Aprendizagens-Essenciais>

Direção Geral de Educação - Educação Artística [consultado no dia 17-11- 2017] <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/investigacao.html>

Direção Geral de Educação - Educação Artística [consultado no dia 17-11- 2017] www.dge.mec.pt

Direção Geral de Educação (DGE) - Autonomia e Flexibilidade Curricular [consultado no dia 05- 07- 2018] <http://dge.mec.pt/autonomia-e-flexibilidade-curricular>

Direção Geral de Educação (DGE) - Projeto Autonomia e Flexibilidade Curricular e o Perfil dos alunos [consultado no dia 05-07-2018] www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Documentos -Temática:

Geometria Plana [consultado no dia 23-11- 2017] <http://www.geometricas.net>

Arquitetura do Ferro [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <https://noseahistoria.wordpress.com/2011/06/01/arquitetura-do-ferro-na-2-%C2%AA-metade-do-seculo-xix/>

Arquitetura do Ferro [consultado no dia 17- 02- 2018] <https://noseahistoria.wordpress.com/2011/06/01/arquitetura-do-ferro-na-2-%C2%AA-metade-do-seculo-xix/>

História da Cultura e das Artes [consultado no dia 17- 02- 2018] <http://histculturaltes.blogspot.pt/2012/02/arquitetura-do-ferro-e-do-vidro.html>

Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves - Casa de Malhoa [consultado no dia 17- 02- 2018] [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Casa Museu Dr. Anast%C3%A1cio Gon%C3%A7alves - Casa de Malhoa.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Casa_Museu_Dr._Anast%C3%A1cio_Gon%C3%A7alves_-_Casa_de_Malhoa.JPG)

Arte Nova em Portugal [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <http://arte-nova.blogspot.pt/2009/03/arte-nova-em-portugal.html>

Arquivo Municipal - Camara Municipal de Lisboa [consultado no dia 04 - 02 - 2018] http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/7/cad07_10.pdf

Arquitetura do Ferro e do Vidro [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <http://histcualtes.blogspot.pt/2012/02/arquitetura-do-ferro-e-do-vidro.htm>

Museu Fundação Gulbenkian – Placa de gargantilha [consultado no dia 12 - 01- 2018] https://gulbenkian.pt/museu/works_museu/placa-de-gargantilha-arvoredos/

Museu da Fundação Gulbenkian - Rene Lalique [consultado no dia 12 - 01- 2018] https://gulbenkian.pt/museu/works_museu/peitoral-serpentes/

Museu da Fundação Gulbenkian – coleção – artistas [consultado no dia 12 - 01- 2018] <https://gulbenkian.pt/museu/artist/rene-lalique/>

A Arte Nova em Lisboa (Roteiro 1) [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <http://www.e-cultura.sapo.pt/artigo/19361>

Arquitetura do Ferro na segunda metade do século XIX [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <https://noseahistoria.wordpress.com/2011/06/01/arquitetura-do-ferro-na-2-%C2%AA-metade-do-seculo-xix/>

História da Cultura e das Artes [consultado no dia 06 - 02 - 2018] <http://histcualtes.blogspot.pt/2012/02/arquitetura-do-ferro-e-do-vidro.html>

Arte Nova em Portugal [consultado no dia 06 - 02 - 2018] <http://arte-nova.blogspot.pt/2009/03/arte-nova-em-portugal.html>

Arquivo Municipal da cidade de Lisboa [consultado no dia 06 - 02 - 2018] http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/7/cad07_10.pdf

Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves [consultado no dia 06 - 02 - 2018]

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CasaMuseu_Dr. Anast%C3%A1cio_Gon%C3%A7alves_-_Casa_de_Malhoa.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CasaMuseu_Dr._Anast%C3%A1cio_Gon%C3%A7alves_-_Casa_de_Malhoa.JPG)

Movimento Arte Nova em Portugal [consultado no dia 04 - 02 - 2018]

<http://lightinaglasscandeeiroapetroleo.blogspot.pt/2014/07/movimento-arte-nova-em-portugal.html>

Arte Nova – Um olhar sobre Lisboa [consultado no dia 04 - 02 - 2018]

<https://youtu.be/L23eXSh7Q2k>

Arte Nova [consultado no dia 04 - 02 - 2018] <https://youtu.be/l6kykKyJYmk>

Imagens de animais [consultado no dia 17 - 01 - 2018]

https://www.google.pt/search?biw=1093&bih=530&tbm=isch&sa=1&ei=2RRSW43PKYfSwAK_hKy4Dw&q=animais+de+jardim&oq

7 Índice de Figuras

Figura 1- Imagem da entrada principal do Externato da Luz	31
Figura 2- Imagem da entrada no Externato da Luz, muro da escola (exterior)	32
Figura 3- Imagem do Slide da U.D., sobre o projeto de trabalho	41
Figura 4 - Recriação da obra do autor -- Imagem do trabalho do aluno A	42
Figura 5- Unidade Didática: Módulo-Padrão - Imagem do slide de apresentação ...	43
Figura 6 - Visita de estudo ao Gerês - Imagem do trabalho realizado pelo aluno A	46
Figura 7- Visita de estudo ao Gerês - Imagem do trabalho realizado pelo aluno B .	46
Figura 8- Desenho de observação direta – Imagem da aula ao ar livre	55
Figura 9 - Desenho de observação direta – Imagem da aula ao ar livre	56
Figura 10- Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre.....	57
Figura 11 – Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre.....	58
Figura 12 – Desenho de observação de formas naturais – Aula ao ar livre	58
Figura 13 - Mapa Mental - Imagem do trabalho de grupo.....	60
Figura 14 - Mapa Mental – Imagem do trabalho de grupo	61
Figura 15 - Mapa Mental construído pelo grupo A	61
Figura 16 - Mapa Mental construído pelo grupo B.....	62
Figura 17 – Registos gráficos com recurso da quadricula (durante a realização).....	64
Figura 18 - Registos gráficos com recurso da quadricula (durante a realização)	64
Figura 19 - Registo gráfico realizado pelo aluno A com recurso da quadricula.....	65
Figura 20 - Registo gráfico realizado pelo aluno B, com recurso da quadricula.....	66
Figura 21 - Desenho compositivo realizado pelo aluno A.....	67
Figura 22 - Desenho compositivo realizado pelo aluno B	68
Figura 23 - Desenho compositivo realizado pelo aluno C.....	69
Figura 24 – Fase inicial da pintura – imagem do trabalho do aluno A.....	70
Figura 25 - Fase inicial da pintura – imagem do trabalho do aluno B.....	70
Figura 26 – Fase de conclusão - Imagem do trabalho realizado.....	71
Figura 27 - Fase de conclusão - Imagem do trabalho realizado.....	72
Figura 28 - Trabalhos realizados e expostos no átrio da escola.....	73
Figura 29 - Trabalhos realizados e expostos no átrio da escola.....	73

8 Índice de Quadros

Quadro I – População que frequenta o pré-escolar no Externato da Luz, no ano letivo 2017/ 2018	32
Quadro II – População que frequenta o 1º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018	32
Quadro III – População que frequenta o 2º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018	33
Quadro IV – População que frequenta o 3º Ciclo no Externato da Luz, no ano letivo 2017/2018	33
Quadro V – Horário da Turma 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	36
Quadro VI – Dados sobre a faixa etária dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	36
Quadro VII – Dados sobre o agregado familiar dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	36
Quadro VIII – Dados sobre a saúde dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	37
Quadro IX – Estratégias educativas a desenvolver com a turma 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	37
Quadro X – Situação escolar dos alunos do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	38
Quadro XI – Sistema de diagnóstico contínuo e avaliação dos alunos com dificuldades do 8º C – Externato da Luz, 2017 / 2018	38
Quadro XII – Desenho de observação - Ficha de trabalho realizada no âmbito da visita de estudo ao Gerês	45
Quadro XIII – Grelha da Planificação da Unidade Didática: Projeto (aplicada no 3º período)	50

9 Anexos

Anexo I - Currículo Nacional - Competências Específicas - Educação Artística e Visual.

Anexo II - Projeto Pastoral do Externato da Luz.

Anexo III - Projeto Educativo da Escola - 2016/2019.

Anexo IV - Projeto Curricular de Escola - 2017/2018.

Anexo V - Planificação de Educação Visual - 8ºano.

Anexo VI - Planificação Mensal de Temas do 8º de Educação Visual para 2017/2018.

Anexo VII - Plano Anual de Atividades de Artes e Tecnologias do 8º ano

Anexo VIII - Luz, Cor e Forma na Composição Plástica - 1ºP - Apresentação multimédia.

Anexo IX - Recriação da obra de Van Gogh - Imagens dos trabalhos dos alunos.

Anexo X - Módulo-Padrão - 2ºP - Apresentação multimédia.

Anexo XI - Módulo-Padrão - 2ºP - Visita de Estudo à Exposição tema: Escher - Ficha de trabalho.

Anexo XII - Módulo-Padrão - 2ºP - Ficha de trabalho em sala de aula.

Anexo XIII - Visita ao Gerês - 3ºP - Imagens dos trabalhos realizados.

Anexo XIV - Metas Curriculares de Educação Visual do 8º - 3º Ciclo do E.B.

Anexo XV - Ficha de Avaliação de Educação Visual.

Anexo XVI - Critérios de Avaliação de Educação Visual do 8º - 2017/2018.

10 Apêndices

Apêndice I - Planificação da Unidade Didática: Projeto - Educação Visual 8º, 3ºP.

Apêndice II - Arquitetura do Ferro e a Arte Nova - Apresentação multimédia.

Apêndice III – Criação de um portão para jardim - Ficha do tema do Projeto da Unidade Didática: Projeto.

Apêndice IV - Arquitetura do Ferro e a Arte Nova - Ficha de Informação.

Apêndice V - Modos de Desenho - Apresentação multimédia.

Apêndice VI - Desenho de Observação - Aula ao ar livre (Jardim do Seminário da Luz)

Apêndice VII - Desenho de Observação - Imagens dos trabalhos no Diário Gráfico.

Apêndice VIII - Como construir um Mapa Mental - Apresentação multimédia.

Apêndice IX - Mapa Mental - Imagens dos trabalhos de grupo durante o processo, em sala de aula.

Apêndice X - Mapas Mentais - Imagens dos trabalhos de grupo.

Apêndice XI - Novo Referente (Animal) - Apresentação multimédia.

Apêndice XII - Processo de ampliação e composição (quadricula) - Imagens dos trabalhos.

Apêndice XIII - Unidade Didática: Projeto - Imagens das aulas nº 7 e nº 8.

Apêndice XIV - Fase de pintura e de colagem - Imagens das aulas nº 9 e nº 10.

Apêndice XV - Inquérito e Autoavaliação da Unidade Didática: Projeto, aplicado no 8ºC.

Apêndice XVI - Portão para um Jardim - Imagens dos trabalhos finais.

Apêndice XVII - Exposição Final - Imagens dos trabalhos.

Apêndice XVIII - Unidade Didática: Projeto - Planos das Aulas.

Apêndice XIX - Grelhas de Observação das aulas – Avaliação da Unidade Didática.